Cadernos de apoio e aprendizagem

LIBRAS

3º ano

áurea editora

PREFEITURA DE SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

PROGRAMAS: LER E ESCREVER / ORIENTAÇÕES CURRICULARES

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.
Cadernos de apoio e aprendizagem: Libras – 3º ano (livro do professor) / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2012.
144p. : il.
Bibliografia

ISBN: 978-85-60686-66-7
Acompanha DVD
1.Educação Especial I.Título

CDD 371.9

Código da Memória Técnica: SME44/2012

PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito
Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Educação

Secretária
Célia Regina Guidon Falótico

Secretário Adjunto
João Thiago de Oliveira Poço

Diretora da Assessoria Técnica de Planejamento
Sueli Aparecida de Paula Mondini

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

Divisão de Orientação Técnica Educação Especial
Silvana Lucena dos Santos Drago
Adriana Sapede Rodrigues
Auta Adelaide Constantino Aihara
Luci Toreli Salatino
Monica Conforto Gargalaka
Monica Leone Garcia
Raquel Gomes
Sueli de Lima

Educação Infantil
Yara Maria Mattioli

Ensino Fundamental e Médio
Suzete de Souza Borelli

Educação de Jovens e Adultos
Rosa Maria Laquimia de Souza

Diretores Regionais de Educação
Eliane Seraphim Abrantes, Elizabeth Oliveira Dias, Hatsue Ito, Isaias Pereira de Souza, José Waldir Gregio, Leila Barbosa Oliva, Leila Portella Ferreira, Lucimeire Cabral de Santana Freitas, Maria Antonieta Carneiro, Marcelo Rinaldi, Silvana Ribeiro de Faria, Sueli Chaves Eguchi, Waldecir Navarrete Pelissoni

Equipe técnica de apoio da SME/DOT Educação Especial
Ari Osvaldo de Oliveira Silva
Jucelia de Paula Medeiros Malaquias

Concepção do Projeto
Silvana Lucena dos Santos Drago
Adriana Sapede Rodrigues
Mônica Conforto Gargalaka

Elaboração
SME/ DOT Educação Especial

Organização
Profa. Dra. Maria Cecilia de Moura

Colaboradores – Equipe de Conteúdo
Aldeis Paula de Ameida
Amandine Alpha Marie Lorthiois
Ana Claudia Fossati Mota
Ana Cristina Camano Passos
Ana Luiza Pedroso de Lima
Sylvia Lia Grespan Neves

Colaboradores
Profa. Dra. Ana Cláudia Lodi
Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros
Profa. Dra. Tanya A. Felipe
Amarilis Reto Ferreira
Ana Cláudia dos Santos Camargo
Katia Cerniauskas
Maria Aparecida Casado
Maria Izilda Ricetti Fernandes
Mônica Conforto Gargalaka
Patricia Barbosa da Silva
Sabine Antonialli Arena Vergamini
Sandra Regina Leite de Campos
Solange Schimitz Saraiva

Agradecimento a todos os profissionais que atuam na educação de surdos que contribuíram para a realização deste material.

Produção Editorial
Áurea Editora – www.aureaeditora.com.br

Direção Executiva
Dirceu Pereira Jr.

Coordenação
Andrea Iguma

Administração
Claudia Barbosa Pereira e Rosana Cristina Gutierrez

Supervisão e Revisão Libras
Eduardo Sabanovaite e Sylvia Lia Grespan Neves

Revisão Língua Portuguesa
Milton Bellintani

Diagramação Eletrônica
Marcos Veras e Bruno Matos

Produção Fotográfica de Libras
Gabriela Benvenuti Arruda

Ilustrações
Rogério Michieli

Tratamento Fotográfico de Libras
Andrea Iguma

Modelos Fotográficos
Cristiano Koyama, Henrique Almeida, Leandro Abud Fonseca, Mikaelly Cavalcanti, Sueli Sakamoto Sabanovaite

Prezado professor,

Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras, destinados aos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, tem como finalidade contribuir para o trabalho docente visando à melhoria das aprendizagens dos alunos dentro da perspectiva bilíngue de educação de surdos.

Sua elaboração teve como critérios para seleção dos conteúdos o alcance das expectativas de aprendizagem contidas nos documentos de Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - Língua Brasileira de Sinais, organizado por especialistas da área da surdez e coordenado pela Diretoria de Orientação Técnica – Educação Especial.

Destacamos que as atividades propostas foram elaboradas para favorecer aos alunos uma reflexão metalinguística sobre sua própria língua e para que usem ativamente seus conhecimentos na realização das atividades apresentadas.

É importante lembrar que esta obra não esta recomendada como único recurso a ser utilizado para a aprendizagem dos estudantes. Ela deve ser complementada com atividades planejadas pelo professor, em função das características de sua turma, fazendo uso de outros livros didáticos, publicações da SME disponíveis nas escolas e de recursos digitais que você acreditar serem pertinentes para o avanço da aprendizagem de seus alunos.

Para cada ano de escolaridade foram produzidas sequências de atividades em Libras, gravadas em vídeo, e outras impressas contemplando alunos e professor.

Esperamos que a disponibilização dos Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras para todos os alunos e professores possa contribuir para a construção de uma educação bilíngue de qualidade para surdos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Saudações

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Índice

PARA INÍCIO DE CONVERSA... 9
ORIENTAÇÕES 11
A SALA DE AULA 12
A ESCOLA 13
A CULTURA SURDA 13
A FAMÍLIA 14
O PROFESSOR 16
ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS 18

BIBLIOGRAFIA 21

INTRODUÇÃO AO SEGUNDO ANO 23

UNIDADE 1 APRESENTAÇÕES 27
UNIDADE 2 JOGOS E BRINCADEIRAS 47
UNIDADE 3 TEXTOS INSTRUCIONAIS E RECEITAS 57
UNIDADE 4 ROTEIROS E MAPAS 69
UNIDADE 5 PENSANDO SOBRE NOSSA LÍNGUA 79
UNIDADE 6 HISTÓRIAS 89
UNIDADE 7 OUTROS TEXTOS 107
UNIDADE 8 CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS 117

ANEXOS 125

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Pensar na criança Surda* nos remete à questão da língua de sinais e de sua importância para o desenvolvimento social, cognitivo e psíquico. É pela linguagem que todos nós somos colocados no mundo e aprendemos a nos comunicar, a pensar e nos organizar interiormente. Para que tudo isso possa acontecer, precisamos de uma língua. E para a criança surda a língua de sinais é a que ela pode adquirir naturalmente e que lhe possibilita um desenvolvimento pleno e sem fronteiras.

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é reconhecida pelo governo federal pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de dezembro de 2005. Sua utilização nos ambientes escolares é recomendada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para que o surdo tenha a possibilidade de ter acesso ao conhecimento e possa se desenvolver de acordo com o seu potencial. A língua de sinais é uma língua visual e isso garante que o surdo, independentemente da perda auditiva, possa adquiri-la e se constituir como ser social, podendo pensar, opinar e adquirir a língua escrita da comunidade ouvinte.

É de extrema importância que a língua de sinais seja totalmente adquirida para que a criança possa dominá-la e se constituir como ser da linguagem. Somente com uma primeira língua solidamente adquirida é que a criança surda poderá aprender a sua segunda língua: a língua portuguesa.

Essa aprendizagem vai depender de suas habilidades numa primeira língua (no caso, a língua de sinais – Libras, no Brasil) como para qualquer criança bilíngue.

O grande desafio tem sido e é, até hoje, como propiciar essa aquisição da melhor forma possível. Se acreditarmos que a linguagem é desenvolvida no contexto social e imaginarmos que a criança Surda não tem acesso à língua de sinais por meio de interlocutores usuários e fluentes nesta língua no ambiente em que vive (pois a maioria é filha de pais ouvintes sem domínio da Libras), como a criança poderá adquirir a língua e desenvolver sua linguagem de forma a poder estar e se relacionar com o seu ambiente e usar a linguagem para se estruturar? Consideramos que esse é o papel da escola bilíngue para surdos.

Mas, como fazer isso? Algumas crianças chegam ao espaço escolar com um bom desenvolvimento de linguagem, tendo adquirido a Libras em outras escolas para surdos ou em outros ambientes. Outras podem não ter tido nenhum acesso à Libras e se encontrarem numa posição de grande déficit de aquisição de língua e, consequentemente, de linguagem. Tanto num caso como no outro, ainda que de forma diferente, há a necessidade de um trabalho específico que possibilite ou a aquisição da linguagem pela introdução da Libras ou a continuidade no desenvolvimento da mesma.

A criança ouvinte tem essa aquisição e desenvolvimento no contexto de suas relações sociais, no seu convívio diário com outros falantes de diferentes idades, estilos de conversação e gêneros de linguagem. Mesmo por meio da aquisição incidental da língua, a criança ouvinte desenvolve suas habilidades linguísticas e sua capacidade de desenvolver vários estilos e formas de conversar com os outros ou consigo mesma. Ainda assim, essas crianças ouvintes têm na escola atividades dirigidas para o seu aprimoramento linguístico. Para a criança Surda, a aquisição de uma língua e da linguagem deve ser propiciada e construída pelo espaço escolar. Torna-se necessário realizarmos um parêntese aqui, para tocarmos num aspecto muito importante: a família. Não se pode retirar o papel da família no desenvolvimento global e de linguagem da criança Surda. É de suma importância alertar e orientar a família para que também possibilite a aquisição de linguagem da criança, mas, normalmente, esse é um processo demorado por envolver aspectos psicológicos significativos e que devem ser levados em consideração quando se trabalha com a família.

Será no ambiente escolar que a criança terá condições de adquirir a língua e, consequentemente, de-

---

*A palavra "Surdo/a" está grafada com letra maiúscula para se referir ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua "deficiência", mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença (MOURA, 2000).

senvolver a sua linguagem da melhor forma possível, sem as restrições que normalmente estão presentes no ambiente doméstico (de natureza psicológica, como citamos anteriormente).

O problema que se coloca é: como fazer isso? De que forma propiciar um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento de linguagem da criança Surda? É importante reiterarmos que não se trata do ensino da Libras como código ou como mera repetição de Sinais. O que se deseja é que a Libras seja a primeira língua da criança para que ela possa se constituir como ser da linguagem: pensar, decidir, se organizar e organizar o mundo à sua volta. Enfim, ser um indivíduo ativo e atuante no seu ambiente, seja ele o doméstico, o profissional ou o social em um sentido mais amplo. Para que isso aconteça, a criança Surda precisa estar cercada de linguagem o tempo todo. Os adultos à sua volta, nas interlocuções dirigidas ou não a ela, os discursos de seus colegas, mais velhos ou mais novos, serão o modelo para que ela possa mais do que adquirir uma língua, adquirir seu status de falante e de ser comunicativo que pode influenciar o que acontece à sua volta.

Para isso, todos aqueles envolvidos na educação do surdo devem ter o cuidado de utilizar a Libras o tempo todo em que estiverem presentes seus alunos surdos, seja conversando com ouvintes ou com surdos. Uma sugestão é que o professor treine em situações informais, com colegas, a se comunicar por meio da Libras. Ele deverá se esforçar para que possa se habituar a essa forma de comunicação, que fará parte de sua vida sempre que estiver na escola, o que representa uma parte grande de seu dia.

Para que mudanças significativas aconteçam e novos hábitos sejam criados, é necessário persistência. Os colegas podem ajudar também. Peça para seu colega apontar quando perceber que você não está usando Libras. Acostume-se a não ouvir a sua própria voz. Quando estiver com seus colegas num ambiente em que não houver surdos, pode usar apenas o português, mas se no lugar em que você e seus colegas ouvintes estiverem existir surdos, use a Libras. A razão disso é que é muito importante que a criança Surda veja a Libras em diferentes contextos, não apenas quando a professora ou os colegas se dirigem a ela. É assim que a criança ouvinte apreende a língua: contextos e interlocutores diferentes, com idades diversas. Os assuntos devem variar também. Não se aprende conteúdos diversos apenas em situações moldadas para o desenvolvimento da linguagem. Na verdade, grande parte desse desenvolvimento se dá por escuta incidental, quando a criança acompanha a conversa de adultos, de seus irmãos, da televisão ou do rádio. A criança Surda não tem essa possibilidade e essa falta pode ser compensada na escola se todos se preocuparem em conversar usando a língua de sinais. A criança deve ter a oportunidade de saber opiniões diversas sobre os mais variados assuntos: a opinião sobre a qualidade da comida, as atividades programadas.

Faça um exercício e pense em tudo que uma criança ouvinte escuta durante o dia e que uma criança Surda perde. Possibilite que essas informações cheguem a ela. Não de forma intencional, mas de forma incidental. Isso possibilitará, mais do que o desenvolvimento de linguagem, uma ampliação de visão de mundo e a construção de um indivíduo mais crítico e conhecedor das diferentes formas de se estar no mundo. Pelo conhecimento incidental, opiniões são formadas, mundos são desenhados ainda que o professor não esteja se dirigindo diretamente ao aluno.

Além disso, é muito importante que no seu desenvolvimento linguístico, que não pode ser apartado do desenvolvimento cognitivo, social e psíquico, a criança possa saber que as pessoas usam estilos de linguagem diferentes conforme se dirigem a diferentes pessoas. A informalidade, a linguagem infantil, a expressão da raiva ou de outras emoções são capturadas pelas crianças nessas situações informais em que, apesar do discurso não lhes ser dirigido, o conteúdo passa a ser compreendido pela vivência e pela observação. Vocês vão verificar que algumas das atividades estão voltadas para o desenvolvimento da atenção visual, e é muito importante que isso possa acontecer. Interessante e divertido, mas o verdadeiro treino da atenção se dá pela possibilidade de estar envolvida por situações linguísticas significativas que fazem com que a curiosidade natural da criança seja aguçada e ela possa prestar atenção, mesmo quando não sabe que está fazendo isso.

Na verdade, todos os exercícios aqui contidos servem como uma aprendizagem que não deve deixar

de lado o que é mais importante: a relação comunicativa e afetiva que deve estar presente em todas as situações de sala de aula. A linguagem não pode ser construída de forma compulsória, mas apenas de forma natural e prazerosa. É assim que acontece com a criança ouvinte e é assim que deverá acontecer com a criança surda. É sabido que as situações que envolvem a satisfação e o brincar levam a uma aprendizagem mais duradoura – a relações sinápticas no cérebro se realizam de maneira muito efetiva, levando a uma real aquisição de linguagem.

ORIENTAÇÕES

As propostas aqui contidas podem e devem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento da língua de sinais pelas crianças Surdas e foram planejadas de acordo com o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psíquico das crianças considerando as diferentes faixas etárias, mas desejamos que fique muito claro que todas as situações são propícias para promover o desenvolvimento linguístico das crianças.

O professor tem um papel essencial na vida de qualquer criança e adolescente, até mesmo do adulto. É importante que o professor saiba de seu papel e da influência dele no desenvolvimento de seu aluno. Se isso é válido para a criança ouvinte, mais ainda o é para a criança Surda. É na escola que ela encontra uma língua que a respeita em sua diferença e um ou vários adultos (em uma situação ideal) com os quais pode se comunicar, trocar experiências e se tornar ser da linguagem e estabelecer relações. Nunca é demais repetir: é na escola, e com os interlocutores usuários da Libras, que ela poderá construir a sua identidade de forma íntegra e se desenvolver de forma plena.

Desejamos enfatizar mais uma vez que lidamos com crianças Surdas em desenvolvimento de linguagem, e que a escola bilíngue para surdos é o espaço privilegiado para que essa aquisição aconteça de forma plena. Mas, para que essa aquisição aconteça é necessário que os professores, orientadores, diretores, coordenadores, ou melhor, toda a equipe da escola, tenha clareza sobre qual concepção de linguagem estamos falando. Linguagem é compreendida aqui no seu sentido mais amplo, presente na prática de interação sociocomunicativa e responsável pela criação de sentidos. Por essa razão, consideramos importante que se compreenda que todo trabalho do professor deve se basear em situações reais de comunicação e interação nos mais diferentes gêneros discursivos.

Mesmo que esse livro traga exercícios que estão voltados para o desenvolvimento de linguagem e da língua de sinais nas atividades escolares, o professor deve ter a preocupação de criar condições verdadeiras de comunicação. Por exemplo, quando numa atividade se pede para o professor perguntar para o estudante o que ele fez no dia anterior, essa pergunta deve estar carregada de intenção comunicativa e não ser apenas uma pergunta a ser respondida para se cumprir o que está estabelecido no manual.

Este livro não deve, portanto, ser visto como um manual, mas como uma compilação de ideias que podem ajudar o professor na sua lida diária com o estudante surdo.

Se o professor estiver envolvido, realmente, com o que está sendo feito, ele poderá lançar mão de seus próprios conhecimentos conversacionais para promover respostas cada vez mais ricas de seus estudantes.

O professor deve ter claro também que o desenvolvimento de linguagem não se dá apenas com um interlocutor, como apontamos acima, mas com uma variedade de interlocutores. Para isso, o professor deve contar com o auxílio de todos os estudantes da classe. As atividades devem ser realizadas de forma que todos possam participar e colaborar. Diferentes níveis de proficiência na língua são esperados entre os diversos membros do grupo. Muitas são as razões que levam isso a acontecer, mas o mais importante é aproveitar as situações da melhor maneira possível, incluindo aqueles que falam pouco por terem um repertório linguístico ainda não tão desenvolvido como o de seus colegas ou aquelas crianças Surdas com outros comprometimentos.

Pensando nesses aspectos, o professor deve dirigir as questões para todos os estudantes, tentando incluir aqueles que se mostram menos prolixos ou com um nível de linguagem menos adiantado. Além disso, o professor deveria contar com a ajuda de estudantes mais velhos, que poderiam enriquecer as situações

dialógicas ou instrucionais por terem uma proficiência maior em Libras, além de representarem outra forma de expressão – como o fazem todos os jovens. Estilos diferentes, formas diferentes de dizer coisas semelhantes, representam uma grande oportunidade para expandir o universo linguístico do estudante. A presença de estudantes surdos mais velhos possibilita algo que também é buscado num trabalho bilíngue de qualidade, qualquer que seja a língua utilizada: a construção de uma identidade íntegra baseada na semelhança com os iguais. Muitas crianças Surdas só terão a possibilidade de saber que existem outros surdos na escola dessa forma. Afinal, elas vêm de famílias ouvintes. Saber que existem colegas mais velhos que lhes podem ensinar coisas pode ser uma situação extremamente rica.

Por essa razão, sugerimos algumas atividades em que se espera que o professor possa contar com esses estudantes mais velhos que enriquecerão o universo linguístico dos mais jovens e que também se beneficiarão com essa atividade: se tornarão parte de um grupo que funciona de forma harmoniosa dentro da escola, buscando o que todos desejamos: um ambiente rico e cheio de possibilidades. A formação e a consolidação da identidade desses estudantes mais velhos serão solidificadas com essa ação – a de ser membro da equipe, ainda que de forma indireta.

A SALA DE AULA

Outro aspecto importante que não pode ser deixado de lado é o de que o ambiente escolar deve ser rico de estímulos visuais dos mais diferentes tipos. A criança deve ser encorajada a explorar brinquedos, livros, revistas e conversar a respeito. Todo material deve ser estimulante e variado. Isso não significa que deve ser material caro. Os jogos aqui propostos que forem elaborados em sala ou trazidos de casa podem ser guardados na própria sala de aula, para que possam ser recuperados pelas crianças nas situações lúdicas.

Deve-se criar na sala de aula a experiência social de conversar sobre os materiais feitos, expandindo o assunto para além da sua produção. O fato de se dar valor à autoria também é um elemento que possibilita o desenvolvimento da criança em todos os aspectos. O relato de um caso, de um acontecimento, um desenho, é uma autoria. Conversar sobre ele implica em dar valor à produção da criança e, consequentemente, à própria criança.

Contar histórias deve ser uma atividade compartilhada com os colegas. As histórias podem ser dos mais diferentes tipos: histórias tradicionais, do folclore brasileiro, da família, da comunidade Surda, de vida, de desenhos animados ou de filmes vistos. O importante é que todas as crianças compartilhem as histórias, se interessem pela história contada e desejem saber mais sobre aquilo que está sendo vivido no grupo. O professor tem um grande papel nessa atividade. Ele deve levar a criança a contar a história com coerência pela clareza da mensagem. Ele pode fazer isso ajudando a criança a reorganizar seu discurso, explicando melhor aspectos ou trechos que ainda ficaram confusos. Essas são situações muito ricas para as crianças adquirirem noções de tempo, causalidade, espacialidade, pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, etc. Apesar de este livro conter exercícios específicos que lidam com todos esse elementos, será na conversa, na reconstrução do discurso da criança que ela poderá realizar suas descobertas quanto à linguagem.

Quando a criança formula seu discurso de maneira própria, isso acontece em razão de essa ser a forma pela qual ela conseguiu fazê-lo. A tarefa do professor é dirigir a criança para uma formulação mais adequada. Nesse primeiro momento, adequação deve ser compreendida como clareza de mensagem e, portanto, o professor não deve estar preocupado com adequação gramatical, mas tão somente com a inteligibilidade conceitual do que está sendo dito.

Repetimos, será papel do professor construir esse discurso com a criança por meio de perguntas que a leve a reformular e se adequar, sem perceber que está sendo levada nesse caminho. As outras crianças, presenciando essa troca entre professor e colega, também se beneficiarão na sua construção de linguagem. Afinal, não podemos esquecer que a linguagem é adquirida em contextos sociais significativos em que as

experiências linguísticas são partilhadas. Nesse processo é necessário que o adulto desempenhe seu papel de gestor de situações, mas é importante que a criança possa ter colegas da mesma idade (ou de idade semelhante) para compartilhar suas experiências.

A ESCOLA

A escola tem que ser pensada como lugar de construção de conhecimentos, de compartilhamento de ideias. No caso do estudante surdo, será a escola, principalmente no papel do professor, que lhe fornecerá o ambiente linguístico para que ele possa se constituir como sujeito da linguagem, como dissemos anteriormente. Dizemos "principalmente no papel do professor" em razão de não ser esse o único interlocutor em Libras que deve estar presente na escola. Espera-se que todos os funcionários da escola possam se comunicar com o estudante por meio da Libras. Não será papel deles a construção da linguagem da mesma forma que o é para o professor, mas a criança deve ter a seu redor acesso a Libras nas mais diferentes formas, com os mais diferentes interlocutores. Claro que o nível de proficiência exigido para os funcionários é menor do que aquele pedido aos professores e à equipe educacional, mas deve ser suficiente para que o aluno possa obter o que deseja dentro da escola.

A presença constante da língua de sinais possibilita que o estudante, em qualquer idade, possa se comunicar, construir sua linguagem em situações significativas e não artificiais e, principalmente, saber que a sua língua é respeitada naquele espaço. Ele poderá crescer sabendo que diferentes interlocutores têm níveis de proficiência diferentes, que são ouvintes, mas que aprenderam a língua de sinais e são capazes de se comunicar com ele. A base do respeito será, assim, plantada.

É importante frisar que a escola não deve funcionar apenas como lugar de ensino de língua ou de conteúdos escolares, mas também sendo o lugar privilegiado para o estudante surdo, onde a cultura surda pode estar presente. Essa cultura diz respeito a formas específicas de estar no mundo, mas principalmente se relaciona ao valor que se dá à língua de sinais, à comunidade e à identidade surdas. Dessa forma, ter a Libras presente em todos os ambientes possibilita que o estudante possa se saber membro de uma comunidade linguística minoritária, com uma forma particular de estar no mundo: usando a visão para se comunicar e compreender o que o cerca.

A CULTURA SURDA

O respeito pela forma especial do surdo estar no mundo passa também por maneiras de inseri-lo no mundo em que vive e a escola é parte importante desse mundo, pois ele passa boa parte de seu dia nesse espaço. Por essa razão, é importante que ele possa ter acesso a informações que são trazidas pelo som, mas que lhe devem ser traduzidas por uma forma que possa percebê-las. Por exemplo, o sinal da escola. Ele não pode ser percebido auditivamente, mas o pode ser de uma forma muito simples: com a luz piscando em lugar do som. Se alguém bate na porta pedindo autorização para entrar, também se pode adaptar um interruptor que acenda e apague a luz da sala de aula, de forma que os estudantes percebam que alguém deseja entrar. Chamar a atenção dos estudantes com o piscar de luzes na sala de aula também é uma estratégia inteligente, que surte grande resultado para fazer com que eles olhem em direção à professora.

Os aspectos acima citados são tidos, por alguns, como aspectos da cultura surda, mas desejamos enfatizar aqui que o respeito pela diferença e o uso de adaptações como essas citadas é que dizem para os estudantes que eles são respeitados como surdos e é nesse respeito que se embasa a cultura que faz com que eles possam se saber diferentes, mas especiais – como todos têm o direito de ser: não pela deficiência, mas pela forma de serem tratados. É no convívio social, em que aspectos da vida coletiva são respeitados e novas relações são estabelecidas, que a possibilidade de se ver como membro de um grupo cultural próprio e que deve ser respeitado se estabelece. O indivíduo não nasce

sabendo de seus valores culturais, pois a cultura não é um aspecto intrínseco que ele carrega, mas é fruto de posicionamentos e de formas que o ambiente social propicia para que esses valores venham a ser introjetados, servindo de base para o posicionamento confortável do indivíduo na sociedade. Tendo interiorizado essa forma de estar no mundo, que passa pelo respeito à língua de sinais, mas não apenas por ela, o indivíduo poderá saber de seu lugar na sociedade e se determinar como alguém capaz de estar no mundo e de mudar o que for preciso para ter seus direitos assegurados. Desde que se entende a cultura como valor coletivo, a escola tem esse papel: mostrar para o estudante que ele pode se constituir como membro de um grupo maior, que deve buscar seus direitos coletivos.

Dessa forma, são apresentados exercícios que têm como foco a cultura surda. Assim, será possível inserir a criança Surda na cultura de seus pares, bem como lhe mostrar que existe uma história na educação dos surdos, que existem outras escolas de crianças surdas, associações, etc.

Pode parecer precoce falar dessa questão num momento tão inicial de escolaridade devido à idade das crianças, mas devemos entender que a criança ouvinte estabelece seus valores culturais desde que nasce e que esses valores são transmitidos por meio da postura dos pais, dos professores e da própria escola e que são transmitidos pela linguagem. A escola para surdos será o lugar por excelência, nesse momento inicial, para transmitir esses valores, ainda que não de forma explícita, mas pela forma como lida com o respeito pelo modo de essas crianças estarem no mundo. Vê-se, portanto, que um aspecto tão simples como adaptar o ambiente para receber informações pela luz, em vez de estas serem recebidas pelo som, pode dar a elas a dimensão de respeito e possibilitar um comportamento adequado para o que está acontecendo naquele momento.

Se pensarmos numa classe inicial na escola, é importante observar que as crianças não saberão por si só que esse sinais luminosos se referem a pedidos de atenção, a avisos de alguém batendo na porta ou de que é hora do recreio (ou de voltar para a sala de aula). É papel do professor ensinar às crianças o significado desse códigos e os comportamentos esperados para cada um deles e, para isso, o educador irá lançar mão da linguagem. A linguagem servirá também para estabelecer, por exemplo, de quem será a vez de abrir a porta quando alguém desejar entrar, quem perguntará ao visitante o que deseja e de transmitir ao professor o que alguém veio ali fazer. Para isso, algumas regras sociais serão seguidas e isso servirá de aprendizagem para esses estudantes sobre formas de se comportar com estranhos ou com pessoas não tão familiares. Devemos pensar que várias formas de estar no mundo que são tão naturais nas crianças ouvintes foram aprendidas por elas em casa, mas que as crianças surdas não tiveram essa oportunidade, devendo ser papel do professor realizar esse ensino.

A FAMÍLIA

Pensarmos em tudo que uma criança Surda deixa de aprender em casa, por ser filha de pais ouvintes, leva à organização de ações que possam ajudar os pais a propiciar em casa situações de aprendizagem – não apenas para a aquisição da linguagem, mas também de comportamentos sociais que são transmitidos por meio da linguagem.

Mesmo conscientes de que essas são tarefas muito mais difíceis para os pais de crianças surdas do que os são para pais de crianças ouvintes, não se pode deixar de lado a importância que a família tem para o desenvolvimento integral da criança Surda. Queremos deixar claro que o papel da família, como o da escola, não se limita a questões relacionadas à aquisição ou à aprendizagem de uma primeira ou segunda língua, mas ao desenvolvimento social, cognitivo e psíquico da criança Surda. Na verdade, essa é uma afirmação que se encaixa tanto para crianças surdas como ouvintes. O lar e a escola têm papéis muito importantes na estruturação de qualquer criança, tanto do ponto de vista social e afetivo como do ponto de vista neurológico.

Como a escola, particularmente o professor, pode realizar esse trabalho junto às famílias? Pode-se imaginar que a maioria dos pais pouco sabe sobre a surdez, a Libras, os aparelhos auditivos, o de-

senvolvimento de linguagem, aquisição de língua e de L1 e de L2. Se mesmo para os profissionais que estudam esses aspectos há tanto tempo existem dúvidas, o que dizer dos pais que ouvem uma ou outra informação esparsa e que, geralmente, não têm interlocutores que lhes respondam as angústias e as dúvidas que aparecem no dia a dia, no convívio com a criança. É aí que entra o professor, que poderá propiciar situações de interlocução com os pais, que poderá escutar suas demandas e tentar, na medida do possível, respondê-las.

Muitas vezes, esses pais têm dúvidas com relação à possibilidade de desenvolvimento de seus filhos. Não porque desejam duvidar, mas porque desconhecem as reais possibilidades de seus filhos. Além disso, muitos pais são bombardeados com informações contraditórias a respeito da importância da Libras para o desenvolvimento de seus filhos, do papel do Implante Coclear, da verdadeira utilidade dos aparelhos de amplificação sonora, de como as crianças podem (ou não) desenvolver a fala, etc. Eles também não sabem como o filho irá aprender a ler e a escrever, e como poderiam ajudá-lo em casa.

Antes mesmo de falar sobre a ajuda para as tarefas que envolvem a leitura e a escrita, deve-se conscientizar os pais de seu papel no desenvolvimento de linguagem de seus filhos. Desde que as crianças surdas estão adquirindo a Libras na escola, será papel dos pais ajudarem seus filhos nessa aquisição em casa. Mas para isso, os pais também precisam aprender Libras. No entanto, não basta o professor orientar onde eles poderão fazer o curso ou providenciar um curso dentro da escola. É necessário, como foi dito acima, que eles possam contar com um espaço para poderem levar as suas dúvidas, angústias e desejos. A apropriação de qualquer assunto é melhor realizada quando há motivação para fazê-lo. E a motivação passa pela compreensão do que significa essa aprendizagem para o desenvolvimento de seus filhos. Esse será o papel do professor nesse momento em que a criança inicia o seu processo educacional formal. Apenas após os pais saberem o que é a Libras, para que serve, o que a escola estará propondo para seus filhos por meio do uso da Língua de Sinais é que se poderá propor que eles sejam parceiros da escola nas atividades a serem desenvolvidas em casa com seus filhos.

É importante também que atividades de dramatização, festas, etc., sejam partilhadas pelos familiares, que poderão, assim, presenciar o progresso de seus filhos, compreender o papel da língua e da linguagem em seu desenvolvimento e entender que eles muito podem fazer para ajudar nesse processo.

Nessas atividades na escola, é importante propiciar também que os pais tenham contato com surdos de diferentes idades para poderem compreender como seus filhos serão quando adultos. Na verdade, esse é um papel muito importante da escola para as próprias crianças surdas, que, muitas vezes, por serem filhas de pais ouvintes, nunca viram outros surdos mais velhos. Estar em contato com outros significativos de diferentes idades e com distintos backgrounds é que possibilita à criança e à sua família a construção de hipóteses de vir a ser. Saber que uma pessoa surda pode ter um papel profissional de destaque no contexto escolar é um grande incentivo para que os pais e os estudantes surdos possam se ver como pessoas que podem sonhar em vir a ser.

Ao falarmos na questão de possibilitarmos, no ambiente escolar e no trabalho com os pais, a construção de um ambiente linguístico rico, no qual a criança Surda possa se constituir como sujeito de si mesma, chamamos a atenção para que todos aqueles envolvidos nesse trabalho cumpram uma exigência muito importante: ter altas expectativas com relação ao estudante surdo na escola, devendo transmitir essa alta expectativa aos pais para que eles possam reproduzi-la em casa. Para isso, não existem tarefas específicas, nem jogos, mas uma construção interna com relação ao que cada um pensa sobre o seu aluno surdo.

Quando os pais ajudam seus filhos nas lições de casa, e existem muitas aqui descritas que deverão ser realizadas em casa, eles estão trabalhando na constituição da linguagem de seus filhos. Isso não deve ser visto como uma obrigação enfadonha e difícil de ser realizada, mas como algo a ser compartilhado entre pais e filhos. Realizando essas atividades, os pais poderão mudar o que pensam de seus filhos, percebendo-os como capazes.

O PROFESSOR

Muitos profissionais, por já terem vivido situações de frustração frente ao trabalho educacional com a criança ou com o adolescente surdo, os consideram, muitas vezes, de uma forma não intencional, incapazes de muitas coisas, principalmente do desenvolvimento de linguagem e de habilidades de letramento semelhantes àquelas dos ouvintes. É importante que esses pré-conceitos sejam substituídos por outros que percebem o surdo como capaz, desde que lhe sejam dadas condições de desenvolvimento. É isso que trazemos neste livro e nos outros que se seguirão: a organização de atividades que possibilitarão que o professor dê condições de constituição de linguagem e de aquisição de língua pelo estudante surdo. Mas, repetimos: se os exercícios propostos, se as atividades linguísticas aqui descritas forem vistas pelo professor como algo inatingível pelo seu aluno, isso prejudicará o desenvolvimento das atividades e do aluno.

Desejamos repetir que tudo que aqui é proposto é apenas parte do que deve ser realizado na sala de aula. A linguagem está em constante construção nas atividades dialógicas que se estabelecem no contato entre interlocutores. Mas, para existir contato real, eu tenho que considerar meu interlocutor como capaz de me compreender e de me responder. Esperamos que o professor, baseado no que aqui é exposto, possa criar as suas próprias situações de trabalho, registrando-as para compartilhar com seus pares que serão beneficiados com o que for assim construído.

O professor deve acreditar no processo que cada criança percorre, acreditando na sua habilidade em aprender uma língua. Precisa-se sempre ter em mente que as crianças conseguem vencer os obstáculos que lhes são colocados à frente quando estão prontas para isso. Como o professor poderá saber se a criança está pronta? Quando ela mostrar interesse em saber ou em resolver um problema ou uma questão que lhe é colocada pelo professor ou pelos colegas. Enquanto isso não acontecer, é papel do professor incentivá-la e mostrar satisfação quando ela se empenha e resolve uma situação problema.

Vamos retomar alguns pontos que são de extrema importância para que uma proposta bilíngue para surdos seja efetiva:

- A Língua de Sinais não é ensinada, mas adquirida. Para que essa aquisição se dê de forma natural e prazerosa, o professor deve se preocupar em se comunicar com o aluno de forma fluida e interessada.
- Perguntar, apenas por perguntar, sem se interessar na resposta que vai ser dada, corta o vínculo comunicativo, não possibilitando um desenvolvimento de linguagem completo. Isso é válido tanto para as situações e brincadeiras propostas neste livro como para aquelas situações informais que estão presentes em todos os momentos na sala de aula.
- Para que um bom desenvolvimento de linguagem aconteça, é necessário que não apenas a criança responda ou fale alguma coisa, mas que ela "aprenda a olhar" e mantenha esse olhar sempre. Aprender a olhar significa que a professora vai contar coisas para os alunos e estará atenta às suas respostas que podem estar presentes apenas na forma pela qual a criança reage ao relato (com atenção, com olhar perdido, etc.).
- A criança é naturalmente curiosa e o professor deve lançar mão dessa característica infantil para fazer com que ela possa se interessar pelas situações comunicativas propostas em sala de aula. O que deve ser trabalhado sempre deve estar associado ao que ela deseja aprender. Deixe que a curiosidade natural a incentive a querer saber e aprender.
- É importante salientar que pode existir uma variação muito grande entre as crianças que iniciam a sua trajetória escolar. Algumas podem já dominar a Libras, outras podem saber alguns poucos sinais e ainda outras não a conhecerem de maneira alguma. Essa diversidade deve ser respeitada, pois todos adquirirão Libras no seu próprio ritmo. Não subestime uma criança por ela não saber nada de Libras. Já foi falado anteriormente que a língua não é algo que está pronto na criança, seja

ela surda ou ouvinte. Ela é adquirida nas relações sociais. Será no espaço educacional que a Libras poderá ser adquirida por ser partilhada. Também não superestime aquelas que aparentemente já sabem Libras, elas podem saber se comunicar, nomear, mas podem existir aspectos da língua que deverão ser ampliados, tanto no que se refere à gramática quanto ao discurso. Todas as crianças podem se beneficiar das atividades aqui propostas.

- A criança precisa aprender a ter confiança em suas habilidades. Pode ser que as crianças surdas que iniciam o seu processo educacional tenham passado por situações de frustração por não serem compreendidas ou por não compreenderem o que acontecia à sua volta. Essas vivências podem levar ao desenvolvimento de uma autoestima rebaixada, que pode cercear a sua capacidade de aprendizagem de situações educacionais, ainda que altamente motivadoras. É papel do professor incentiva-las, celebrando as suas conquistas e lhes mostrando o quanto são capazes.
- Sempre que possível, explique a diferença entre a Libras e o português, não do ponto de vista da gramática, mas apenas como uma constatação. Pode-se apontar quando uma e outra língua é usada, quem usa cada uma delas, qual é a encontrada na escrita. Isso servirá de base para a análise linguística que será feita posteriormente e que veremos a partir do terceiro ano.

Todos os assuntos abordados neste livro como sugestões de trabalho buscaram ser do interesse das crianças, seja pela faixa etária ou pela possibilidade de fazer parte da sua vida. É importante que assuntos trazidos pelas crianças, mesmo que não estejam na pauta de planejamento daquele dia, possam ser abordadas e expandidas. Por exemplo: se o assunto do momento é futebol, em razão da Copa do Mundo ou de algum campeonato importante e os alunos trazem perguntas relacionadas a esse assunto, ele deve ser explorado e deve ser dada atenção a essa demanda. O planejamento é importante, norteia as atividades e situa o professor no seu fazer, mas não deve impedir a espontaneidade quando o assunto é língua e linguagem.

O professor, na sala de aula, tem inúmeras possibilidades de fazer com que a criança aprenda de uma forma informal, levando-a a se socializar. Isso é particularmente importante para promover a autonomia do indivíduo. Sempre que surgir uma indagação – e sabemos que perguntas são sempre bem-vindas –, o professor deve verificar se não há uma forma da criança conseguir a resposta por ela mesma. Pode ser procurando num livro ou perguntando para um colega. O professor pode até mesmo sugerir que ela busque a resposta na hora do recreio, com os colegas mais velhos ou com outro professor. Claro que, no começo, essas situações devem ser lidadas dentro da sala de aula, mas gradativamente deverá incentivar o seu aluno a buscar e a compartilhar a resposta com todos na sala.

Ainda com respeito à gramática da Libras, já afirmamos que ela não é objeto de estudo ou de análise neste momento, mas ela deve estar presente na mente do professor e usada na sua riqueza gramatical.

O professor deve sempre se lembrar que a competência em Libras é que determinará a base para a aprendizagem do português escrito. Para que tenha êxito em seu trabalho de letramento, ele deve ter claro que para a criança adquirir a língua escrita ela deverá ter domínio da língua de sinais. Além disso, para que as duas línguas sejam valorizadas e tenham o papel que de direito devem ter na vida das crianças, ambas devem ter o mesmo status. Uma não pode se destacar em relação à outra como uma língua de maior importância.

O professor deve compreender que os acertos e erros que a criança comete, e o fato deles ocorrerem mostra um processo completamente normal, são indicativos da fase em que a criança está no seu desenvolvimento de linguagem. É claro que é muito mais fácil detectar esses "erros" na língua que o professor domina mais (português, para os professores ouvintes). Por exemplo, quando a criança ouvinte fala: "Eu *fazi* um desenho para você", os falantes nativos de português compreendem o erro e repetem a forma correta sem corrigi-la, mas contextualizando o mesmo verbo em outra situação: "Ah, eu também fiz, mas é diferente do seu." Essa regra também serve para a Libras. Quando a criança usa

uma direcionalidade equivocada para um verbo, como "AJUDAR", por exemplo, o professor pode repetir o que ela quis dizer usando a direcionalidade adequada. Isso mostra que a criança está em processo de aquisição daquele traço linguístico, mas que ainda não interiorizou todas as regras que regem o uso dessa forma de uso da língua. O professor pode, então, possibilitar o uso de outros verbos direcionais, com diferentes interlocutores para que o processo de aquisição seja facilitado. Um aspecto importante a ser considerado é que erros consistentes demonstram falta de conhecimento de uma parte do sistema da língua, enquanto que erros inconsistentes demonstram um controle insuficiente do que foi aprendido. A análise dos tipos de erros demanda estratégias diferentes. A falta de conhecimento da maioria dos estudantes deve levar o professor a retomar os exercícios propostos, ainda que de forma diferente mas com o mesmo objetivo. O controle insuficiente demanda que aspectos específicos sejam retomados e pedidos a eles.

Para que todo o trabalho possa acontecer de forma coesa e com sucesso, é necessário que as atitudes do professor em direção aos estudantes sejam sempre positivas. Os "erros" fazem parte da aprendizagem e devem servir de indicadores de formas de trabalho e não de falhas do aluno ou do professor. Para que um desenvolvimento de linguagem seja bem-sucedido é necessário que a criança tenha a oportunidade de variada interação social e cultural: diferentes interlocutores em diferentes situações. O professor deve procurar todos os recursos disponíveis na escola para que isso venha a ocorrer: alunos mais velhos que possam ir à sala de aula para trocar experiências ou para contar histórias, outros professores convidados para uma comemoração de aniversário, etc. Apesar de trazermos inúmeras sugestões de atividades, o professor deve lembrar que ele é autônomo para decidir o que é melhor para a sua classe: quantas vezes uma atividade deve ser repetida, quem deve ser o interlocutor principal, qual criança deve ser mais incentivada, etc. Nunca se deve esquecer que quando se fala de desenvolvimento de linguagem cada criança reage de uma forma. O processo de aquisição é único para cada criança, como cada criança tem o seu funcionamento de forma única e isso deve ser respeitado.

ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS

É importante colocarmos uma observação com relação às crianças com outros comprometimentos. Cada vez mais essas crianças passam a frequentar a escola para surdos. Esse é um dado muito positivo, já que até pouco tempo elas ficavam segregadas em casa sem possibilidade de nenhum trabalho educacional. Por outro lado, essas crianças impõem um desafio para o professor. O que deve estar em foco é que essas crianças necessitam também de Libras como primeira língua, mas que seu desenvolvimento pode ocorrer de forma diferente das crianças surdas sem outros comprometimentos. O professor deverá ficar atento às formas especiais que essas crianças necessitarão para realizar seu processo de aquisição de linguagem, ao mesmo tempo em que deverá trabalhar com o grupo classe no sentido de fazer todos os estudantes compreenderem as necessidades especiais diferentes desses alunos. Com crianças com necessidades especiais com as quais o professor não souber lidar, há a necessidade de buscar ajuda específica para que o trabalho possa ser realizado da melhor maneira possível.

Essas crianças representam um desafio ainda maior, mas elas, como as outras crianças, têm enorme necessidade de contato e de comunicação e isso lhes deve ser propiciado. Além disso, o professor deve levar em conta o tempo que essas crianças precisam para construir o conhecimento e não se angustiarem com esse tempo mais demorado e com a necessidade de retomar mais vezes às atividades programadas. Os outros alunos podem ser de grande ajuda, mostrando para essas crianças aspectos por elas não percebidos, sem que haja a necessidade de uma correção.

Gostaríamos de retomar um aspecto muito importante com relação à aquisição da primeira língua

em geral: essa experiência está ligada para qualquer criança às suas próprias experiências de vida. Essas experiências devem ser aproveitadas para que a aquisição ocorra da forma mais completa possível.

Por essa razão, é importante observar que, nesse primeiro momento, deve-se dar maior ênfase às experiências vivenciadas em situações concretas e pertencentes ao universo da própria criança. Espera-se, nesse primeiro momento, que a criança possa se referir a situações e acontecimentos próximos a ela e que lhe seja mais fácil analisar coisas que estejam presentes fisicamente. O professor deve ter isso em mente e fazer com que as situações se tornem mais práticas na medida do possível, principalmente quando perceber as dificuldades que as crianças venham demonstrar no seu processo de aquisição de linguagem.

Para finalizar, vamos retomar algumas estratégias que podem ajudar o trabalho do professor e facilitar a aquisição de linguagem das crianças:

- É muito importante manter a atenção visual da criança.
- No início do processo, dê preferência a livros que tenham desenhos coloridos e contem histórias relacionadas às experiências delas.
- Se a criança não conseguir manter a atenção para situações de linguagem mais amplas, tente sinalizar dentro do seu foco de atenção.
- Na contação de histórias, incorpore o livro como parte da língua de sinais. Para isso, use e abuse das figuras e do que elas transmitem, e faça sinais de amplitude menor perto do livro – ficando atento para a direção do olhar da criança.
- Se a atenção da criança for muito pequena, sinalize no corpo da criança.
- Quando uma história é contada, pode-se medir o interesse das crianças pelo silêncio e pela atenção que elas prestam na história. Quanto maior o silêncio e a atenção, maior o envolvimento delas com o que está sendo contado. Mude a estratégia se elas não demonstrarem interesse.
- Repetir as histórias contadas é muito útil para o desenvolvimento de estratégias como previsão e antecipação e as crianças adoram que a mesma história seja contada repetidas vezes. Além disso, a compreensão da história se torna mais completa a cada vez que uma história é lida novamente.
- Use a seguinte estratégia: na primeira vez em que a história for contada, o foco deve ser nas ideias principais e nos conceitos básicos da mesma. As descrições detalhadas devem ficar para as outras vezes em que a história é novamente contada.
- Fique o mais próximo possível da criança, para tocá-la quando necessário, obtendo assim a sua atenção.
- A expressão facial faz parte da língua de sinais: use-a de forma significativa.
- É importante que o ambiente na sala de aula tenha um clima positivo e que errar não seja um problema. As crianças devem se sentir confortáveis para participar e arriscar respostas e ações.
- Quando o professor sentir que as crianças não estão compreendendo a atividade, ele deve fornecer informação adicional e pistas contextuais.
- As perguntas dirigidas às crianças devem ser contextualizadas e devem exigir a sua participação ativa e raciocínio. O professor deve demonstrar interesse genuíno para as respostas dadas.
- É papel do professor servir de mediador para a compreensão de todas as atividades propostas. Para isso, ele deve estar atento à expressão facial e as respostas das crianças.
- Sempre que possível, o professor deve relacionar as atividades propostas às experiências das próprias crianças.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna – letramento, variação e ensino.** São Paulo. Parábola Editorial: 2002.

DAVIES, S.N. **Educating deaf children bilingually.** Washington, DC. Gallaudet Press: 1995.

ERTING, L.; JUDY, P. **Becoming bilingual: facilitating english literacy development – using ASL in preschool.** Washington, DC. Gallaudet University Press: 1999.

LEWIS, W. (Editor). **Bilingual teaching of deaf children in Denmark – description of a project 1982-1992.** Denmark. Doveskolernes Materialcenter: 1995.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (ORG.). **Letramento e minorias.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2002.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2004.

LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B.F. (ORG.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2010.

MARTIN, D.S.; MOORES, F.M. (Editors). **Deaf learners – developments in curriculum and instruction.** Washington, DC. Gallaudet University Press: 2006.

MOURA, M.C. **O surdo – caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro. Revinter Editora: 2000.

MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Educação para surdos: práticas e perspectivas.** São Paulo. Editora Santos: 2008.

PEREIRA, M.C.C.; NAKASATO, R. **Narrativas infantis em língua brasileira de sinais.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 39, nº 3, 2004, 273-284.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira – estudos linguísticos.** Porto Alegre. Artmed Editora: 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo. Parábola Editorial: 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental: Libras** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT: 2008.

VERGAMINI, S.A.A. **Mãos fazendo história.** Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** Lisboa. Antídoto: 1979.

WILCOX, S.; WILCOX, P.P. **Aprender a ver.** Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2005.

INTRODUÇÃO AO TERCEIRO ANO

Falaremos agora do trabalho a ser realizado com os estudantes do terceiro ano. Obviamente, as observações feitas acima e aquelas relacionadas ao segundo ano continuam sendo válidas e iremos retomar alguns conceitos nesta introdução.

O professor deve ter sempre em mente que no início de cada ano letivo precisa estar atento às habilidades comunicativas de seus alunos. Pode ser que o mesmo grupo classe continue no ano em curso, mas também pode ser que o grupo tenha se modificado. Na verdade, a presença de apenas uma pessoa diferente já configura um grupo novo. Se você, professor, é o novo professor desse grupo, ele já se organiza de forma diferente. Se outros alunos se juntaram ao grupo, ele será diferente nos dois níveis: naquele relacionado ao professor e naquele relacionado ao grupo de alunos. De uma maneira ou de outra, será necessário rever os sinais/nomes de todos os elementos, devendo o professor criar situações lúdicas e interessantes para que ele, junto com seus alunos, possa compartilhar os conhecimentos prévios. Você encontrará ideias para retomar isso neste livro.

É importante relembrar a importância da escola para o desenvolvimento de linguagem da criança Surda. A família, mesmo usando Libras, não terá a proficiência do professor para permitir que a criança Surda possa ter as suas habilidades linguísticas totalmente desenvolvidas.

Além disso, muito do que é apreendido de maneira informal pela criança ouvinte, por meio da audição incidental – seja na conversa entre membros da família ou entre pessoas em diversas situações de comunicação, como no rádio ou na televisão –, não o é pela criança Surda. A escola deve fornecer situações em que essa aquisição informal ocorra também com os alunos surdos. Essa é a razão pela qual se deveria ter televisões em lugares estratégicos da escola ligadas a reprodutores de vídeos que passassem filmes ou histórias contadas em Libras para que a criança, em situações informais, pudesse ter a possibilidade de retirar informações daquilo que é visto – ainda que não dirigido a ela. Outra forma de garantir acesso à informações de maneira informal é a de que todos os funcionários da escola utilizem Libras em suas conversas quando no ambiente da escola. Os estudantes podem, dessa forma, ter acesso a diferentes assuntos e a diferentes formas de comunicação. Os gêneros se ampliam dessa forma, naturalmente, assim como o vocabulário.

Já que falamos de vocabulário, desejamos lembrar mais uma vez: a ampliação do vocabulário é importante, a criança deve ter palavras para poder se comunicar e organizar seus pensamentos, mas apenas o vocabulário não basta. É necessário que a criança saiba dominar diversos usos da língua: relatar, argumentar, estabelecer relações, usar conceitos de tempo, lugar, aprender a discursar sobre o que aconteceu, o que vai acontecer, seus desejos, etc. Ampliar esse universo de dizeres é papel do professor.

As noções de tempo que foram introduzidas no segundo ano devem ser ampliadas no terceiro ano. Não se deseja que a criança decore os dias da semana ou os meses do ano, mas ela deve ser exposta a esses conceitos de forma sistemática e significativa. Veja como fazer isso no decorrer de sua aula nas atividades propostas neste livro e aproveite todas as situações para trabalhar os conceitos de tempo, desde o mais imediato até o mais remoto, como a hora do recreio e a data de aniversário. Algumas noções mais abrangentes com relação ao tempo também devem ser trabalhadas quando, por exemplo, você contar sobre a história dos surdos, falar sobre a fundação da escola..., enfim, fatos que aconteceram há mais tempo.

A exposição às interrogativas deve continuar presente e estas devem ser usadas em todas as situações possíveis. Como no segundo ano, você poderá e deverá usar as interrogativas para saber de fatos que aconteceram dentro e fora da sala de aula, há pouco tempo ou há muito tempo. Desde que os assuntos vão se ampliando nessa fase, as interrogativas devem ser usadas para checar a compreensão dos estudantes sobre o que foi contado. Lembre-se de não fazer perguntas óbvias, como "quem" fez alguma coisa ou "onde" estava um objeto. Nessa fase, as perguntas já podem e devem envolver raciocínio

e causalidade, podendo ser usadas questões como: “Por que você acha que ele fez isso?” ou “o que você faria no lugar dele?”. Lembre-se: as perguntas devem ser interessantes e desafiadoras.

Da mesma forma como recomendamos no livro do segundo ano, gostaríamos de sugerir que você incentive os seus estudantes a interagirem com os colegas de classe e de outras classes, de diferentes idades. A criança Surda tem, na escola, muitas oportunidades para ampliar seu repertório linguístico e de conhecimento de mundo na interação com colegas. É claro que isso acontece de forma natural nos horários livres das turmas, mas possibilitar o encontro entre crianças de diferentes idades e de diferentes classes pode ser a base para que essas relações se efetivem de forma mais sólida e de que trocas possam ser feitas, sempre. Se possível, organize um horário (uma hora por semana, por exemplo) em que os alunos mais velhos (do sétimo ou do oitavo ano) possam interagir com os mais novos, trocando informações. Essa é uma forma natural e espontânea de fazer com que a linguagem circule entre estudantes que poderão trocar informações e ampliar seu universo linguístico e de conhecimento de mundo, como dissemos acima.

Lembre-se: o professor não deve ser considerado o “centro do saber”. Ele tem o papel de orientador na busca de um conhecimento que está disponível para todos, em diferentes esferas. É papel do professor mostrar aonde buscar esse saber. Num primeiro momento, esse saber está contido nas pessoas que circulam no espaço escolar: outros professores, funcionários da escola e os próprios colegas mais velhos. Facilite essa troca. Isso trará frutos interessantes, desde o aumento do conhecimento até a habilidade do aluno de se relacionar com os outros. Na verdade, essa habilidade é uma capacidade que se desenvolve a partir do seu próprio exercício. Quanto mais se pergunta, mais se aprende sobre a melhor maneira de se perguntar. O indagar tem outra função: o de se descobrir que as pessoas se comportam de diferentes formas no mundo, reagindo de maneiras diferentes e mostrando (ou não) o seu conhecimento. Somente por meio da linguagem e da comunicação entre as pessoas é que se pode apreender isso. Incentive, portanto, seu aluno a perguntar e a compartilhar o que sabe.

Nunca é demais repetir: a linguagem se desenvolve por um processo dialógico em que as partes trocam informações e conhecimentos. Todo e qualquer conhecimento é melhor adquirido em situações agradáveis, em que não haja cobrança ou exigências. Corrigir não é o caminho. Se o seu aluno tiver dificuldade em dizer alguma coisa, ajude-o fazendo perguntas, dando você mesmo um modelo daquilo que deveria ser falado. Assim, se o seu aluno está lhe contando como foi o jogo do time de futebol dele e ele não consegue explicar como acabou o jogo, de quanto o time ganhou ou perdeu, fale com ele a respeito desse mesmo assunto, dizendo: “Meu time também jogou ontem. Ele ganhou de 3 a 0 do time X. Foi um jogo muito difícil. Eu fiquei muito feliz.” Assim você demonstrará para ele como explicar o desempenho do time, aproveitando para colocar um sentimento na frase.

Já que citamos sentimentos, é importante frisar que no terceiro ano o vocabulário relacionado aos sentimentos deve estar presente. Não o vocabulário como nomeação pura de sentimentos, mas a nomeação dos sentimentos quando eles aparecem nas situações corriqueiras de sala de aula. Situações vivenciadas pelos alunos, dentro ou fora da sala de aula ou da escola, devem ser exploradas e os sentimentos decorrentes dessas vivências nomeados e colocados em outras situações. Compartilhar sentimentos é uma boa forma de aprender a conviver com eles. Por exemplo, se uma das crianças relata que está triste porque a avó se mudou, fale da tristeza de ver alguém que a gente gosta longe e pergunte para as outras crianças se elas também passaram por essa situação, como elas se sentiram quando aconteceu, como se sentem agora. A mudança de sentimentos, saber, por exemplo, que a tristeza é substituída por saudade, seguida de alegria, quando a pessoa que a gente gosta é revista. Isto é, não apenas ensinar os nomes dos sentimentos, mas mostrar que partilhar os sentimentos pode ser reconfortante.

Outras formas de falar de sentimentos é montar situações em que se pergunta: “Como você se sentiria se perdesse uma coisa de que gosta muito?”. Veja sugestões para esse tipo de atividade nas páginas que se seguem. Mas, lembre-se: não se deseja que as crianças simplesmente nomeiem seus sentimentos, mas que aprendam que podem falar sobre eles e que seus sentimentos são compartilhados por muitos.

Continue a realizar jogos que envolvam a categorização. Esse tipo de atividade ajuda a criança a organizar informações e a chegar a conclusões mesmo que nem todas as informações estejam presentes. Todos nós precisamos usar essa habilidade para compreender o que se passa ao nosso redor, mas os surdos mais ainda, desde que muitas vezes as informações chegam a eles faltando pedaços. Eles podem ver a família discutindo alguma coisa, mas geralmente não sabem a respeito do que se fala. Podem concluir que o problema é com uma irmã porque ela está mais triste ou porque olhares de censura se dirigem a ela. Aprender a tirar informações do meio pode ser, portanto, importante para que eles possam se posicionar melhor e se sentirem menos perseguidos e mais calmos, podendo elaborar melhores estratégias de convivência.

A competição continua presente e você precisa saber como lidar com essas situações. Não para evitá-las, mas para mostrar que nos jogos às vezes se ganha e às vezes se perde.

Nunca critique o desempenho de uma criança que ainda não domina a língua. Não a compare com as outras crianças. Cada um tem seu tempo e dificuldades específicas. É papel do professor descobrir a habilidade e respeitar o ritmo de cada criança. Tendo em mente o que cada uma pode fazer, fica mais fácil incentivá-la a ir além e levá-la a conseguir o que parecia tão difícil. Incentive, mas não desestimule.

Sempre é importante a família estar presente na vida do filho. Procure levar as informações necessárias e motivar os pais para que façam parte do universo linguístico de seus filhos.

Uma última palavra relacionada ao letramento: este livro não se relaciona diretamente com as habilidades de ler e escrever ou de letramento (entendida aqui como inserir a pessoa no mundo letrado), mas é claro que nesse momento, nas outras atividades realizadas por você com os estudantes, a leitura e a escrita estão presentes. Procure, sempre que possível, marcar a diferença entre as duas línguas: a Libras e a língua portuguesa. Mostre-lhes quando uma ou outra língua está sendo usada e em que contextos os estudantes podem usar o português oralmente ou por escrito. Algumas atividades deste livro podem auxiliar você a realizar essa ação.

Alguns aspectos muito importantes que já citamos no livro do segundo ano:

- Converse com as crianças, sempre.
- Pergunte sobre tudo o que você achar que pode ser interessante para a criança.
- Incentive as crianças a perguntarem a outras pessoas. Inicialmente, pessoas do grupo. Após um tempo, pessoas de fora do grupo classe.
- Não dê todas as respostas imediatamente: faça com elas procurem as respostas.
- Nunca corrija uma criança nas suas tentativas de explicar alguma coisa. Leve-a a organizar melhor o discurso, mas sem mostrar que ela errou. Não existem erros no desenvolvimento de linguagem de uma criança, apenas formas de se chegar ao modelo adulto.
- O professor deve estar atento para perceber se está usando formas de linguagem mais ou menos complexas, de acordo com o nível de seus alunos.
- Sempre que possível, associe as atividades desenvolvidas com a experiência vivida pelas crianças.
- Novamente desejamos enfatizar que para a contagem de histórias (atividade muito importante no desenvolvimento da linguagem) é necessário fornecer apoio e guiar a criança para a compreensão da história.
- Envolva a família no trabalho. Afinal, é com a família que a criança passa a maior parte do tempo e conseguir a colaboração dela dará frutos importantes.
- Nosso último alerta diz respeito a estar atento não apenas ao que a criança não sabe, mas também ao que ela sabe e como ela está utilizando o que sabe. Observar esses aspectos pode ser de grande importância para promover estratégias de aprendizado.

Bom trabalho!

APRESENTAÇÕES

UNIDADE

1

RODA DE CONVERSA

A roda de conversa é uma atividade permanente, diária ou semanal ao longo do ano dependendo dos objetivos propostos para o grupo. Ela pode ser realizada no início da semana, durante uma aula, para que todos tenham acesso às informações dos colegas.

Na roda de conversa, o professor inicia o turno comunicativo por meio de perguntas. Introduz as formas interrogativas: o que, quem, onde, quando e por quê.

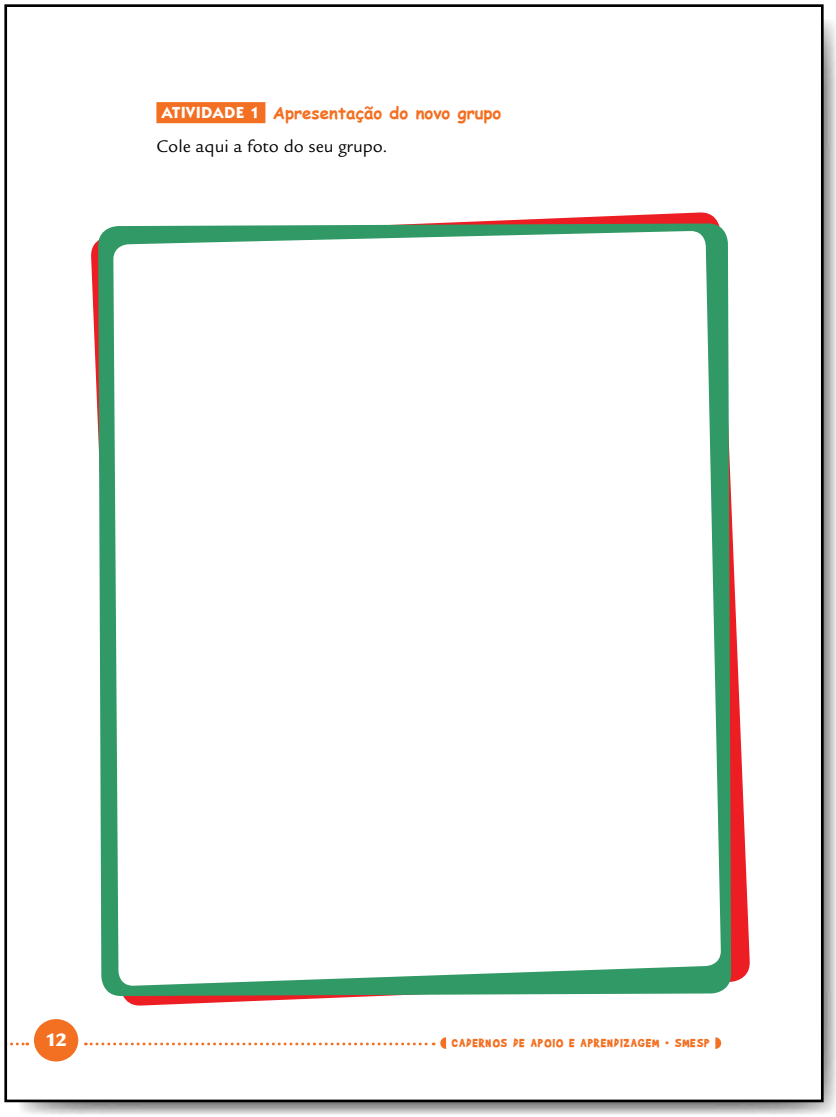
As temáticas da roda de conversa podem ser desencadeadas por diferentes situações e vivências trazidas pelos alunos: atualidades que os afetam diretamente, os aniversários, datas comemorativas, experiências vividas.

Objetivos

- Ter a atenção do aluno.
- Estabelecer o diálogo com o grupo.
- Perceber os diferentes turnos na comunicação (momentos de entrada no discurso).
- Descrever pessoas, objetos e espaços físicos.

Na relação discursiva, é necessário evidenciar:

- Pronomes pessoais (eu, ele, ela, nós) e possessivos (meu, seu, nosso, dele, dela, deles).
- Advérbios de tempo (hoje, ontem, amanhã, de manhã, de tarde, de noite) e advérbios de frequência (sempre, diariamente, toda semana, geralmente, algumas vezes, entre outros).
- Pronomes interrogativos (Quem? Quando? Onde? Por quê? Como? Qual?).
- Tipos de frases (interrogativa, negativa, afirmativa, exclamativa).
- Uso adequado das expressões faciais.



ATIVIDADE 1 *Apresentação do novo grupo*

Cole aqui a foto do seu grupo.

12 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Encaminhamento

Faça cartazes com as fotos dos alunos e seus nomes. Produza mural com as fotos, os sinais e a escrita que representam os alunos. Coloque, na porta da sala de aula, uma foto do grupo para identificar a classe aos alunos.

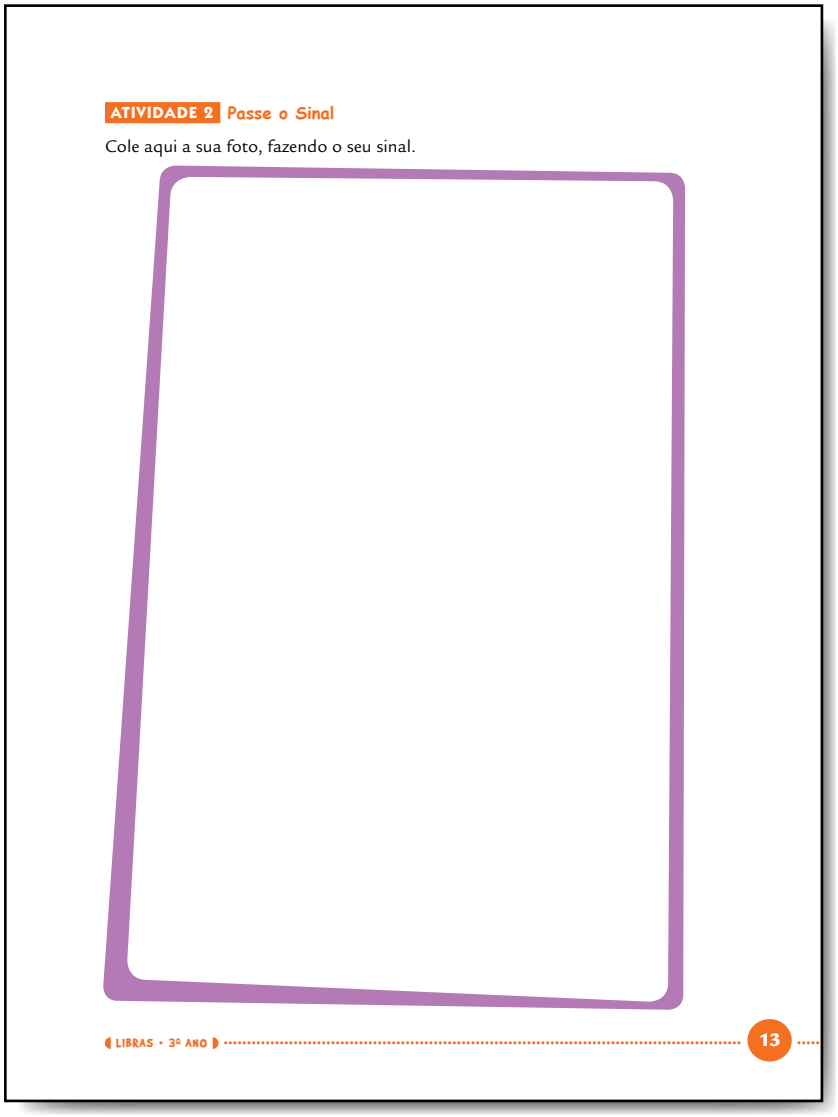
O alfabeto digital deverá permanecer na sala de aula, de preferência no mural, para que os alunos tenham a possibilidade de consultá-lo a todo momento.

Inicie as atividades com a apresentação dos alunos e professores. Solicite que os alunos digitem o nome completo e favoreça a discussão para que percebam se existem no grupo pessoas com nomes ou sobrenomes iguais. Identificar essas regularidades favorece que os alunos

percebam indícios de qual nome está sendo digitado e possam antecipar a leitura deste. Essa habilidade fornece agilidade na leitura de palavras digitadas contribuindo em todo o processo de desenvolvimento da Libras e também de letramento.

Dicas

- Estimule o aluno que está sinalizando com perguntas para que o discurso fique claro para todos.
- Ajude seus alunos a controlar o tempo do turno comunicativo, percebendo se os colegas estão atentos ao que ele está dizendo ou se estão desinteressados.
- O foco do professor é a relação discursiva na sala de aula, (a troca de informações e experiências entre os alunos) o uso e a fluência na língua de sinais.
- A criança aprende a língua na interação com o outro.


ATIVIDADE 2 Passe o Sinal

Cole aqui a sua foto, fazendo o seu sinal.

LIBRAS • 3º ANO 13

ATIVIDADE 2
Passe o sinal

Objetivos

- Assegurar a atenção do aluno.
- Desenvolver a memória
- Estabelecer o diálogo com o grupo.
- Perceber os diferentes turnos na comunicação (momentos de entrada no discurso).

Encaminhamento

Em circulo, cada aluno apresenta o seu sinal. A primeira pessoa mostra o sinal dela. A segunda mostra o sinal da primeira e o dela própria. A terceira pessoa mostra o sinal da primeira, da segunda e o seu próprio sinal. E assim continua até o fim. Se alguém errar, começa tudo de novo.

ATIVIDADE 3
Passe o sinal II

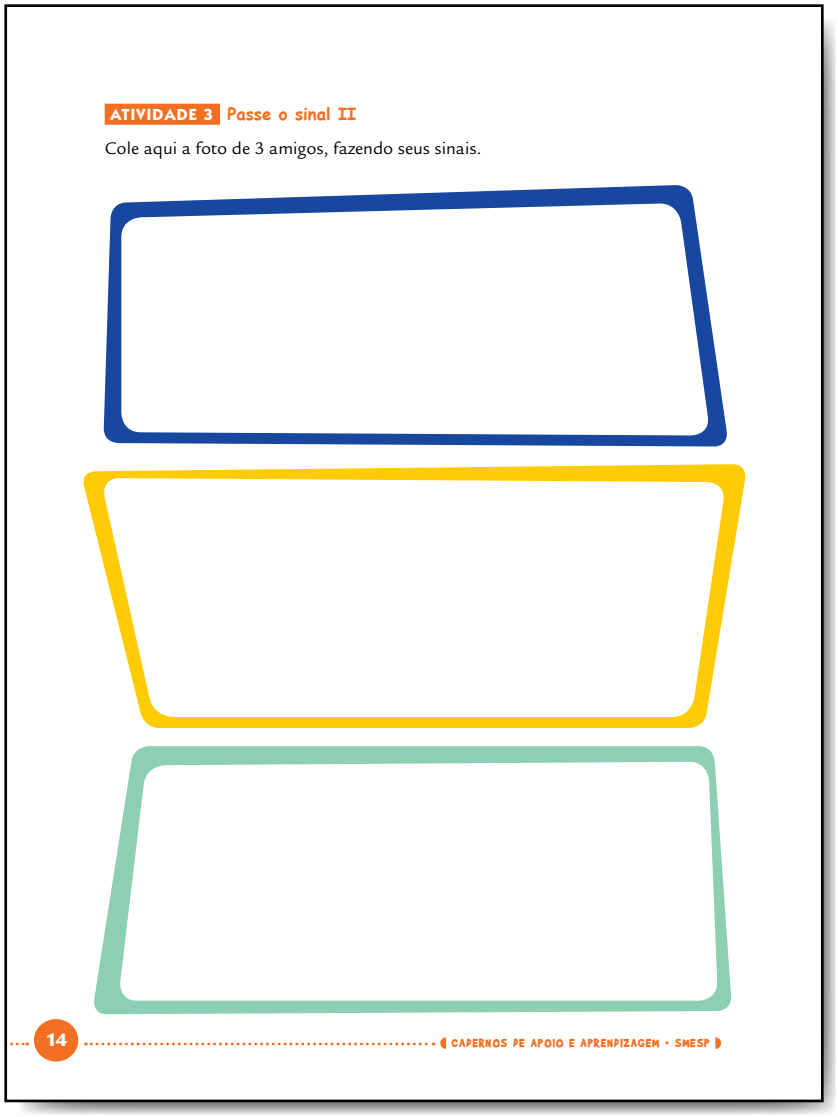
Encaminhamento

A primeira pessoa mostra o seu sinal. Em seguida, ela escolhe outra pessoa no grupo e mostra o sinal dela.

A segunda pessoa mostra o seu próprio sinal e escolhe outro colega do grupo para jogar. Este deve apresentar o sinal dele e escolher outra pessoa.

Se o aluno não perceber que o seu sinal foi apresentado no jogo, sai da brincadeira.

O jogo continua até a maioria das pessoas ter saído.



ATIVIDADE 3 Passe o sinal II

Cole aqui a foto de 3 amigos, fazendo seus sinais.

14 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 4
Jogo da digitação

Em círculo, um aluno escolhe um nome ou sobrenome do grupo para digitar e se detém numa letra. O colega ao lado deve completar a digitação.
Pode-se explorar também a memorização da ordem alfabética. O professor solicita ao grupo que recite o alfabeto. Um aluno digita a primeira letra, A, o segundo, a letra B, e assim por diante. A cada momento em que é digitada uma letra com a qual se inicia o nome (ou sobrenome) de alguma pessoa do grupo, a sequência é interrompida e o aluno deve digitar esse nome/sobrenome. Quando ele terminar, o próximo aluno deve saber continuar a ordem alfabética de onde o colega parou.

ATIVIDADE 4 Jogo da digitação

Recorte letras em revistas e cole formando o seu nome e de mais 3 colegas.

ATIVIDADE 5
Registro do grupo

Encaminhamento

Estimule o aluno a perceber as características individuais de cada um: uso de óculos, tipo de cabelo, cor da pele, aparelho auditivo, etc.

ATIVIDADE 5 Registro do grupo

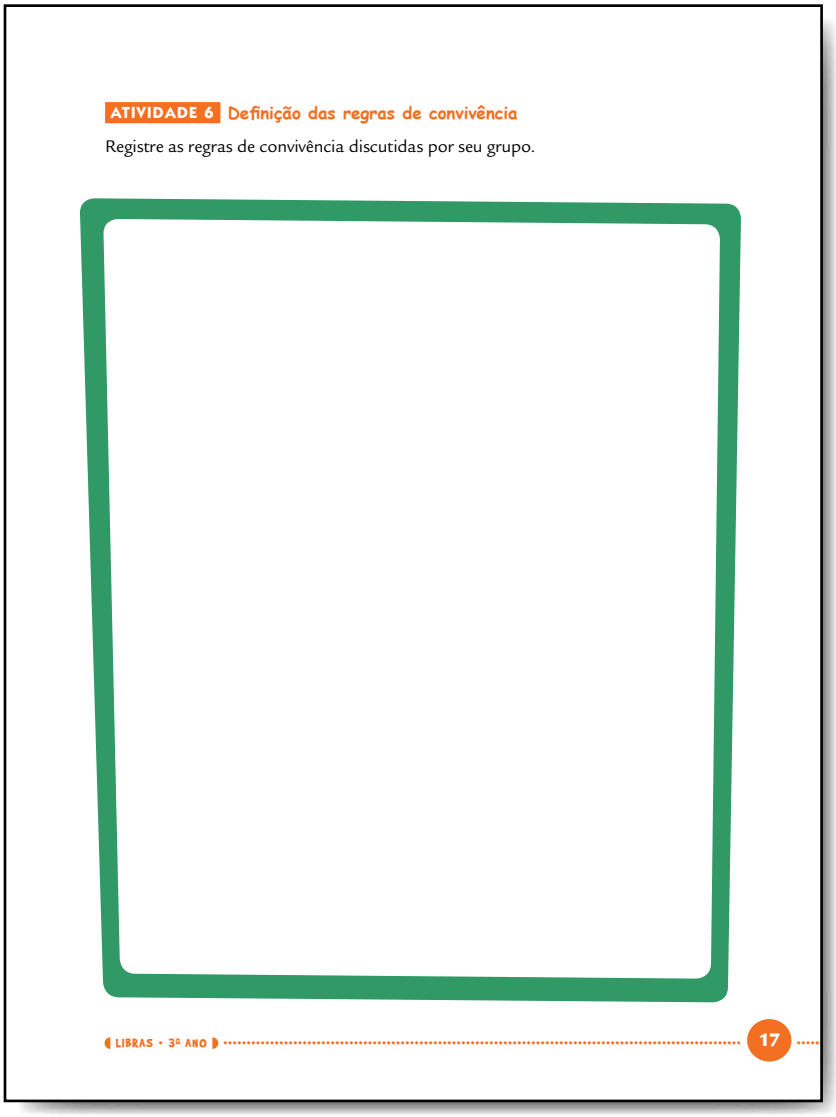
Desenhe seu grupo, detalhando as características pessoais de cada integrante.

ATIVIDADE 6
Definição das regras de convivência

Objetivos
- Desenvolver explicação e argumentação..
- Organizar o discurso para convencer os colegas.
- Desenvolver a expressão facial e corporal.
- Desenvolver clareza ao se expressar.

Encaminhamento
Discuta com os alunos para decidir as regras da sala. Estimule os alunos a darem sua opinião, explicar o motivo sobre a necessidade de cada regra e a argumentar caso surjam discordâncias. Em seguida, organize uma votação.
Registre com os alunos as regras que o grupo elegeu. Se o registro for filmado, poderá ser revisto a todo o momento pelo grupo.

Dicas
- Os alunos podem representar por meio da arte, pintura, escultura, poesias, teatro as regras que o grupo escolheu para harmonizar a convivência na escola.
- Prepare um dia de socialização das atividades: os grupos se organizam (datas e horários agendados) para comunicarem as regras de sua sala de aula. Os alunos do mesmo turno podem, então, se organizar e escolher as regras para o período.


ATIVIDADE 6 Definição das regras de convivência

Registre as regras de convivência discutidas por seu grupo.

LIBRAS • 3º ANO 17

ROTINA

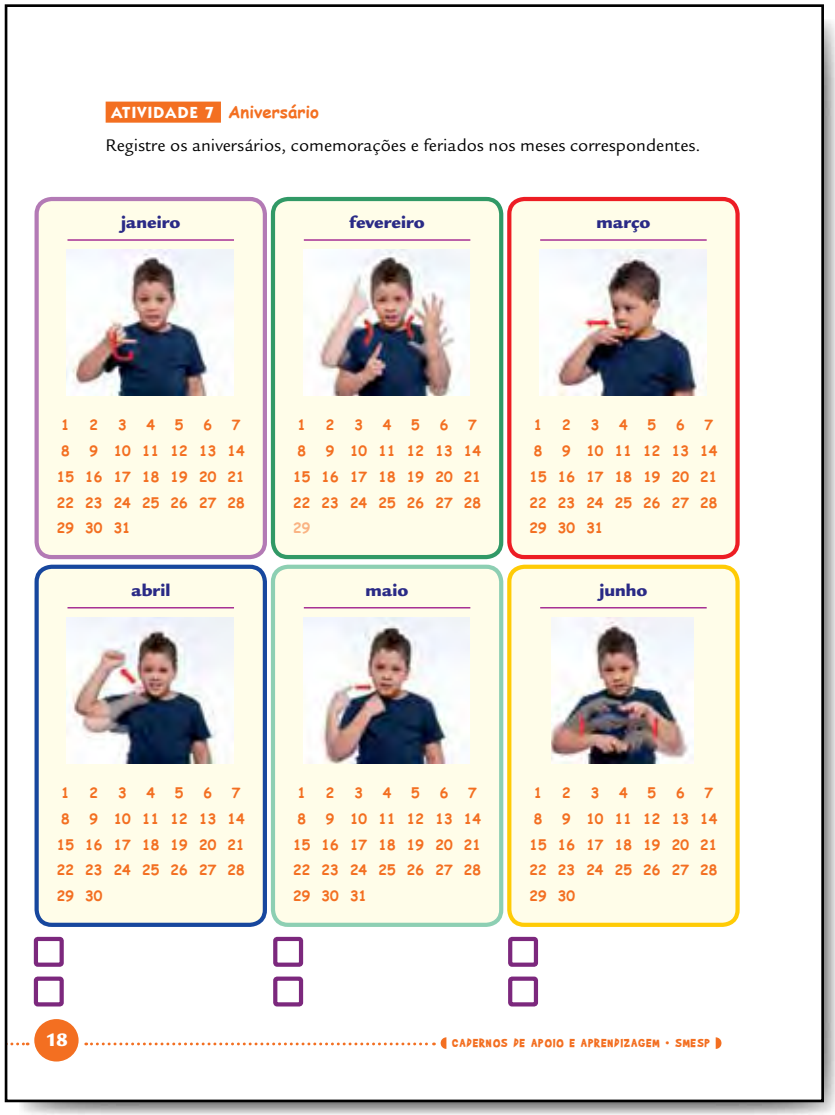
A apresentação das atividades do dia para o aluno pode se transformar em uma boa situação de aprendizagem: lista das atividades, ajudante do dia, aniversariantes, alunos presentes, ausentes, etc. A rotina passará a fazer parte do vocabulário do aluno: Matemática, Língua Portuguesa, Libras, Artes, Natureza e Sociedade, Educação Física, entre outros.
O professor, ao trabalhar a organização da rotina diária, estabelece e articula entre as atividades o tempo e o ritmo que se desenvolve no espaço.

Objetivos

- Assegurar a atenção do aluno.
- Organizar o tempo, espaço e ritmo dos alunos.
- Desenvolver a argumentação.

Encaminhamento

A rotina é uma atividade permanente e diária, que deve ser realizada no início da aula para que todos tenham acesso à organização das atividades propostas pelo professor.
Apresente a rotina todos os dias, registrando na lousa a sequência das atividades propostas. Registre a presença e a ausência dos alunos.
Pontue a duração das atividades na rotina do dia (meia hora, uma hora, 15 minutos, até a hora do lanche, etc) e os espaços utilizados (quadra, sala de leitura, informática, etc).
Sinalize os dias da semana, meses e ano no contexto da rotina.
Reserve alguns minutos no final da aula para avaliar com o grupo a realização das atividades propostas:



ATIVIDADE 7 Aniversário

Registre os aniversários, comemorações e feriados nos meses correspondentes.

janeiro

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

fevereiro

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29

março

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

abril

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30

maio

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30 31

junho

1 2 3 4 5 6 7
8 9 10 11 12 13 14
15 16 17 18 19 20 21
22 23 24 25 26 27 28
29 30

18 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

- Conseguimos realizar todas as atividades?
- O que não foi possível ser feito? Por quê?
- Solicite sugestões do grupo para novos encaminhamentos.
- As atividades sugeridas neste livro devem ser realizadas conforme o ritmo do grupo e podem ser apresentadas em sequência diferente.

ATIVIDADE 7
Aniversários

Encaminhamento

Socialize as datas de aniversário de todos os integrantes do grupo e solicite aos alunos que registrem essas datas no calendário. Oriente que construam a legenda usando cores diferentes para cada colega e escrevendo os nomes para identificá-los.
Discuta com os alunos a data de aniversário da escola, os feriados, a Semana Cultural e Espor-

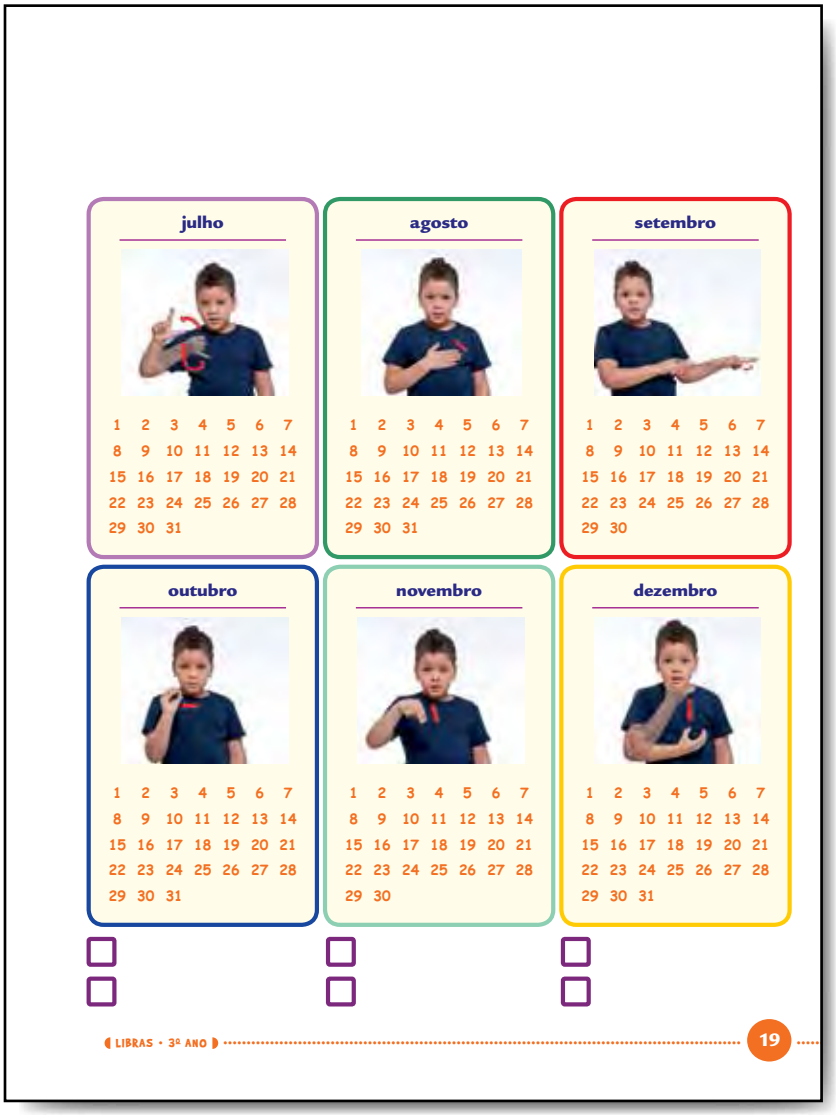
tiva dos Surdos, o Dia do Surdo, etc, e registre no calendário.

Dicas

- Sinalize para seus alunos as atividades propostas para o dia, a sequência das atividades, ou seja, a que será realizada primeiro, o que será visto depois, a atividade que antecede o recreio, a que vem depois...
- No final da aula, retome a rotina para avaliar o que foi realizado: o que foi possível fazer, o que não deu tempo, o motivo pelo qual não foi possível realizar a rotina proposta, etc.
- Não se esqueça de mencionar a data, o mês e o ano (uso do calendário).
- Lembre-se de apresentar o sinal e o nome da escola.

Na relação discursiva, é necessário evidenciar:

- Sinais das atividades propostas para o dia: Matemática, Natureza e Sociedade, Libras, Artes, Educação Física, etc.
- Advérbios de tempo: hoje, ontem, amanhã, antes, depois, de manhã, de tarde e de noite.
- Pronomes interrogativos: QUEM faltou? QUANTOS alunos estão presentes? O QUE vai acontecer? POR QUE você está bravo? ONDE você achou isso? QUAL você quer?
- Sequência de acontecimentos: primeiro, segundo, último, etc.
- Dias da semana, meses e o ano.



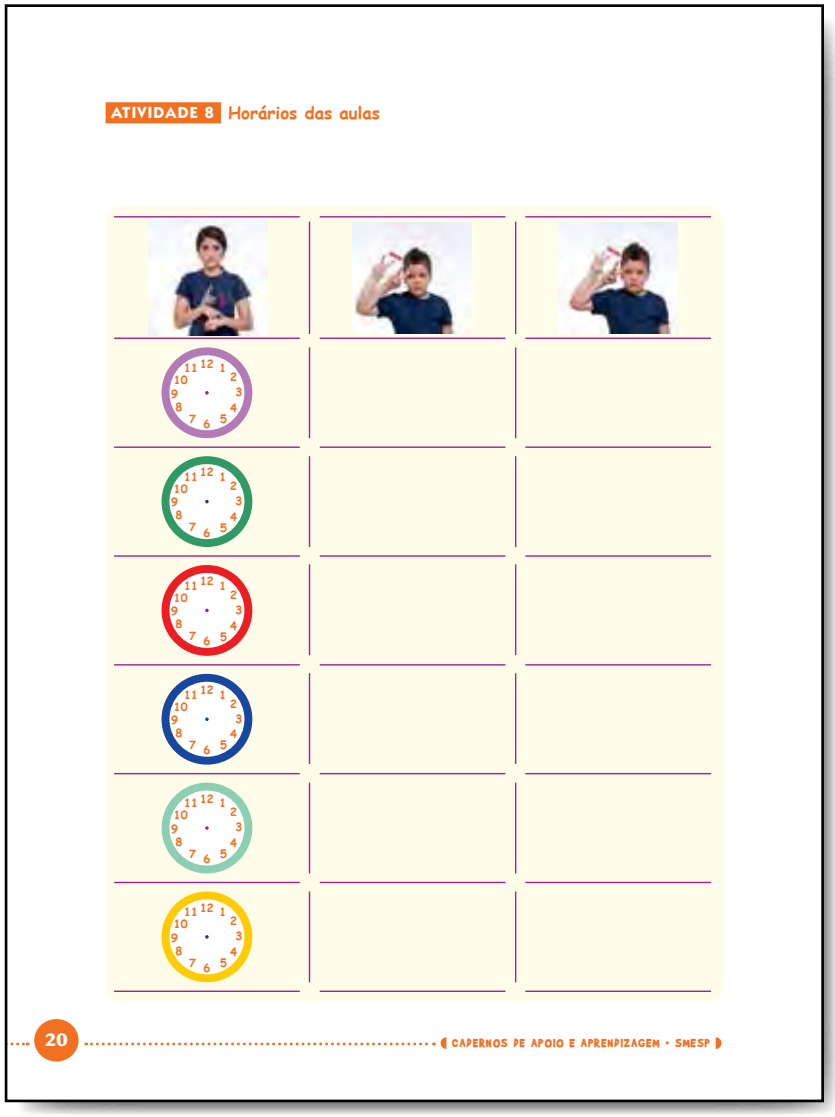
- Sinal da escola.
- Uso dos marcadores.

- Pontue as atividades propostas para o dia utilizando os dedos das mãos como marcadores. Isso organiza a visão espacial dos alunos e a sequência das atividades do dia.
- Os dedos das mãos podem ser usados como um marcador, enumerando neles os elementos (pessoas, objetos, etc.) aos quais se refere.
- Quando precisar retomar o elemento referido, indique o dedo anteriormente demarcado.

ATIVIDADE 8
Horários das aulas

Encaminhamento

Oriente os alunos a marcarem no relógio o horário de início das aulas e registrarem no quadro as áreas do conhecimento conforme a grade horária.



ATIVIDADE 8 Horários das aulas

20 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 9
Organização do tempo no contraturno

Encaminhamento

Pergunte para cada aluno do grupo como é a organização do tempo dele em casa. Podem-se formular perguntas tais como:

- A que horas você acorda?
- A que horas você estuda?
- A que horas você vê televisão?
- A que horas você vai dormir?

ATIVIDADE 9 Organização do tempo no contraturno

Registre no quadro o que você fez e socialize no grupo.

ATIVIDADE 10
Organização do horário das aulas

Para cada área do conhecimento os alunos devem buscar em revistas e jornais uma imagem que a represente. Por meio do discurso, explicam o motivo que os levaram a escolher determinada imagem para representar as diferentes áreas do conhecimento.

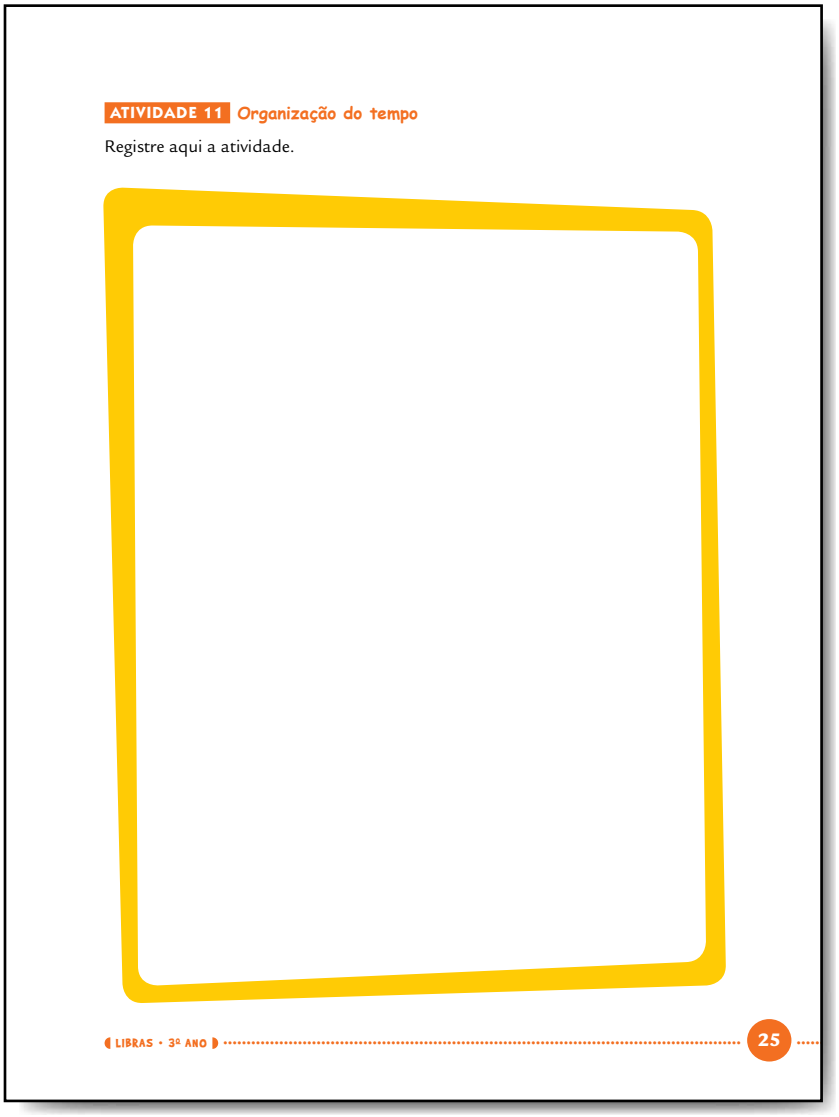
ATIVIDADE 10 Organização do horário das aulas

Cole as imagens que você selecionou para cada área do conhecimento e o sinal correspondente recortado do Anexo 1.

ATIVIDADE 11
Organização do tempo

Objetivo
- Percepção e reflexão da organização do próprio tempo.

Encaminhamento
Após a socialização dos horários individuais no grupo, organize com os alunos um cartaz mostrando a diversidade de horários.
Retome os resultados do cartaz sobre as atividades realizadas fora da escola. Compare-as, incentivando e favorecendo a percepção e reflexão sobre o tipo, o tempo e a sequência das atividades citadas.


ATIVIDADE 11 Organização do tempo

Registre aqui a atividade.

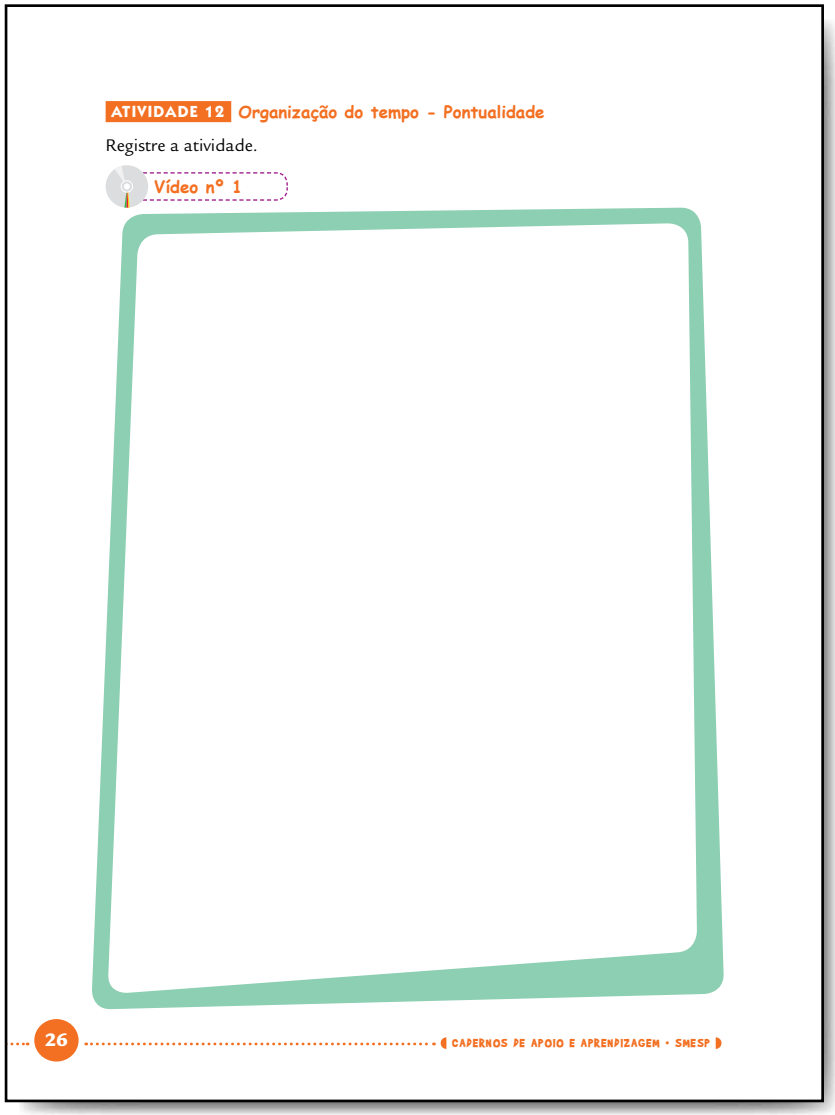
LIBRAS • 3º ANO 25

ATIVIDADE 12
Organização do tempo - pontualidade

Encaminhamento

No grupo, questione os alunos sobre pontualidade:

- Você é pontual?
- Você chega na hora aos seus compromissos? Na escola? No encontro com o condutor escolar? Na festa junina? Na consulta médica?
- Como é a pontualidade dos seus familiares?
- Dos médicos? Fonoaudiólogos? Dentistas? Professores? Condutores?



ATIVIDADE 12 Organização do tempo - Pontualidade

Registre a atividade.

Vídeo nº 1

26 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

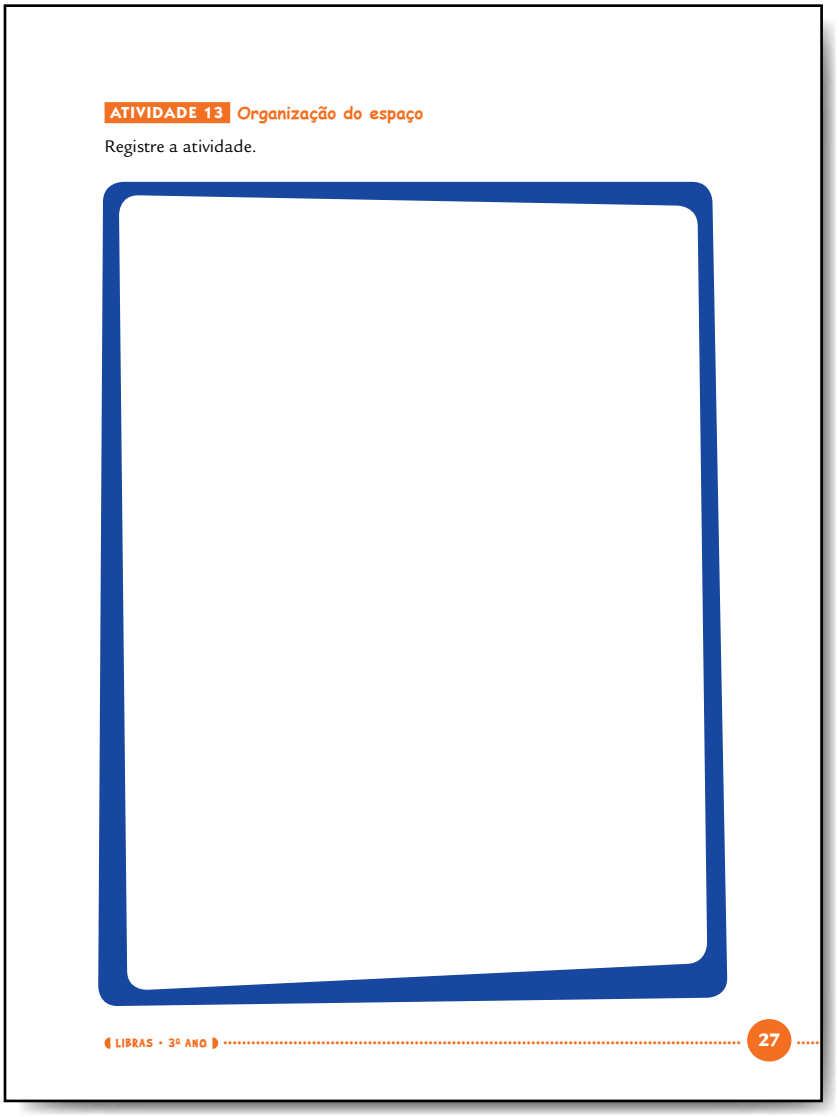
ATIVIDADE 13
Organização do espaço

Encaminhamento

No grupo, o professor questiona os alunos e abre a discussão no sobre a organização do espaço:

- Como é o seu armário?
- Ao chegar em casa, onde você coloca o seu material? E as suas roupas?
- Onde você faz a lição? O que você faz para melhorar a organização do seu espaço de trabalho?

O professor estimula a discussão sobre a importância da organização na escola e na vida do aluno.



ATIVIDADE 13 Organização do espaço

Registre a atividade.

LIBRAS • 3º ANO 27

ATIVIDADE 14
Sinais do diretor da escola, coordenador pedagógico, assistente de direção e professor

Encaminhamento

Proponha para os alunos que pesquisem quem trabalha na administração da escola e os seus sinais pessoais.

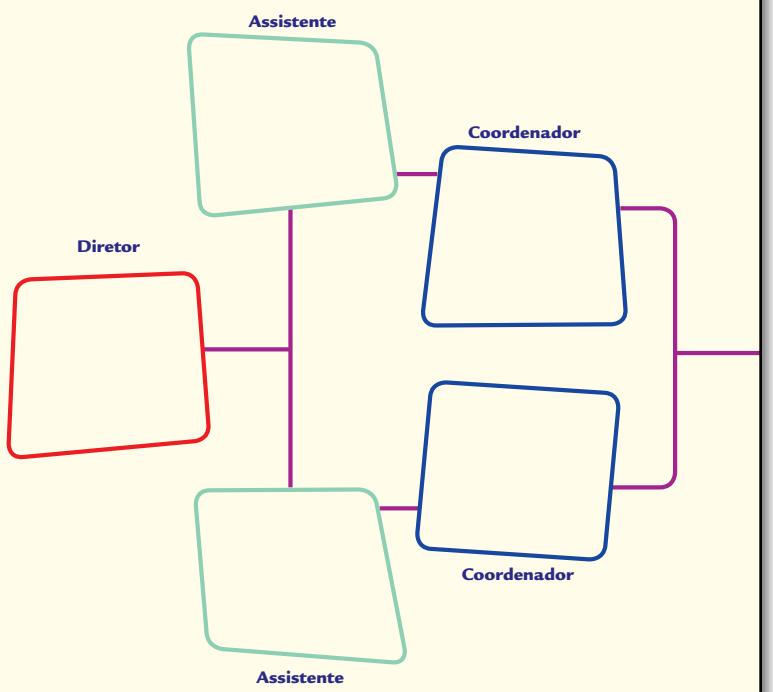
Continue a pesquisa com os professores que trabalham com o grupo e os seus sinais correspondentes.

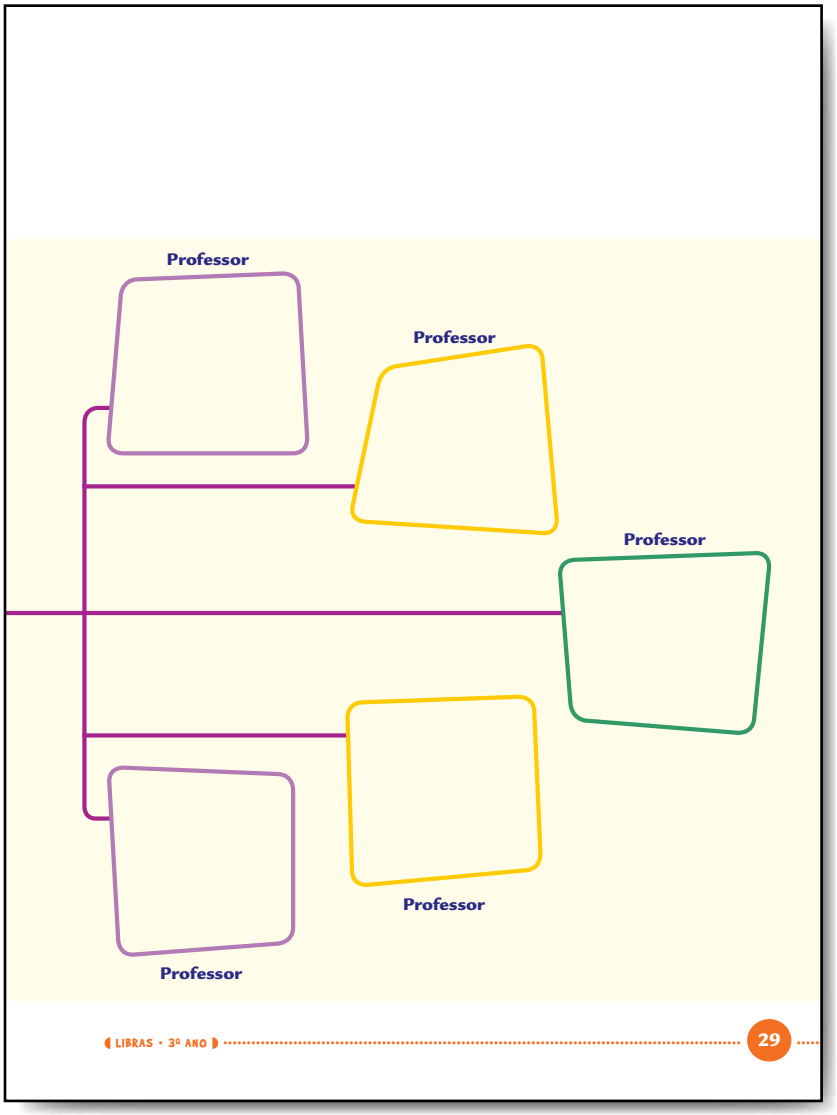
Peça que cada uma dessas pessoas explique aos alunos qual função exerce na escola.

Fotografe os sinais pessoais de todas as pessoas pesquisadas.

ATIVIDADE 14 Sinais do diretor da escola, coordenador pedagógico, assistente de direção e professores

Cole aqui as fotos com sinais pessoais do diretor da escola, coordenadores, assistentes de direção e professores.




Professor
Professor
Professor
Professor
Professor
LIBRAS • 3º ANO
29

DECLARAÇÃO / ARGUMENTAÇÃO

Objetivos

- Argumentar / declarar.
- Desenvolver a expressão facial e corporal.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento

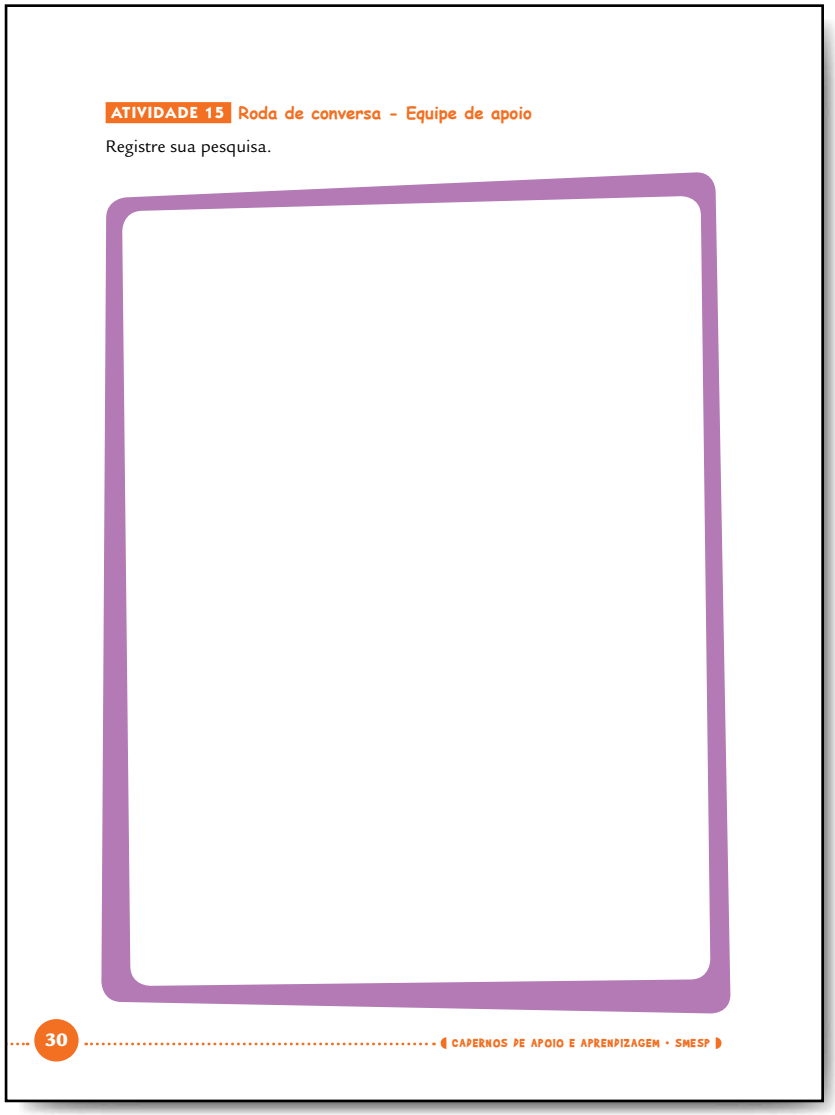
Ofereça aos alunos a possibilidade de fazerem uma reclamação para a turma quando sentirem profundo descontentamento ou sentirem vontade de felicitar uma coisa boa que aconteceu. Explique que, num momento combinado na semana, eles poderão subir num degrau ou caixa de madeira para se colocarem.

Oriente os alunos a falar sobre acontecimentos, situações, mas não exporem pessoas. O fato de os alunos poderem se colocar é interessante, porém é fundamental que eles sejam acompanhados, constantemente orientados e que, se julgar necessário, interrompidos. Dessa maneira, eles poderão adequar a forma de se colocarem.

ATIVIDADE 15
Roda de conversa - Equipe de apoio

Encaminhamento

Converse com os alunos e pesquise quem trabalha nas funções de apoio da escola e os seus sinais pessoais.



ATIVIDADE 15 Roda de conversa - Equipe de apoio

Registre sua pesquisa.

30 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Peça que cada uma dessas pessoas explique aos alunos qual função exerce na escola.

Fotografe os sinais pessoais de todas as pessoas pesquisadas.

JOGOS E BRINCADEIRAS

UNIDADE

2

JOGOS

Durante jogos, as crianças têm oportunidade de observar e aprender como seus colegas reagem e como eles se expressam. É importante que os alunos sintam segurança e liberdade para se expressarem abertamente. A mediação do professor, orientando os alunos a se respeitarem, é determinante.

Objetivo

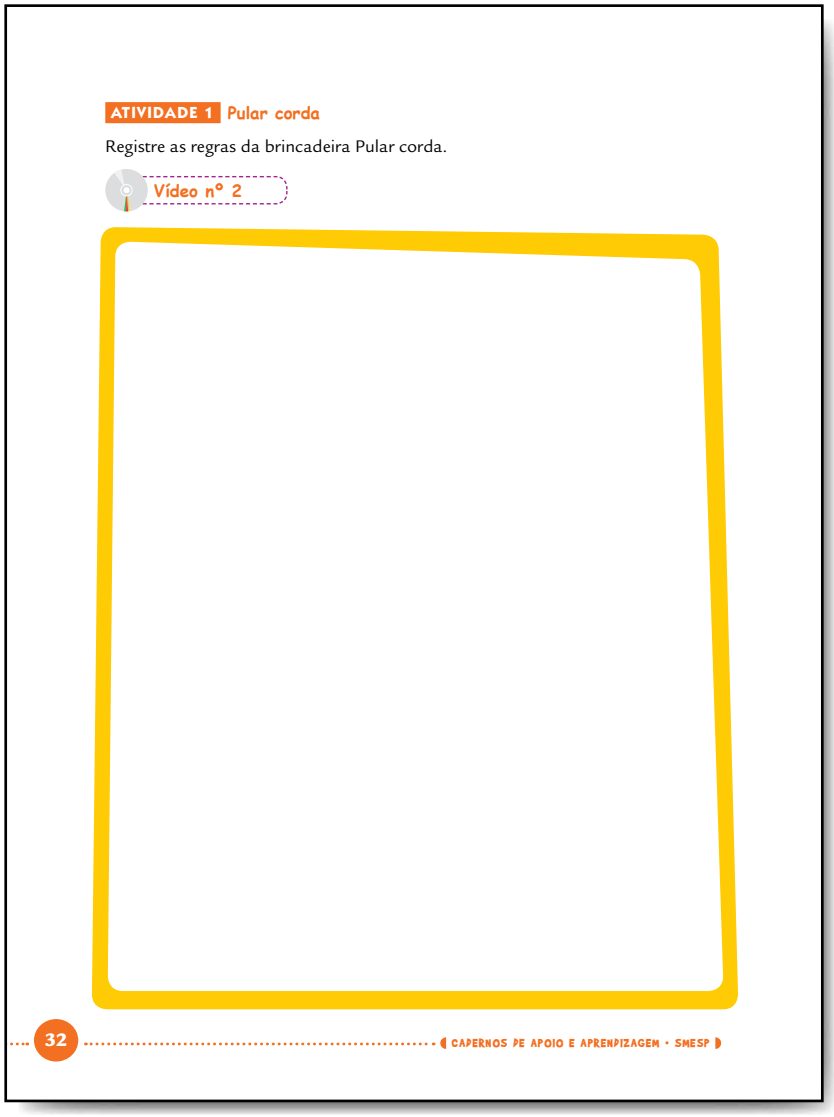
- Conhecer e respeitar as regras do jogo.
- Saber ganhar e perder a vez.
- Esperar a sua vez na brincadeira.
- Aprender a lidar com o erro de forma construtiva.

Encaminhamento

Explique as regras do jogo para os alunos e brinque com eles.
Filme os alunos explicando as regras do jogo e revise com eles, analise se a explicação está clara e se há necessidade de refazer a filmagem. Registre também as estratégias que os alunos usam para realizar o jogo/brincadeira com sucesso.
Incentive os alunos a contar como se sentiram com o próprio desempenho no jogo.

Dica

- Guarde as filmagens para socializar com outros grupos da escola. Forme um arquivo de vídeos produzidos pelos alunos, faça cópias e envie para casa para ser compartilhado com seus familiares e amigos.


ATIVIDADE 1 Pular corda

Registre as regras da brincadeira Pular corda.

Vídeo nº 2

32 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 1
Pular corda

Encaminhamento

Duas pessoas batem a corda e uma outra pula.
Os alunos, em fila, esperam o colega que está pulando errar para trocar a vez.
Os alunos também podem estabelecer como regra contar até 10, 20 ou 30 e aquele que está pulando sai da brincadeira no número combinado.
Para aqueles alunos que já sabem pular corda, a brincadeira pode ser dificultada em grau:

- Solicite que dois alunos pulem juntos.
- Solicite que o aluno entre na brincadeira com a corda batendo.
- Solicite que o aluno coloque a mão no chão, enquanto pula.
- Solicite ao aluno que pule com uma perna só.
- Solicite ao aluno que, durante a brincadeira, dê uma rodada com o corpo.

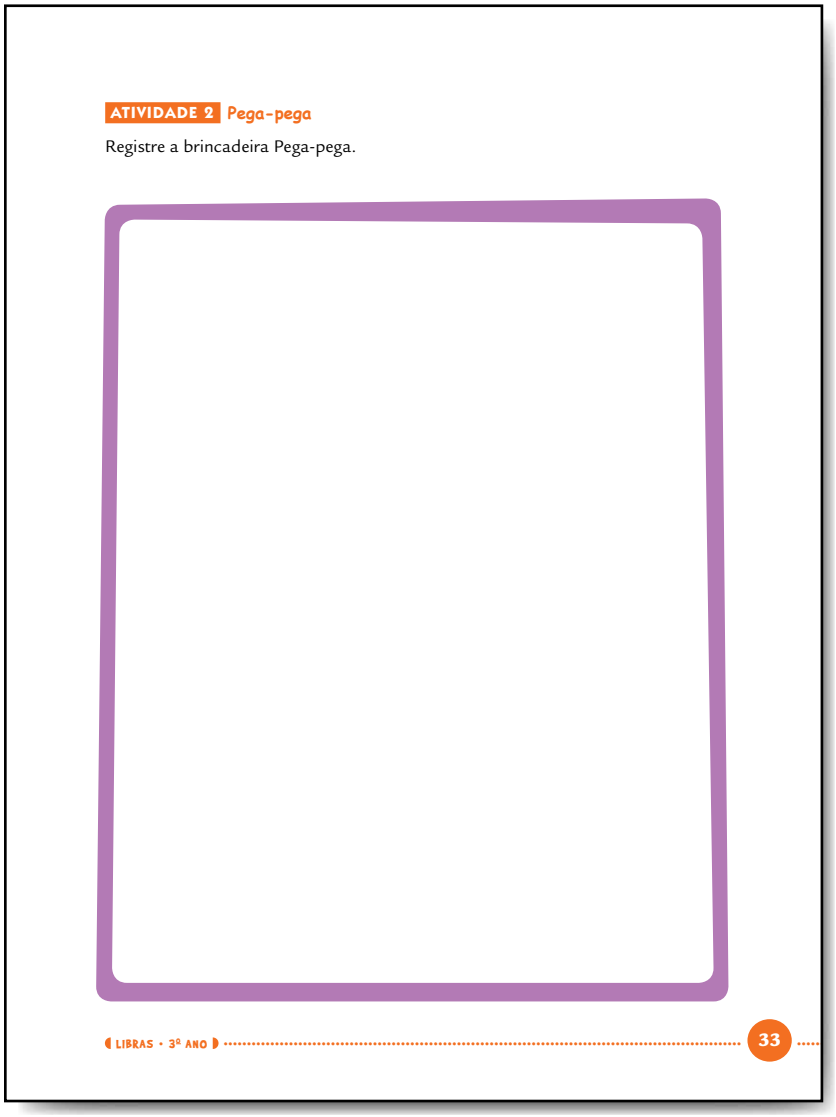
Dicas

- Ensine aos alunos a brincadeira "com quem pretende se casar" e explique como devem se organizar. Enquanto esperam o colega pular, os alunos formam uma fila na horizontal de modo que todos possam ver a criança que está pulando corda. Elas devem sinalizar o texto "com quem pretende se casar". Quando a criança que estava pulando corda errar, os colegas dirão com quem ela se casará – dependendo do sinal que estiverem fazendo na sequência do texto.
- "Com quem você pretende se casar? Loiro, moreno, careca, cabeludo, rei, capitão, soldado, ladrão, moço bonito do meu coração. A, B, C, D, ..."

ATIVIDADE 2
Pega-pega

Encaminhamento

O pega-pega pode ser jogado por um número grande de participantes: duas ou três salas juntas.
Uma pessoa é escolhida ou sorteada para ser o pegador.
Ela corre atrás de seus colegas. Estes podem se refugiar no "pique", um espaço predeterminado pelo grupo para descanso.
Aquele que for pego passa a ser o pegador.


ATIVIDADE 2 Pega-pega

Registre a brincadeira Pega-pega.

LIBRAS • 3º ANO 33

ATIVIDADE 3
Pega-gelo

Encaminhamento

É uma variação do pega-pega. Quando o pegador toca aquele que deve evitar ser pego, ele deve ficar congelado (parado).

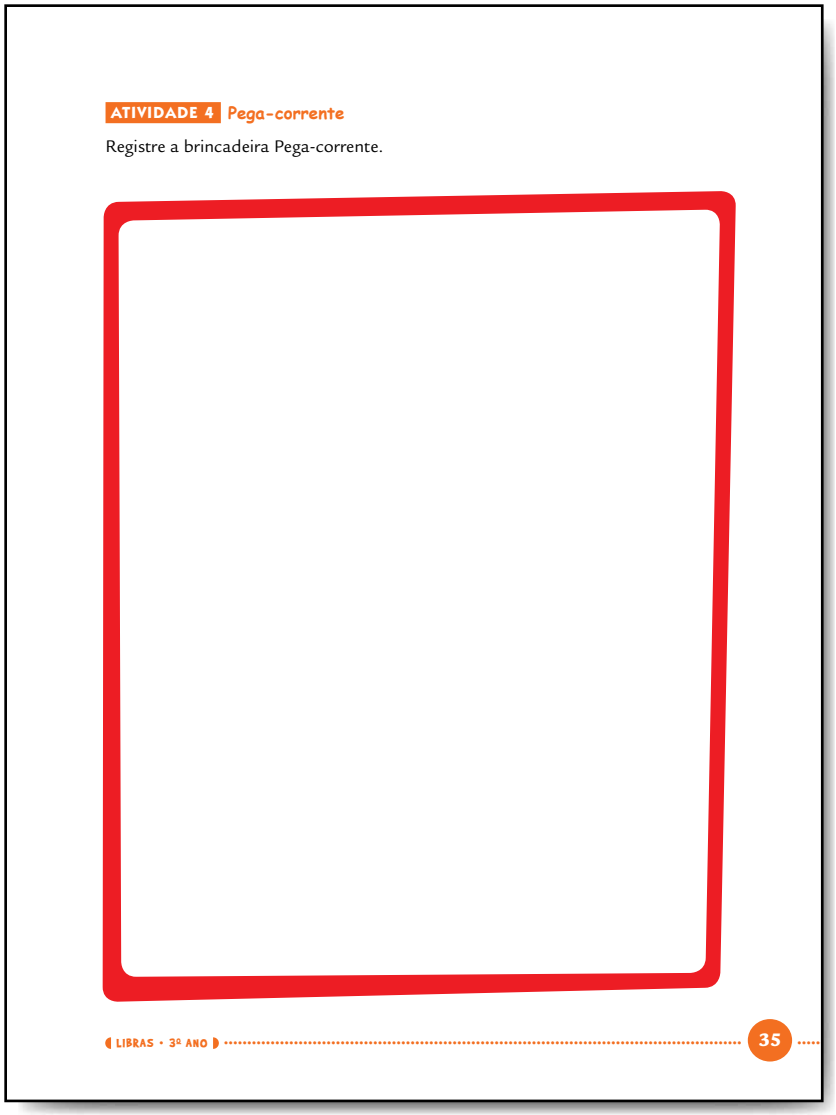
ATIVIDADE 3 Pega-gelo

Registre a brincadeira Pega-gelo.

ATIVIDADE 4
Pega-corrente

Encaminhamento

Quando o pegador toca em um colega, este vira um perseguidor. Ele deve dar a mão para aquele que o tocou e, em grupo, correr para tocar outro colega de modo a formar uma corrente. Vence aquele que não for pego por ninguém.



ATIVIDADE 4 Pega-corrente

Registre a brincadeira Pega-corrente.

LIBRAS • 3º ANO 35

ATIVIDADE 5
Queimada

Encaminhamento

Providencie uma bola de borracha de tamanho médio.

O jogo necessita de um espaço amplo, em forma retangular. Divida esse espaço no meio e reserve outro no fundo que será conhecido como cemitério (o cemitério é um espaço delimitado atrás da linha de fundo do campo do adversário).

Solicite que o grupo escolha dois capitães para organizar os times. Os capitães escolhem os colegas para compor o time.

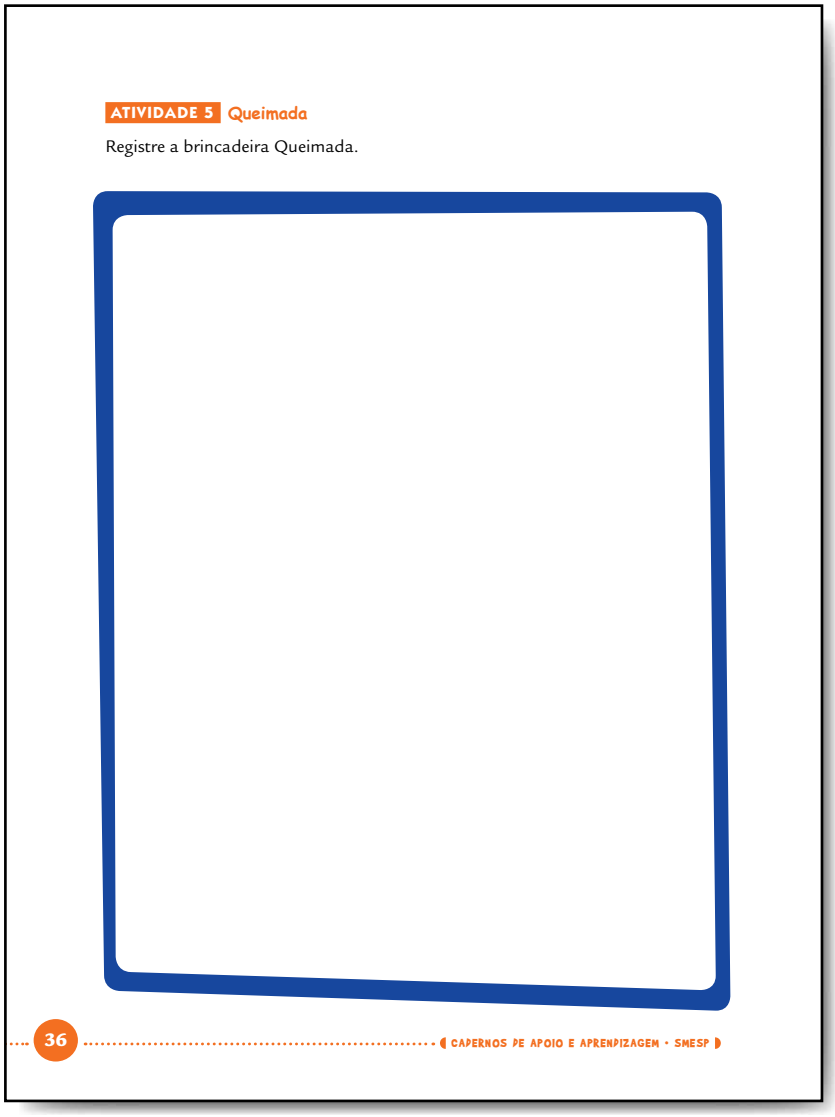
Cada time se coloca em um campo e escolhe o aluno que deverá permanecer no cemitério como reserva. Ele não poderá ser queimado nesse espaço, nem queimar ninguém do time adversário.

Assim que um aluno for queimado, ele troca de lugar com o reserva do time que até então ocupava o espaço no cemitério.

A partir desse momento o aluno que estiver no cemitério pode pegar a bola e queimar qualquer pessoa do time contrário.

Para escolher a bola ou o campo, os capitães podem tirar no par ou ímpar.

O jogo tem por objetivo "queimar" os adversários. Ganha o time que fizer maior número de prisioneiros no cemitério.


ATIVIDADE 5 Queimada

Registre a brincadeira Queimada.

36 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Como se joga:

O time com a posse da bola tenta atirá-la no campo adversário, com o objetivo de atingir um colega com a bolada.

O colega adversário pode agarrar a bola com as mãos e revidar para o campo contrário. A bola não pode ser agarrada, nem cair no chão.

Se o colega do time adversário não pegar a bola, ou se for atingido por ela no braço, perna ou costas, é considerado prisioneiro do time e deve ser retirado do campo e encaminhado para o cemitério.

Iniciado o jogo, o primeiro prisioneiro liberta o reserva do cemitério. Agora o aluno que estiver no cemitério também poderá queimar os colegas do time adversário.

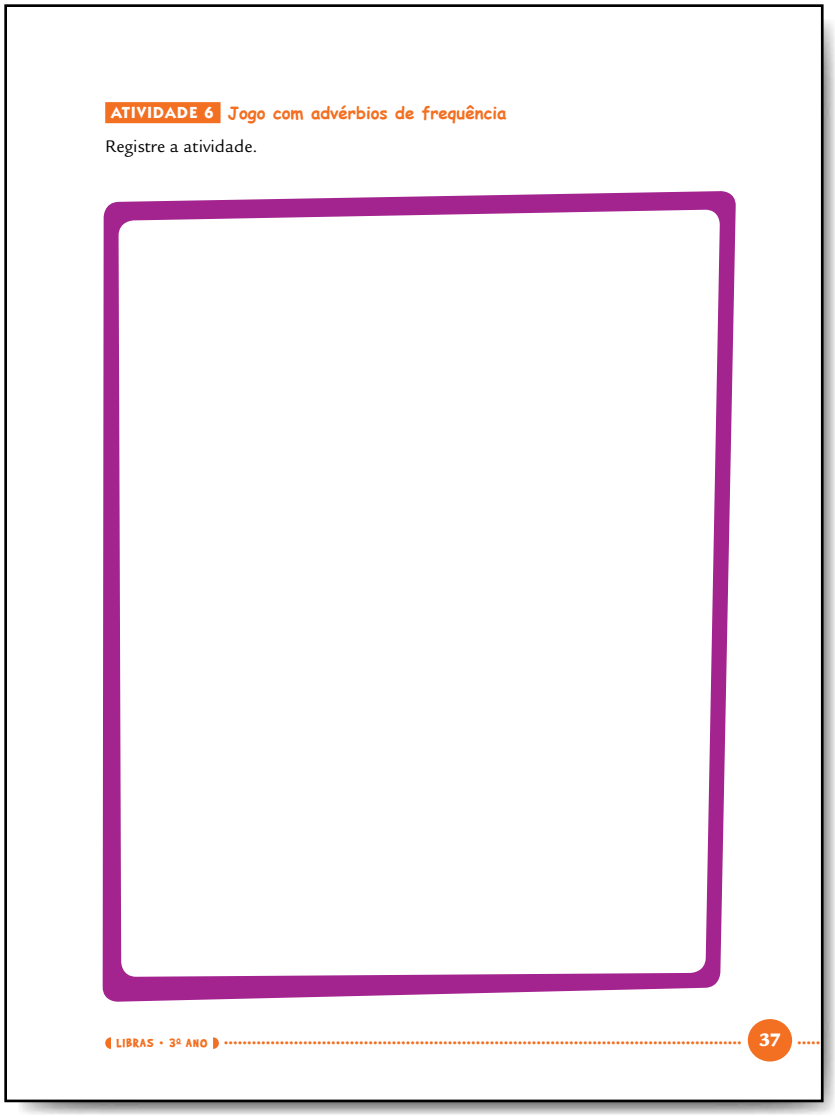
O jogo pode ser dificultado ampliando o espaço do cemitério, que a princípio é reservado na linha de fundo do campo, para as laterais do mesmo.

Dessa forma, tanto os prisioneiros do fundo do campo como aqueles que estão posicionados ao lado poderão queimar os adversários.

ATIVIDADE 6
Jogo com advérbios de frequência

Objetivo
- Contextualizar os advérbios de frequência.
- Ampliar o uso da língua de sinais.

Encaminhamento
Separe a classe em dois grupos.
Recorte do anexo 2 do livro os sinais que representam os advérbios de frequência utilizados no dia a dia: Sempre, nunca, diariamente, dia sim, dia não, de dois em dois dias, toda semana, todo mês, de dois em dois meses, todo ano, de seis em seis meses, etc.
Dobre os sinais recortados e os coloque em uma caixa, ou em um saquinho.
O aluno do grupo A tira do saco ou a da caixa o papel e identifica o sinal sorteado. Ele deve contar algum fato ou história que apresente o advérbio sorteado.
O grupo B precisa descobrir qual o advérbio que contempla a situação apresentada pelo aluno.
Aquele que acertar o advérbio ganha um ponto para o grupo.
Se o grupo não acertar ou não souber perde o ponto para o grupo que apresentou o exemplo.
Ganha o grupo que fizer mais pontos.


ATIVIDADE 6 Jogo com advérbios de frequência

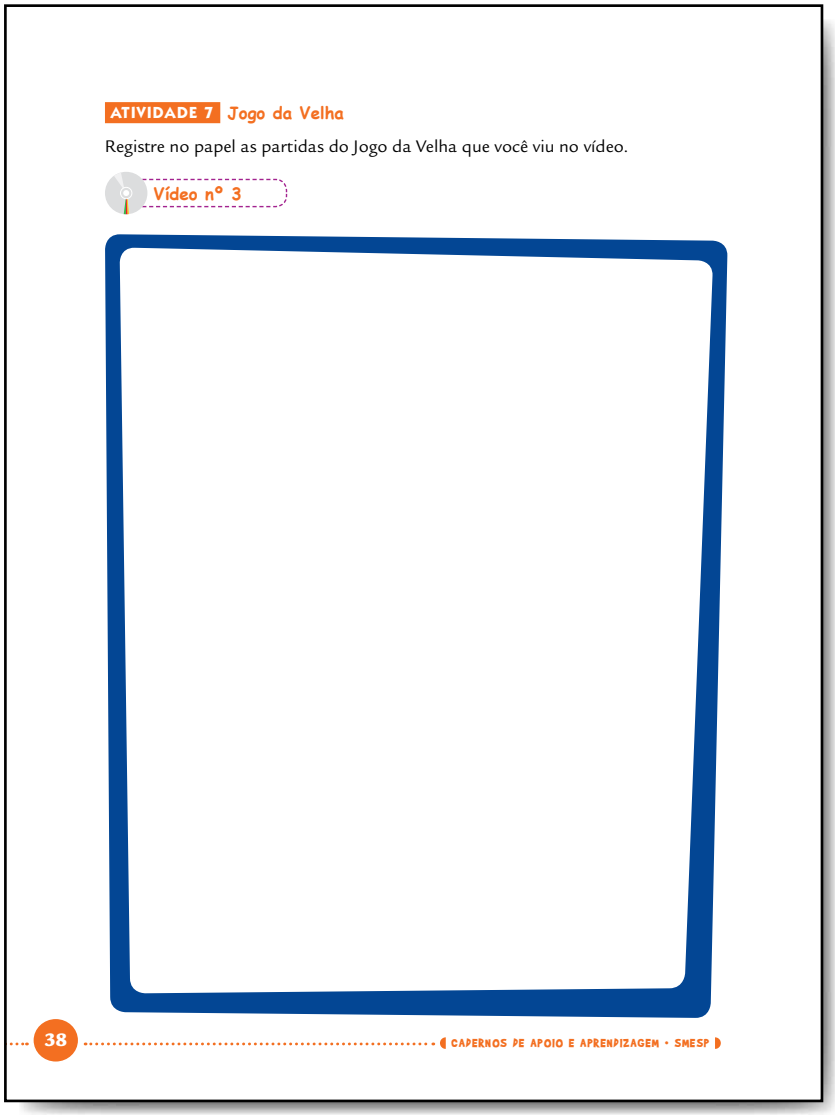
Registre a atividade.

LIBRAS • 3º ANO 37

ATIVIDADE 7
Jogo da velha

Objetivos
- Desenvolver atenção visual.
- Usar um ponto de referência na produção de uma representação espacial.
- Desenvolver a memória visual.

Encaminhamento
Apresente o Jogo da velha na lousa e pergunte aos alunos se conhecem a brincadeira. Pergunte o que eles sabem, retome as regras e o objetivo da brincadeira. Se não conhecerem, explique como se brinca.
Organize os alunos para brincarem no papel. Sugira aos alunos que brinquem em casa com os familiares.
Quando eles já demonstrarem segurança quanto à brincadeira, proponha fazerem a atividade sem papel.
Apresente aos alunos o vídeo da primeira partida e pergunte o que está representado nele. Espera-se que os alunos reconheçam a brincadeira.
Converse com os alunos sobre a partida. Pode-se perguntar aos alunos, por exemplo, quem ganhou: o jogador que usava o X ou O?
Proponha aos alunos representar a partida assistida, seja na lousa, seja individualmente ou em duplas, em um papel.
Apresente a segunda e a terceira partida, retomando a cada vez o que foi visto. Proponha aos alunos representar a partida assistida, seja na lousa, seja individualmente ou em duplas, em um papel. Após assistir à terceira partida, verifique se os alunos têm clareza de que não se pode colocar X ou O onde já tiver sido representado algum símbolo. Organize os alunos para que brinquem como no vídeo, desenhando no ar. Incentive os alunos a brincarem com seus familiares.


ATIVIDADE 7 Jogo da Velha

Registre no papel as partidas do Jogo da Velha que você viu no vídeo.

Vídeo nº 3

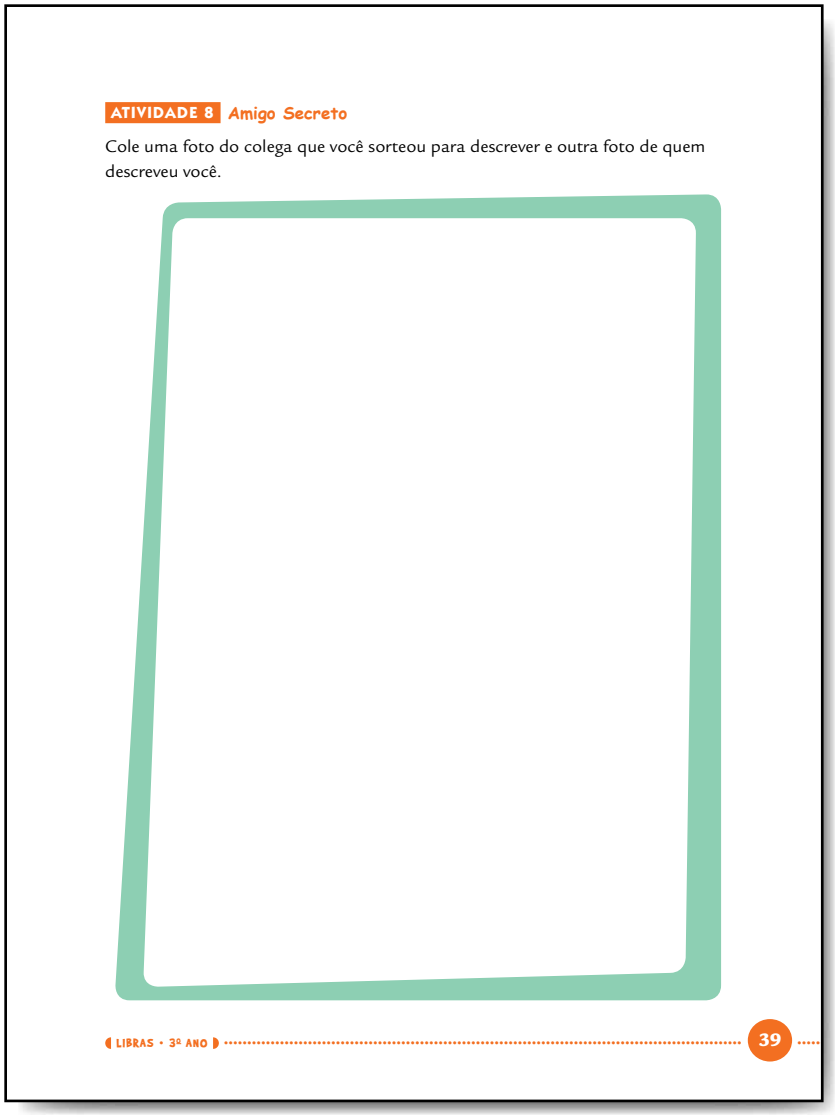
38 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 8
Amigo secreto

Objetivos
- Falar sobre algo sem nomeá-lo.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.

Encaminhamento
Explique a brincadeira e peça aos alunos que escrevam o nome em um papel.
Pontue que faz parte da brincadeira guardar segredo e não contar quem foi tirado.
Cada aluno deve falar do colega sorteado sem dar o seu sinal, até a turma descobrir quem ele tirou.

Dica
- Os alunos podem presentear o colega sorteado com um desenho ou um cartão feito na escola.


ATIVIDADE 8 Amigo Secreto

Cole uma foto do colega que você sorteou para descrever e outra foto de quem descreveu você.

LIBRAS • 3º ANO 39

TEXTOS INSTRUCIONAIS E RECEITAS

UNIDADE

3

ATIVIDADE 1
Cabelinho Verde

Objetivos
- Conhecer o gênero texto instrucional.
- Compreender e explicar instruções para confeccionar brinquedos.

Encaminhamento
Assista ao vídeo com os alunos. Levante os materiais necessários para a confecção do brinquedo. Solicite aos alunos que observem no vídeo as etapas da confecção do brinquedo. Durante a atividade, retome com os alunos as etapas da confecção do material, os materiais e instrumentos utilizados e a ordem e a sequência dos procedimentos. Faça questões sobre o vídeo: O que iremos fazer? O que precisamos para fazer esse brinquedo? O que iremos fazer primeiro? E depois? Estimule os alunos a confeccionarem o brinquedo seguindo a ordem e as instruções do texto.

Confecção do Cabelinho Verde
Você irá precisar de:
- uma meia calça (¾)
- alpiste
- serragem
- elástico e lã
- cola quente
- olhinhos de plástico

Como se faz:
1°passo: Coloque dentro da meia uma porção de mistura de alpiste com um pouco de serragem. A porção de alpiste e serragem deve ter a medida que você determinar como limite de crescimento do cabelo.

ATIVIDADE 1 Cabelinho Verde

Vídeo nº 4

Registre a confecção do boneco Cabelinho Verde.

42 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

2° passo: Complete o restante do boneco somente com serragem, segundo o tamanho que desejar. Amarre e arremate cortando a sobra.
3° passo: Um pouco acima do meio, puxe uma pequena porção da meia e prenda com o elástico.
4°passo: Com a cola quente, prenda os olhos e a boca do boneco. Utilize a lã para dar forma à boca.
5° passo: O boneco pronto deve ser molhado até que fique encharcado. Depois, deve-se molhar a cabeça do boneco uma vez por dia.

Dicas:
- Tire fotos e registre os alunos confeccionando o material.
- Faça um mural com a atividade realizada e a utilize para os alunos relatarem as etapas da confecção do brinquedo.
- Filme os alunos contando como fizeram o boneco Cabelinho Verde.
- Mostre para os alunos a filmagem e faça a revisão.

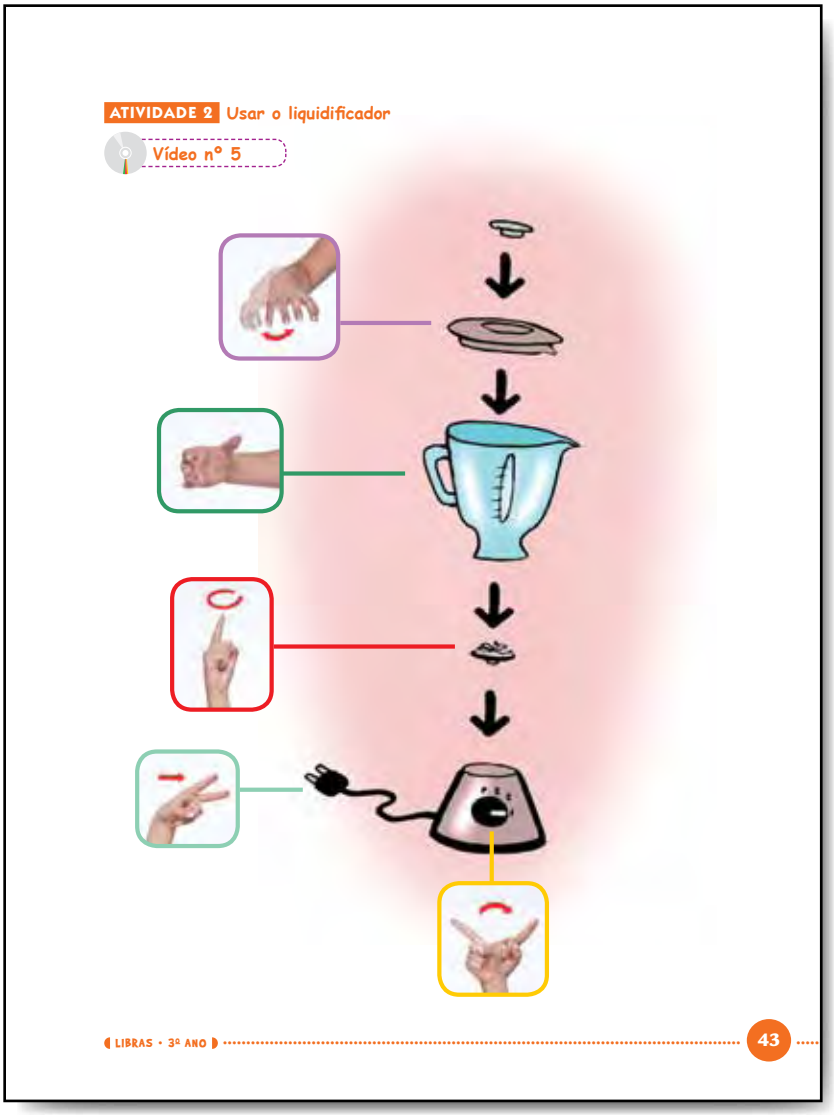
ATIVIDADE 2
Usar o liquidificador

Como usar o seu liquidificador

1 - Encaixe o copo na base do liquidificador.
2 - Insira os alimentos a serem processados no interior do copo.
3 - Coloque a tampa no copo.
4 - Insira o plugue do cabo de força na tomada.
5 - Coloque o seletor de velocidade na posição desejada:
1 (mais lento);
2, 3 ou 4 (mais rápido).
6 - Terminada a atividade, coloque o botão de velocidade na posição «0».
7. - Para desligar o liquidificador, pressione OFF. O botão OFF desliga o liquidificador.
8 - Retire a jarra da base.
9 - Desconecte o plugue da tomada.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com seus alunos. Incentive-os a relacionar a ilustração com trechos correspondentes do vídeo.
Utilize o liquidificador nas receitas propostas por este livro. Possibilite o manuseio do liquidificador pelos alunos, para que eles possam desenvolver autonomia na realização das tarefas.


ATIVIDADE 2 Usar o liquidificador

Vídeo nº 5

LIBRAS • 3º ANO 43

RECEITA

Objetivos

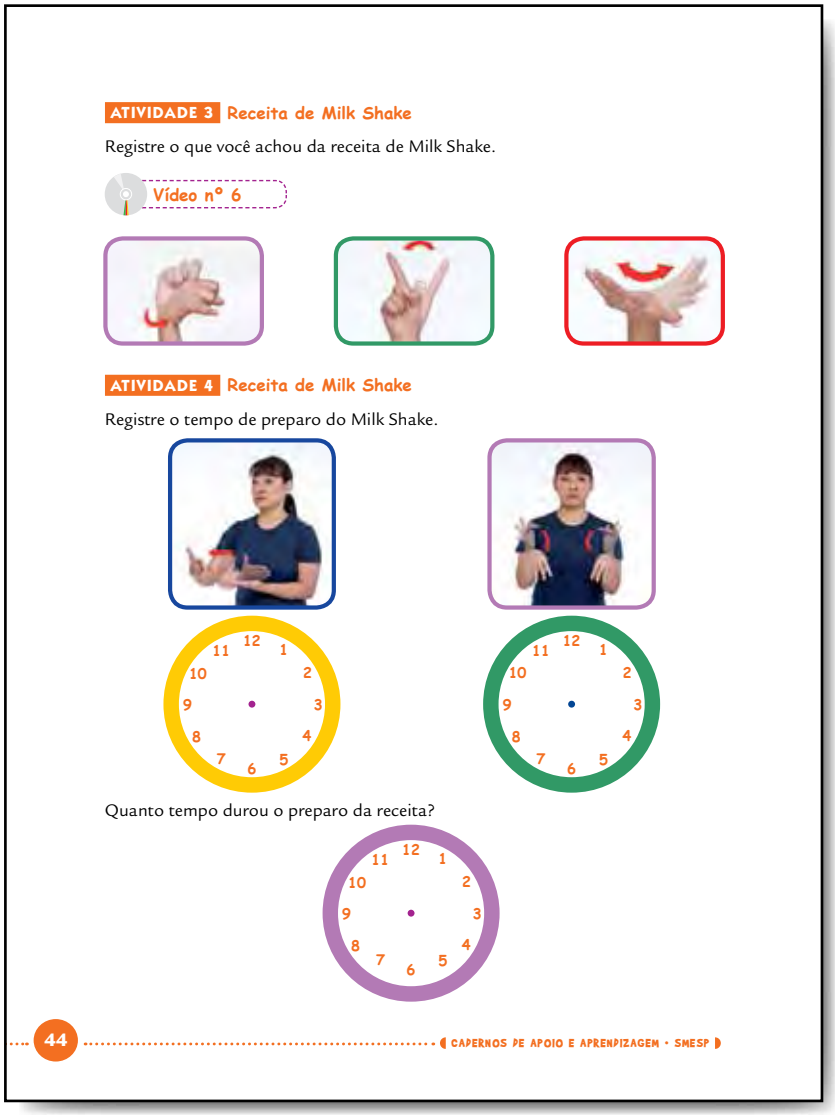
- Conhecer o gênero instrucional: receita.
- Procurar informações no vídeo.
- Conhecer representação numérica em Libras.
- Desenvolver noção de temporalidade e sequência.

Encaminhamento

Converse com os alunos sobre outras receitas que conhecem ou se já viram alguém fazer.
Apresente o vídeo e faça perguntas sobre as informações que apareceram sobre a receita: O que representa? Serve para fazer o quê? Quais são as orientações da receita? (ingredientes, modo de fazer, tempo de preparo, etc).
Relembre a receita com os alunos para definir o que será necessário trazer para sua realização.
Antes do preparo do Milk Shake de chocolate, ou da Torta salgada, retorne ao vídeo ou explique detalhadamente o passo a passo das receitas para que eles participem da preparação.
Marque o horário do início e do término do preparo de cada receita. Utilize os relógios digital e analógico na atividade proposta.
Pergunte aos alunos o tempo gasto no preparo da receita:

- 15 minutos? Meia hora? 45 minutos?
- Foi rápido ou demorou?
- Compare o tempo gasto na receita da Torta salgada e do Milk Shake.

Depois que experimentarem a receita preparada, converse sobre o que cada aluno achou (se gostou ou não gostou).



ATIVIDADE 3 Receita de Milk Shake

Registre o que você achou da receita de Milk Shake.

Vídeo nº 6

ATIVIDADE 4 Receita de Milk Shake

Registre o tempo de preparo do Milk Shake.

Quanto tempo durou o preparo da receita?

44 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 3
Receita de Milk Shake

Ingredientes

3 bolas de sorvete de chocolate.
2 e ½ xícaras de leite gelado.
1 colher de essência de baunilha.
Cobertura de chocolate ou outro sabor.

Modo de fazer

Bata todos os ingredientes no liquidificador (menos a cobertura).
Espalhe a cobertura em um copo ou em uma taça.
Coloque o Milk Shake no copo ou na taça e sirva.

Dicas

- Chame a atenção dos alunos em relação às quantidades de ingredientes que aparecem, inclusive à noção de metade.
- Se for necessário, retorne ao vídeo para que os alunos tenham oportunidade de observar melhor a receita.
- Antes de começar, oriente os alunos em relação à higiene. Os alunos devem lavar as

mãos e tomar cuidado para não sujá-las novamente.

- Após o registro dos alunos, questione o porquê da resposta estimulando a argumentação deles.

ATIVIDADE 5
Receita de Torta de Liquidificador

Ingredientes:

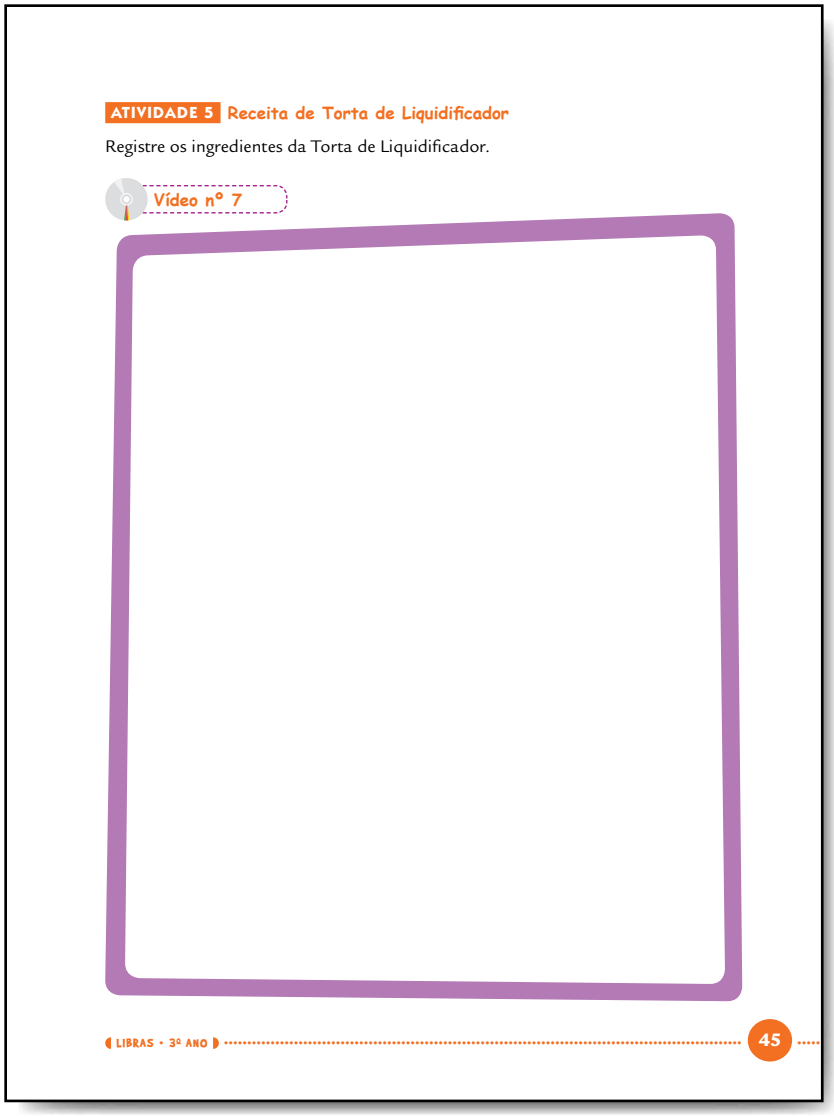
- 1 ovo.
- 6 colheres (sopa) de farinha de trigo.
- 5 colheres (sopa) de queijo parmesão ralado.
- 1 colher (sobremesa) de orégano.
- 1 colher (sobremesa) de fermento em pó.
- ½ cebola.
- 1 xícara de chá de leite.
- ½ xícara de chá de óleo.

Recheio:

O recheio pode ser feito com os ingredientes à sua escolha: queijo e presunto ou linguiça, atum, sardinha, frango desfiado ou carne moída temperada.

Modo de fazer

Coloque todos os ingredientes no liquidificador e bata. Se ficar muito mole, acrescente farinha de trigo para adquirir consistência. Acenda o forno para preaquecer em temperatura média.
Unte uma forma com óleo e derrame um pouco da massa para cobrir o fundo. Depois, acrescente o recheio e cubra com o restante da massa.
Leve ao forno até dourar por 30 minutos.


ATIVIDADE 5 Receita de Torta de Liquidificador

Registre os ingredientes da Torta de Liquidificador.

Vídeo nº 7

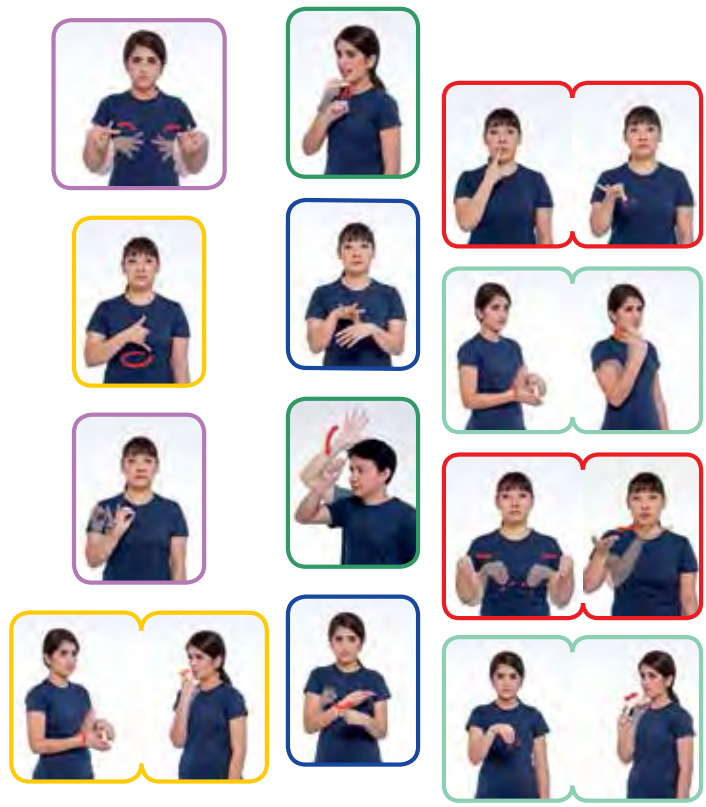
LIBRAS • 3º ANO 45

ATIVIDADE 6 Receita de Torta de Liquidificador

Registre as etapas para fazer a Torta de Liquidificador.

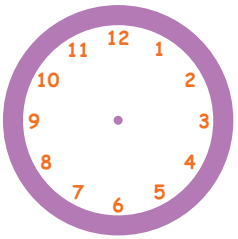
ATIVIDADE 7 Receita de Torta de Liquidificador

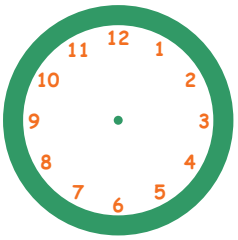
Circule os sinais dos ingredientes da Torta de Liquidificador.

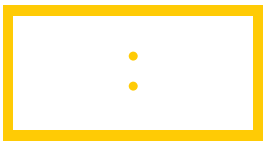


ATIVIDADE 8 Receita de Torta de Liquidificador

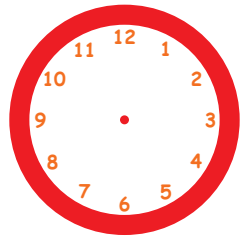
1) Registre o tempo do preparo da Torta de Liquidificador.



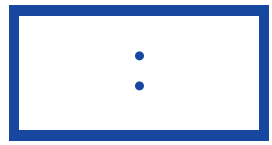




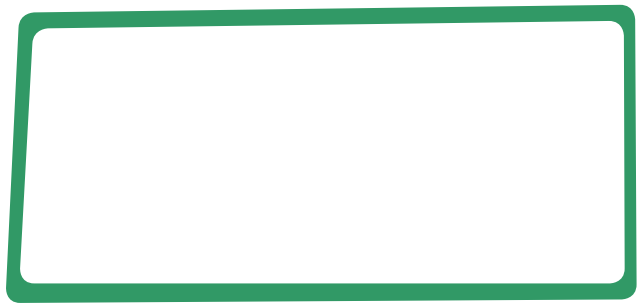
2) Pinte no relógio analógico o tempo gasto no preparo da Torta de Liquidificador.



3) Registre no relógio digital o tempo gasto no preparo da Torta de Liquidificador.



4) Observe o tempo gasto nas receitas do Milk Shake e da Torta de Liquidificador e pense em atividades que você poderia realizar utilizando o mesmo tempo. Registre abaixo:



ATIVIDADE 9
Pesquisa

Objetivos
- Identificar os produtos e utensílios relacionados nas receitas.
- Perceber que um mesmo produto pode ser encontrado em diferentes marcas.

Encaminhamento
Realize uma pesquisa com os alunos selecionando imagens dos produtos utilizados nas receitas.
Cada aluno deve procurar em encartes de supermercados, revistas e jornais os produtos e utensílios utilizados no preparo da receita.
Aproveite para explorar marcas dos produtos: açúcar, sal, farinha de trigo, fermento, chocolate em pó, colher, forma, assadeira, tigela, maisena, liquidificador, batedeira, entre outras.
Encontrados os produtos, recorte e cole em cartelas do mesmo tamanho, que serão utilizadas na próxima atividade (jogo com configuração de mãos).
A quantidade e a variedade dos produtos encontrados enriquecem o discurso na sala de aula.

ATIVIDADE 9 Pesquisa

Registre a pesquisa dos produtos utilizados nas receitas.

ATIVIDADE 10
Brincando com as configurações de mão

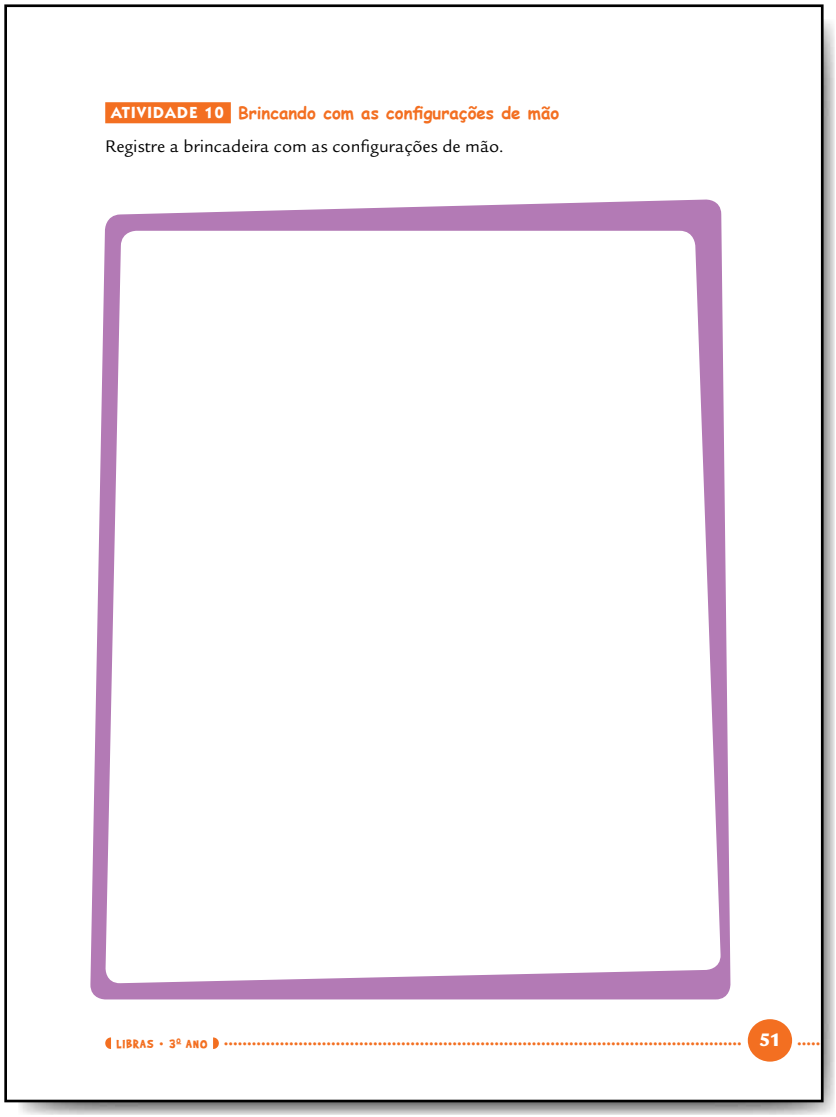
Objetivos

- Ampliar o uso da língua em um contexto lúdico e em situações sociais.
- Assegurar a atenção do aluno.
- Compreender e dar explicações das regras de jogos e brincadeiras.
- Desenvolver a observação.

Encaminhamento

Recorte as configurações de mãos que estão no anexo III. Cole em cartolinas ou papel cartão. As cartelas devem ter tamanhos iguais.

O jogo tem o desafio de associar a configuração de mãos aos sinais dos ingredientes ou utensílios que apareceram nas receitas deste livro. O aluno precisa pensar o que ele pode representar com aquela configuração de mão associada ao ingrediente ou ao utensílio, ampliando as possibilidades do uso da língua. A quantidade e a diversidade das cartelas preparadas pelos alunos ampliam a possibilidade de articulação entre a imagem e a configuração das mãos.



ATIVIDADE 10 Brincando com as configurações de mão

Registre a brincadeira com as configurações de mão.

LIBRAS • 3º ANO 51

ROTEIROS E MAPAS

UNIDADE

4

ROTEIROS E MAPAS

Objetivos

- Interpretar informações espaciais de roteiros e mapas.
- Expressar conceitos de lateralidade.
- Reconhecer diferentes percursos e ser capaz de descrevê-los.

ATIVIDADE 1
Produção de mapa

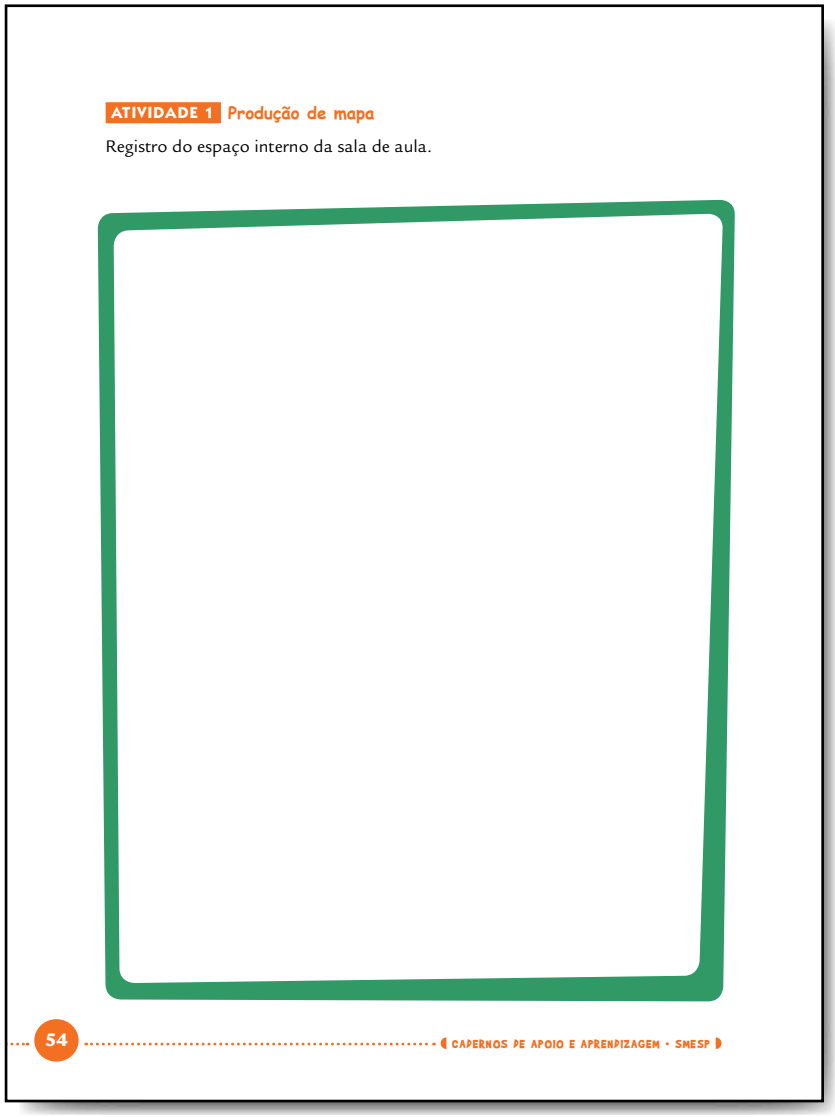
Encaminhamento

Inicie a atividade solicitando aos alunos que observem o espaço da sala de aula, a disposição das carteiras, a mesa do professor, a lousa, as janelas e os lugares que as pessoas ocupam na sala. Peça aos alunos que registrem a observação no livro.

Trabalhe lateralidade com os alunos, direção, orientação espacial e alguns comandos como: Para frente, para trás, lado direito, lado esquerdo, meio, em cima e embaixo.

Peça para os alunos descreverem a sala de aula em diferentes posições:

- Em pé, na porta da sala de aula.
- Em pé, de costas para a janela
- Em pé, de frente para a lousa.
- De costas para a lousa.



ATIVIDADE 1 Produção de mapa

Registro do espaço interno da sala de aula.

54 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 2
Leitura e produção de mapa

Encaminhamento

Solicite aos alunos que formem grupos de cinco pessoas.

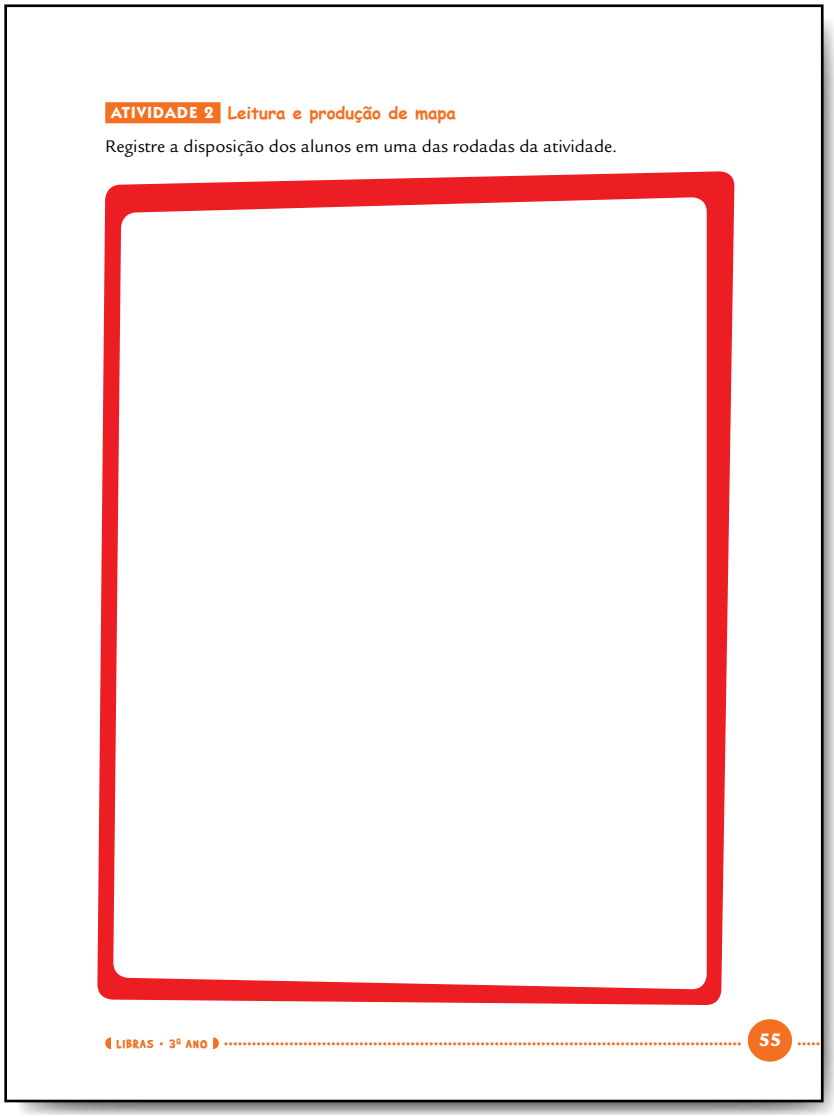
Peça para os alunos se organizarem formando um quadrado. Um dos alunos fica no centro do quadrado.

Pergunte ao aluno do centro do quadrado:

- Quem está à sua frente
- Quem está atrás?
- Quem está no seu lado direito?
- Quem está no seu lado esquerdo?

Mude os alunos de lugar até que todos tenham a oportunidade de estar no centro do quadrado.

Diversifique a atividade, formando outras figuras geométrica



ATIVIDADE 2 Leitura e produção de mapa

Registre a disposição dos alunos em uma das rodadas da atividade.

LIBRAS • 3º ANO 55

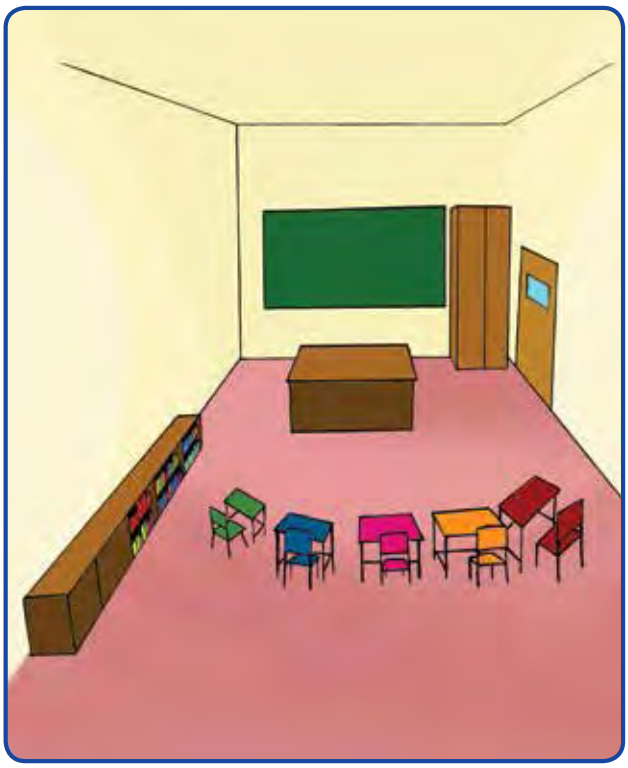
ATIVIDADE 3
Produção e leitura de mapa

Encaminhamento

Peça para os alunos descreverem o espaço físico utilizando como referência a figura abaixo. Solicite que descrevam a figura como se ocupassem diferentes posições no espaço ilustrado: de costas para a lousa, de frente para a janela.

Faça perguntas sobre o que tem em cima da mesa do professor, o que tem embaixo da mesa do professor, o que ele vê do lado direito e do esquerdo.

Peça aos alunos para descreverem como se locomoveriam neste espaço desempenhando atividades como guardar os materiais no armário, abrir uma das gavetas da mesa, ou mudar o lixo de lugar. Esteja atento ao modo como o aluno corresponde na sinalização os locais por onde passa, como descreve os formatos dos objetos, o tipo de porta, a altura dos objetos, desvios que terá de fazer para chegar até lá.



ATIVIDADE 4
Leitura e produção de mapa

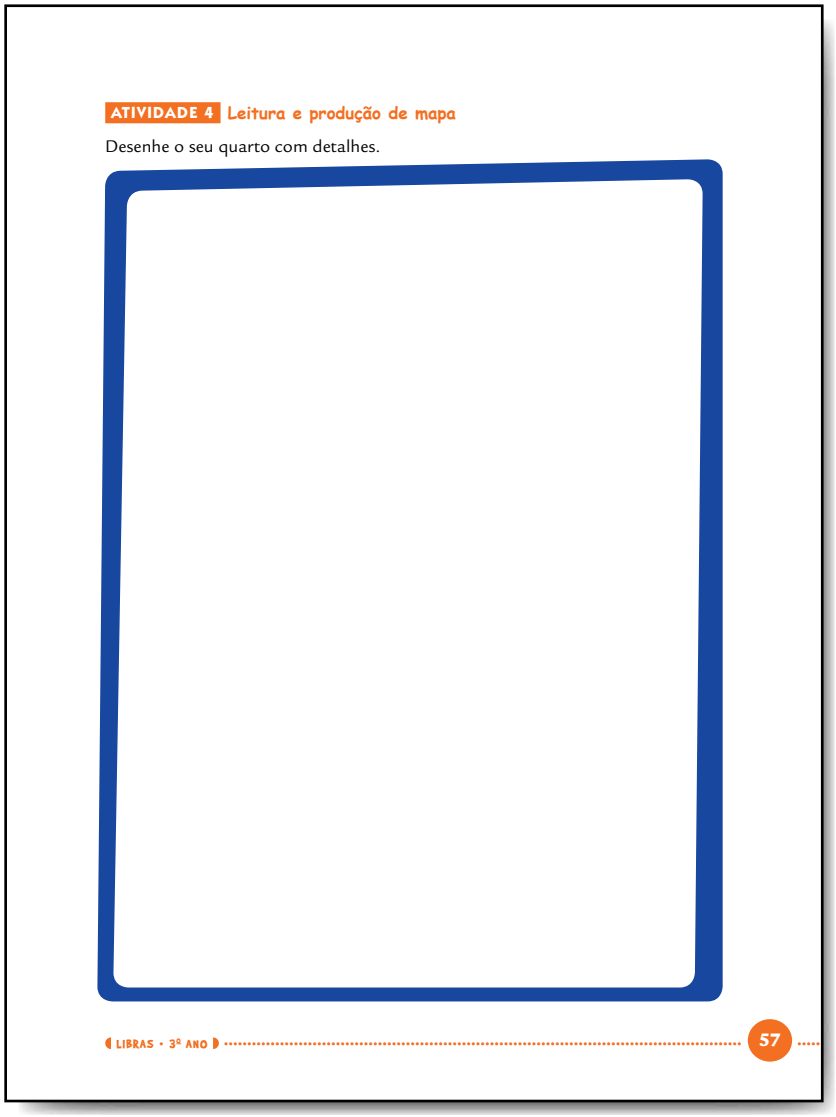
Encaminhamento

Solicite aos alunos que desenhem os seus quartos (cama, armário ou cômoda, tapete, sapatos embaixo da cama, objetos em cima do armário, janela e porta). Os alunos não devem mostrar seus desenhos uns para os outros.

Em duplas, um aluno descreve o seu quarto ao colega e este representa no livro do aluno da forma como compreendeu o que foi sinalizado.

Os alunos comparam os desenhos verificando se as informações foram transmitidas com clareza.

Em seguida, invertem-se os papeis: o aluno que desenhou passa a descrever o seu quarto para o colega representar.


ATIVIDADE 4 Leitura e produção de mapa

Desenhe o seu quarto com detalhes.

LIBRAS • 3º ANO 57

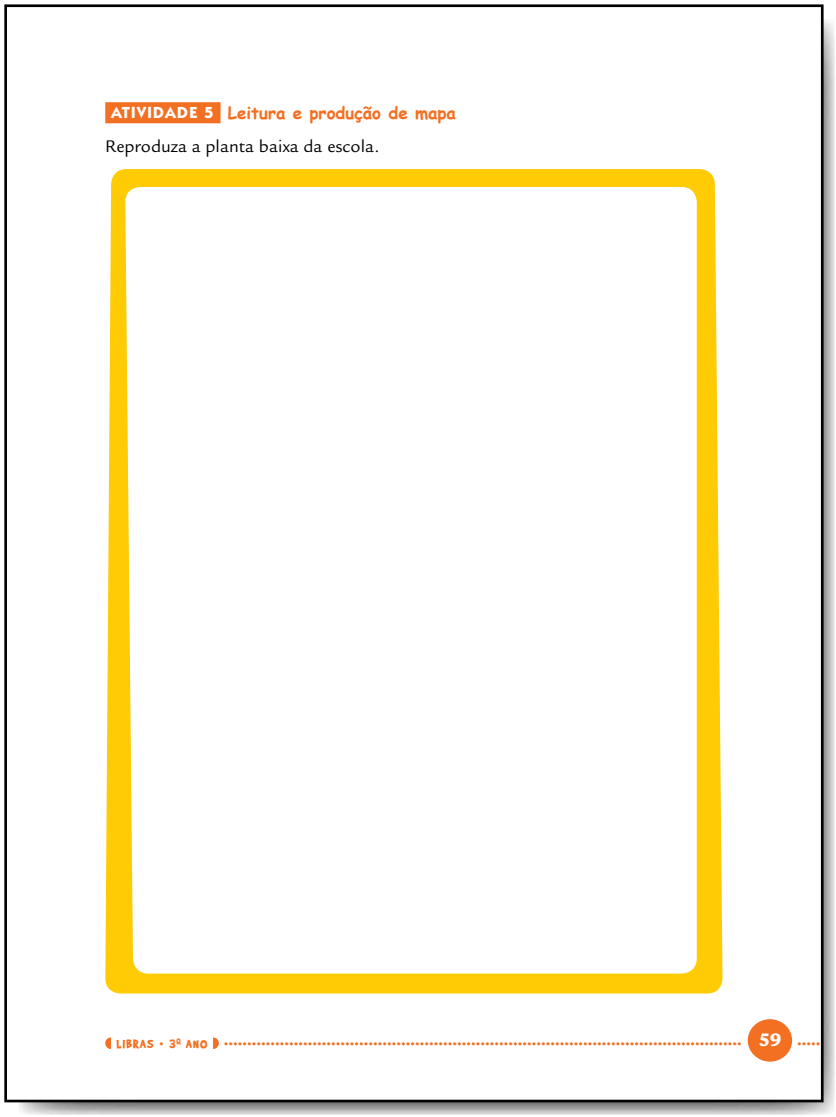
Registre a descrição feita por seu colega.

ATIVIDADE 5
Leitura e produção de mapa

Encaminhamento

Solicite a planta baixa da escola para apresentá-la aos alunos. Faça perguntas de modo a incentivar os alunos a lerem e interpretarem o mapa.

- O que este desenho representa?
- Onde esta representada a sala de aula?
- Onde está a sala de leitura?
- Quem sabe apontar onde fica o refeitório?
- Descreva como você chega na sala de informática.
- Os alunos devem utilizar os termos: em frente, atrás, para o lado direito, lado esquerdo, etc.



ATIVIDADE 5 Leitura e produção de mapa

Reproduza a planta baixa da escola.

LIBRAS • 3º ANO 59

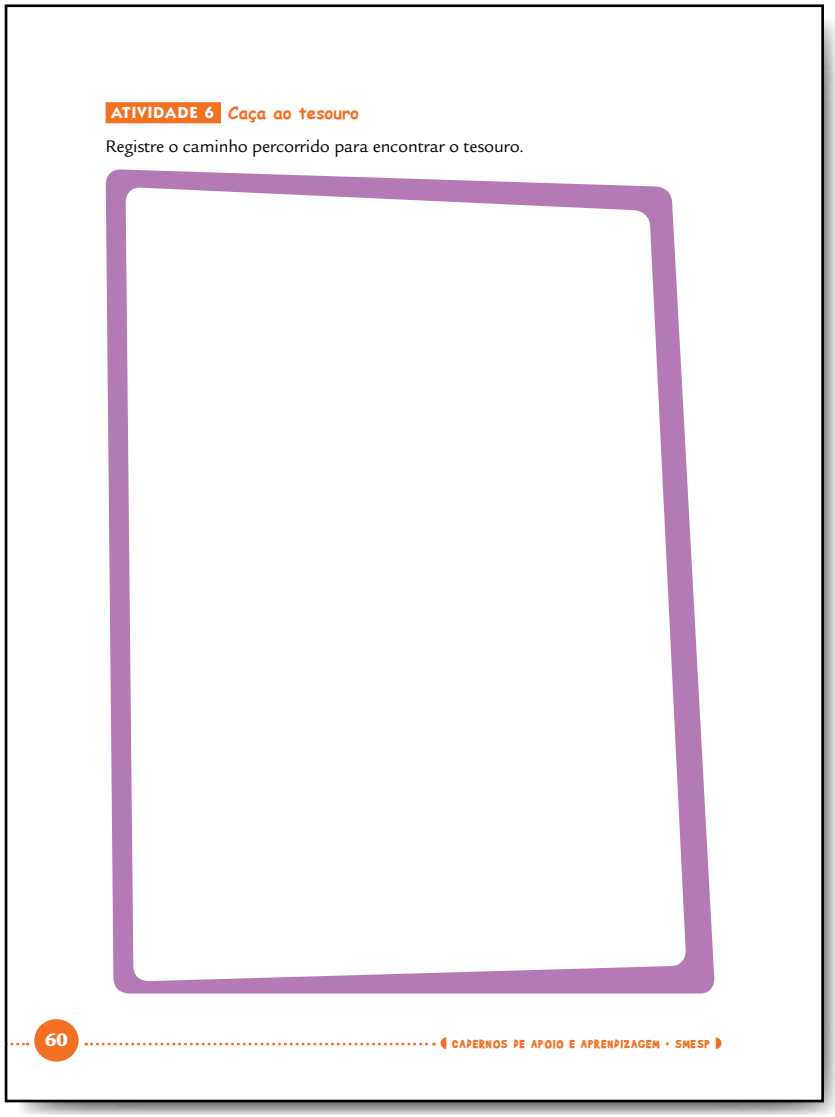
ATIVIDADE 6
Caça ao tesouro

Encaminhamento

Organize a sala em três grupos. Esconda dois ou mais objetos em diferentes espaços na escola: quadra, parque ou refeitório, por exemplo. Dê diferentes comandas para os grupos.

Exemplos:

- Avance duas salas, vire à esquerda e siga procurando a caixa do tesouro.
- No parque, dê 5 passos para frente, 2 à direita, etc.



ATIVIDADE 6 Caça ao tesouro

Registre o caminho percorrido para encontrar o tesouro.

60 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 7
Descrição de espaço físico

Encaminhamento

Explique aos alunos a atividade: Eles devem formar duplas. A planta representa uma cidade onde os alunos imaginarão estar. Um aluno faz um X, marcando no seu caderno a localização onde se encontra.

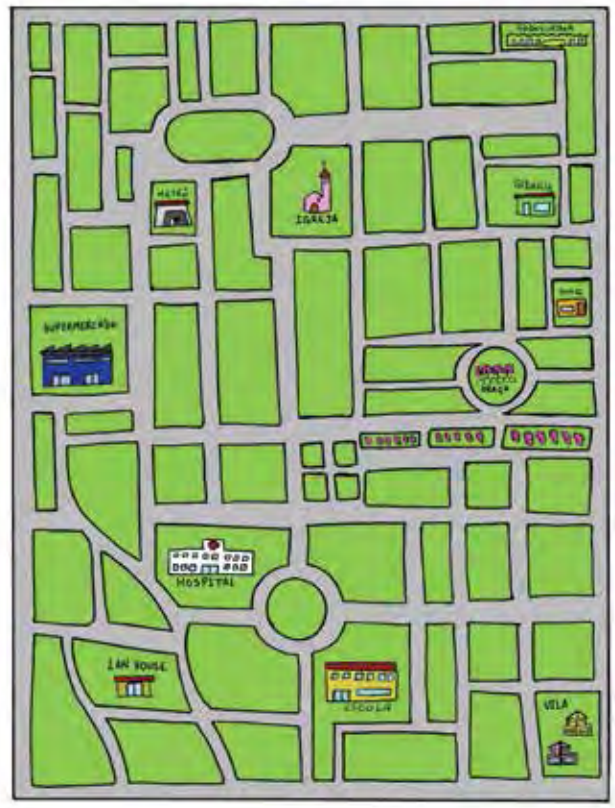
Sem deixar o colega ver seu caderno, o aluno descreve para ele o lugar onde está (onde está o X), utilizando termos como: perto, longe, atrás, ao lado e à frente de, sem apontar para o mapa.

Quando achar que descobriu onde o aluno está, o colega deve fazer um X no mapa do seu caderno, no lugar imaginado. Nesse momento, eles comparam o registro dos cadernos para conferir se o colega acertou a localização do aluno.

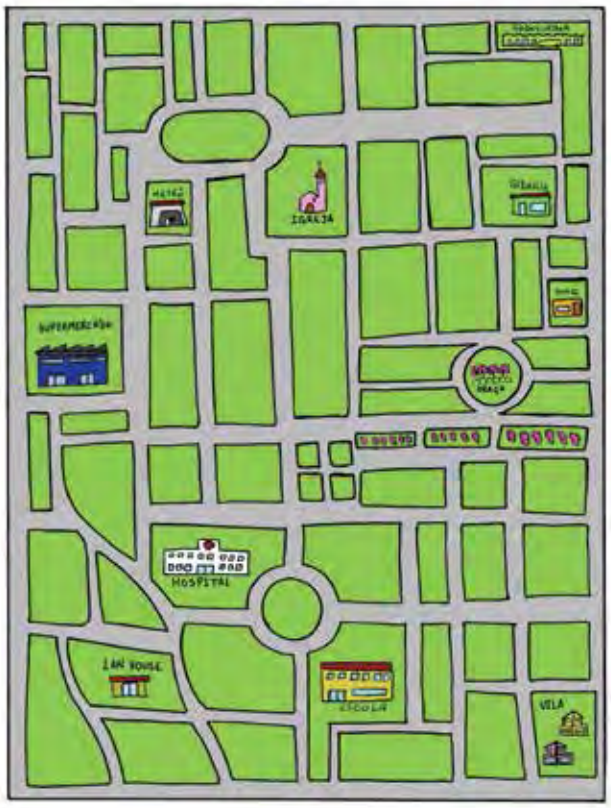
Em seguida, invertem-se os papéis.

ATIVIDADE 7 Descrição de espaço físico

Imagine que você está em um local deste mapa. Faça um X nesse lugar. Descreva essa localização para seu colega, para ele tentar descobri-la.



Preste atenção à descrição do seu colega sobre sua localização neste mapa e tente descobri-la. Faça um X nesse lugar e confira no caderno dele se você acertou.



PENSANDO SOBRE A NOSSA LÍNGUA

UNIDADE

5

EXPRESSÕES FACIAIS

Objetivo

- Diferenciar e fazer uso de diferentes expressões faciais.
- Usar a expressão facial adequada aos diferentes tipos de frases: afirmativa, negativa, interrogativa e exclamativa.
- Refletir sobre o uso de diferentes expressões faciais em diversas situações.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e converse sobre as situações e circunstâncias em que cada expressão facial aparece.

Proponha aos alunos situações para dramatizarem, atentando à expressão facial.

Ao final de cada dramatização, retome com o grupo as expressões faciais que foram usadas.

Sugestões de situações para dramatizar:

1) Uma criança tem um brinquedo do qual gosta muito, um amigo lhe pede o brinquedo emprestado. A criança empresta, pede para ele tomar cuidado, mas o amigo acaba quebrando o brinquedo sem querer.

2) A mãe vai sair de casa e dá recomendações ao filho que ficará um pouco sozinho (por exemplo, não abra a porta para ninguém).

3) O filho pergunta para a mãe se pode sair para a rua e ela responde que não. O filho questiona o motivo e ela argumenta.

4) Um aluno conta algo para um colega, que não acredita nele. Ele, então, tenta convencê-lo dando mais detalhes.

ATIVIDADE 1 Expressões faciais

Registre as expressões faciais que você viu na atividade de dramatização.

Vídeo nº 8

64 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Dica

- Escolher uma das dramatizações e propor aos alunos que tentem representá-la individualmente, modificando a posição do corpo para representar. diferentes personagens.

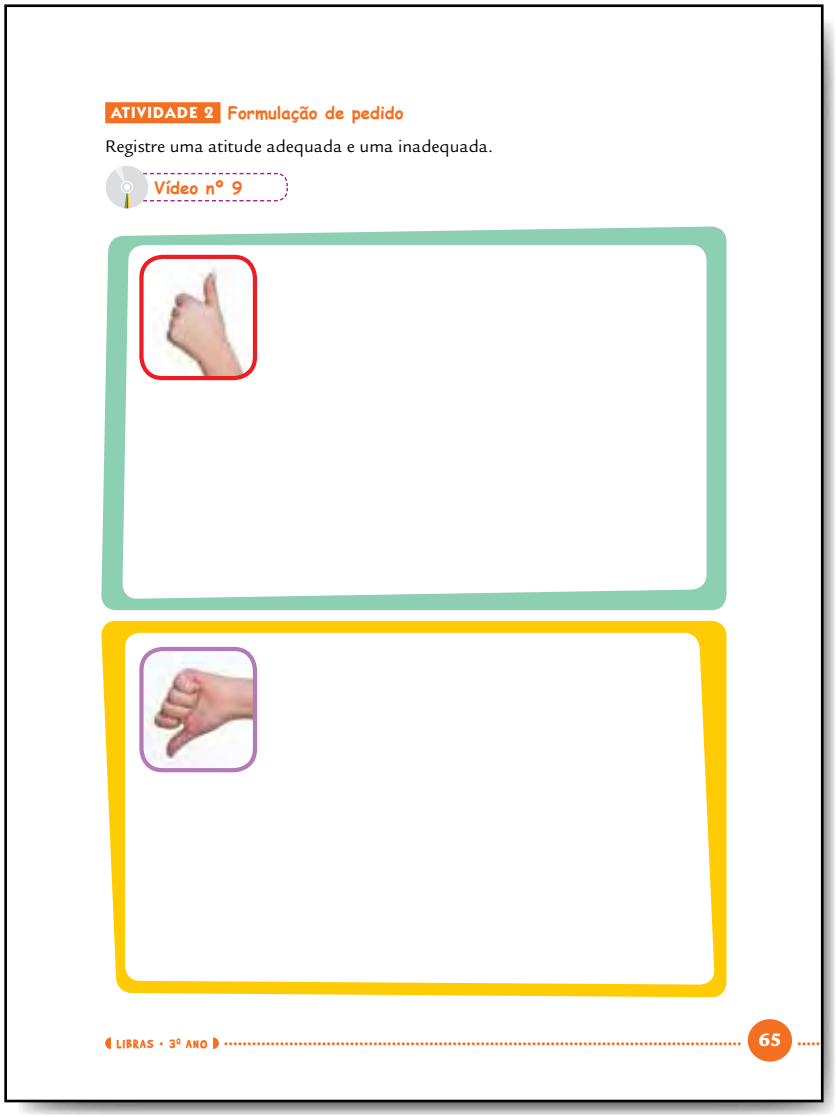
FORMULAÇÃO DE PEDIDO

Objetivo

- Desenvolver atitudes cordiais.
- Formular pedidos em contextos formais e informais.

Encaminhamento

Passe uma situação por vez do vídeo e converse com os alunos sobre ela. Pergunte quem já fez algo semelhante. Após assistirem a todas as situações, pergunte aos alunos se eles se lembram de outra situação importante que não foi contemplada, o que às vezes fazem de modo inadequado e qual a atitude correta a ser tomada.



ATIVIDADE 2 Formulação de pedido

Registre uma atitude adequada e uma inadequada.

Vídeo nº 9

LIBRAS • 3º ANO 65

CONVITE

Objetivos

- Conhecer o gênero convite.
- Compreender a mensagem veiculada.
- Ampliar a fluência em Libras.

Encaminhamento

Chame a atenção dos alunos para a função social do convite. Relacione esta atividade a convites que os alunos já receberam ou que conhecem em outras situações fora da escola.

Assista aos vídeos e recupere as informações transmitidas: de quem é, para quem está sendo dirigido, a que horas, onde, qual o evento, o ano, etc.

Solicite aos alunos que elaborem um convite em vídeo para outro grupo. Trabalhe com duplas, para que um aluno apóie o outro na comunicação.

ATIVIDADE 3 Convite

Registre um dos convites que você viu no vídeo.

Vídeo nº 10

NOTÍCIAS

Objetivos

- Conhecer o gênero notícia.
- Conversar sobre notícias veiculadas na internet, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.

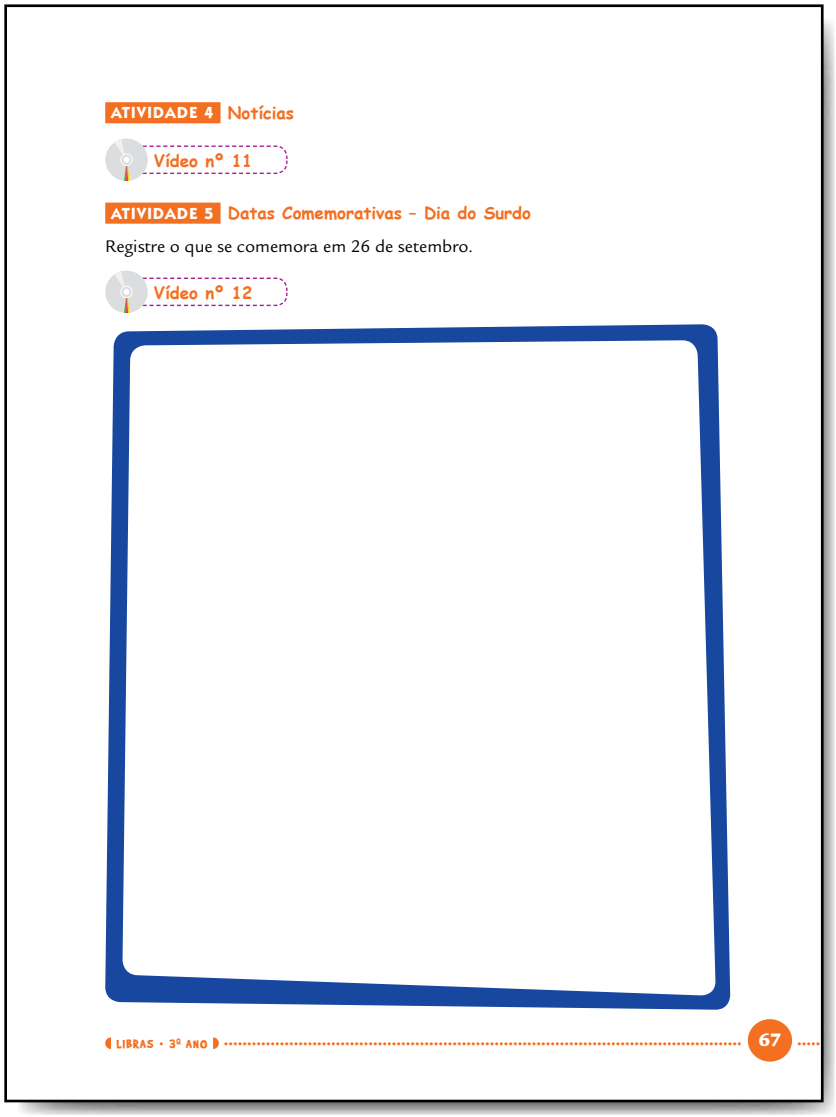
Encaminhamento

Assista ao vídeo e recupere as informações com os alunos. Discuta com os alunos as notícias apresentadas no vídeo, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.

ATIVIDADE 5
Datas comemorativas
Dia do Surdo

Encaminhamento

Assista aos dois vídeos com os alunos e discuta o que está sendo comemorado em todo o Brasil no dia 26 de setembro e o porquê. Compare os dois vídeos com os alunos e discuta as características de cada um.



ATIVIDADE 4 Notícias

Vídeo nº 11

ATIVIDADE 5 Datas Comemorativas – Dia do Surdo

Registre o que se comemora em 26 de setembro.

Vídeo nº 12

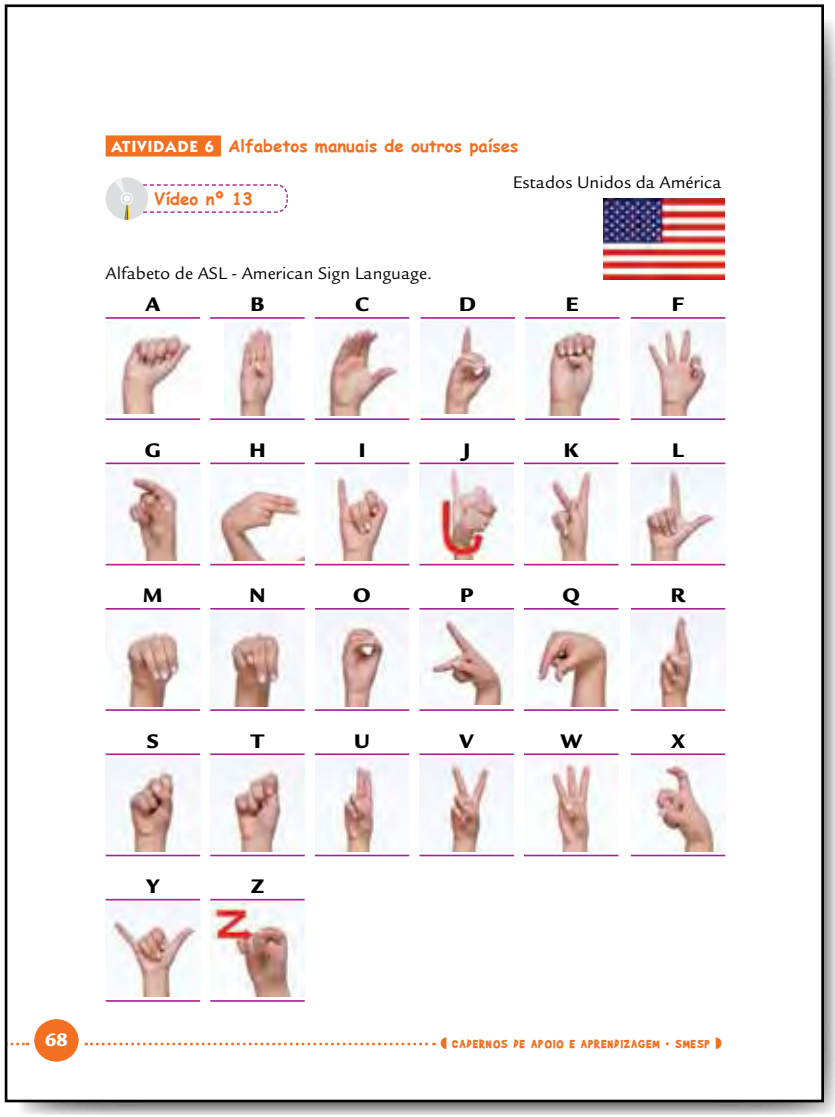
LIBRAS • 3º ANO 67

ATIVIDADE 6
Alfabetos manuais de outros países

Encaminhamento

Apresente para os alunos diferentes alfabetos digitais. Verifique com eles se já conhecem esses países: a localização, cultura, história, educação, economia ou outros aspectos de interesse dos alunos. Pesquise com eles informações e imagens que possam ajudar a conceituar o país.

Informe aos alunos que a Libras deriva da Língua de Sinais Francesa e peça para que observem se encontram semelhanças nos alfabetos das duas línguas.



ATIVIDADE 6 Alfabetos manuais de outros países

Vídeo nº 13

Estados Unidos da América

Alfabeto de ASL - American Sign Language.

A B C D E F

G H I J K L

M N O P Q R

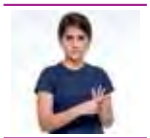
S T U V W X

Y Z

68 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Alfabeto de BSL - British Sign Language.

Reino Unido

A	B	C	D
E	**F**	**G**	**H**
I	**J**	**K**	**L**
M	**N**	**O**	**P**
			

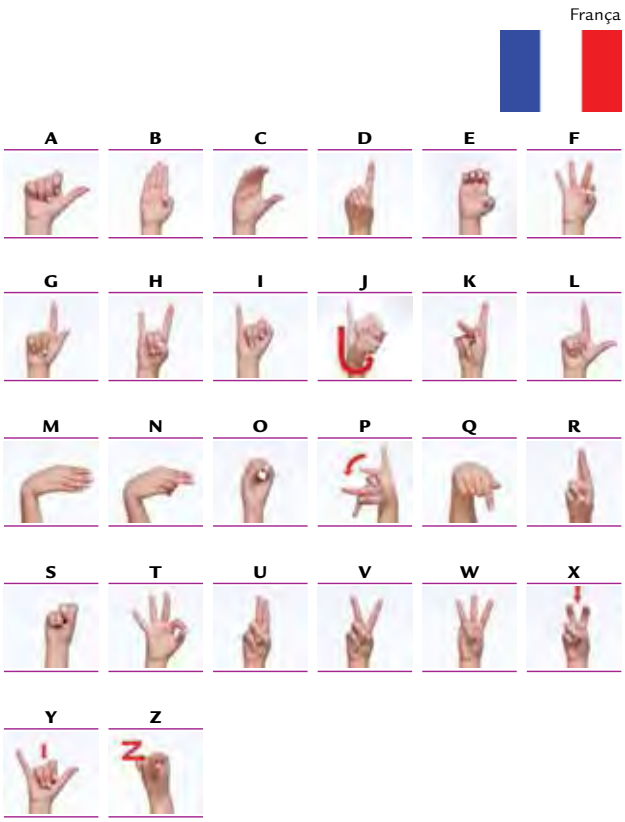
Reino Unido

Q	R	S	T

U	V	W	X

Y	Z

Alfabeto de LSF - Língua de Sinais Francesa.



HISTÓRIAS

UNIDADE

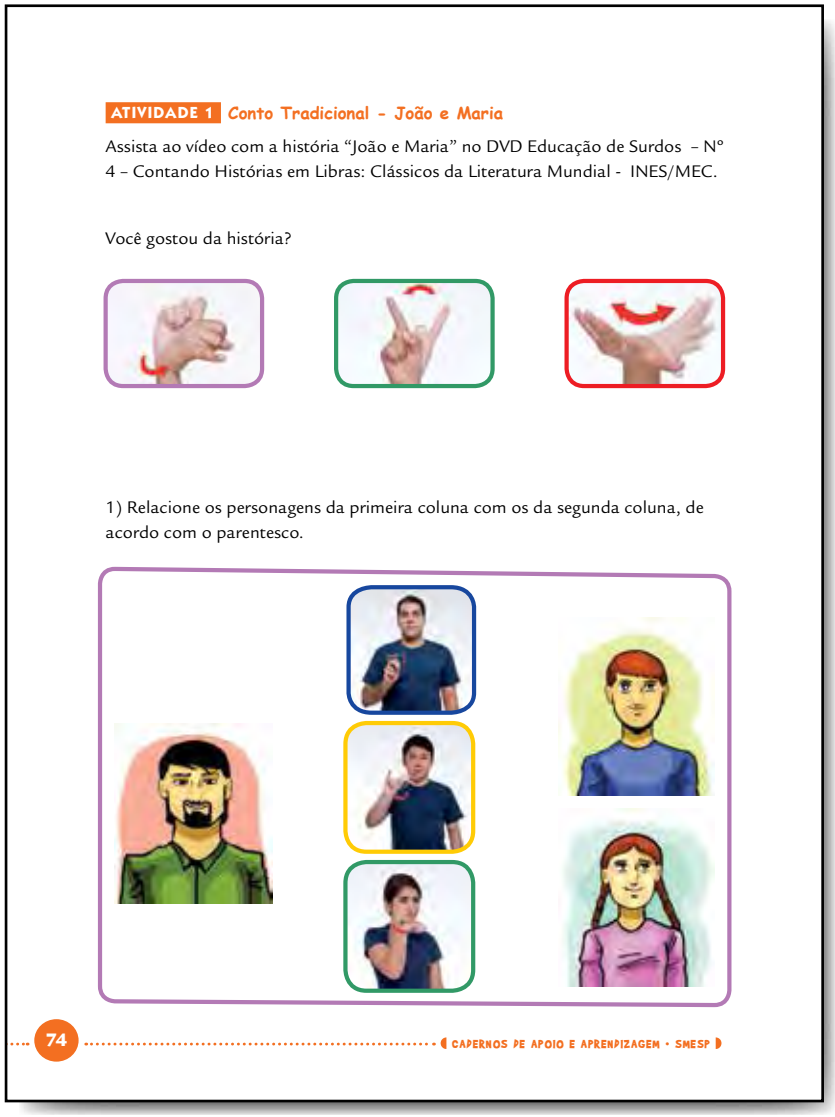
6

CONTOS TRADICIONAIS

Os contos tradicionais constituem uma forma de favorecer a reflexão sobre valores e relações sociais. De forma lúdica, constituem possibilidades de rever a realidade cotidiana. Além disso, são fontes de desenvolvimento de várias habilidades e de valorização do ato de ler pelo prazer que proporciona. São importantes aliados no desenvolvimento linguístico da criança, tanto no tocante à leitura do português como segunda língua, quanto no desenvolvimento da proficiência em Libras, a primeira língua do surdo.

Objetivos

- Conhecer contos infantis.
- Desenvolver a habilidade de narrar.
- Observar e respeitar os turnos de fala.
- Utilizar corretamente os parâmetros da Libras.
- Desenvolver a expressão e a capacidade de argumentação.
- Favorecer o desenvolvimento de valores e ética.
- Exercitar a capacidade de compreensão e reflexão.
- Desenvolver vocabulário.



ATIVIDADE 1 Conto Tradicional - João e Maria

Assista ao vídeo com a história "João e Maria" no DVD Educação de Surdos – Nº 4 – Contando Histórias em Libras: Clássicos da Literatura Mundial - INES/MEC.

Você gostou da história?

1) Relacione os personagens da primeira coluna com os da segunda coluna, de acordo com o parentesco.

74 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 1
Conto Tradicional - João e Maria

Encaminhamento

Escolha alguns livros que contenham diferentes versões do conto "João e Maria". Ao selecioná-los, explore bem seu conteúdo, a versão e as imagens, garantindo que os livros possibilitem uma análise quanto às diferentes formas de se contar uma história.

Apresente para a turma o Vídeo Educação de Surdos nº 4 – Contando Histórias para Surdos INES/MEC – João e Maria.

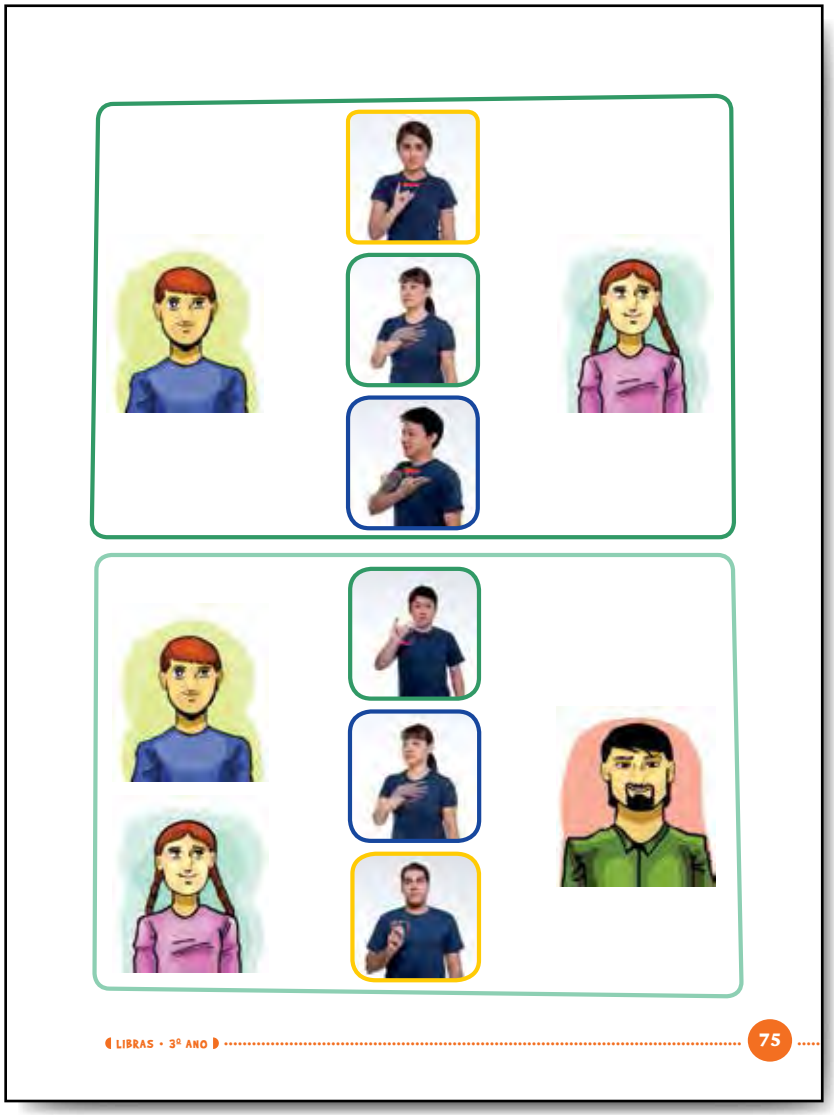
Proporcione momentos de reconto, que podem acontecer de formas variadas:

- Os alunos vão até a frente da turma e contam o que sabem e a turma avalia se falta algum elemento. Verifique se os alunos fazem referências aos personagens corretamente. Geralmente, as crianças surdas contam as histórias ou narram um fato usando diretamente o verbo sem indicar quem executa a ação.
- Disponha a turma em círculo e um aluno deverá começar a recontar a história. Peça para que ele pare e que o aluno que se senta ao lado continue de

onde o aluno anterior parou. Assim sucessivamente, até que a história chegue ao fim.

- Divida a história em diversas partes e peça aos alunos que façam desenhos de cada uma. Selecione um desenho de cada parte, organizando-os na ordem da história e peça para os alunos recontarem a história utilizando os desenhos como apoio.

Converse com a turma sobre o que pensa sobre a história, as partes de que mais gostou, os valores referentes a cada personagem: quem é bom, quem é mau e o porquê de suas escolhas.
Resgate as histórias conhecidas que também contam com a presença de uma madrasta. Questione sobre as madrastas serem ou não pessoas más na vida real, como as mostradas nos contos.
Discuta com a turma a conduta dos personagens e que hipóteses os alunos teriam para resolver o problema da família do João sem ter de abandonar as crianças na floresta.
Em seguida, apresente os livros nas versões que escolheu dividindo a sala em grupos para que possam trocar ideias entre si sobre as versões. Cada grupo conta quais elementos encontraram diferentes da história original.
Proponha para turma a montagem de uma peça teatral a partir das versões apresentadas, elegendo uma delas ou reescrevendo uma nova mesclando as partes que os alunos acharam mais interessantes.



Dica

- Sugira à turma criar uma história em que o João e a Maria são surdos e discuta quais mudanças poderiam acontecer adaptando a questões que remetem à cultura surda.

Vídeo

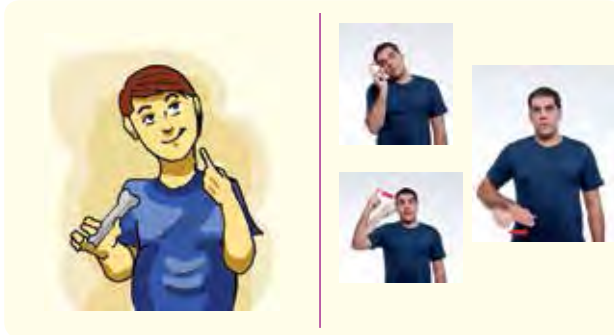
Caso a escola não tenha o dvd em sua biblioteca, procurar o vídeo na internet.

2) Marque o sinal que combina com a solução que a madrasta deu para resolver o problema de falta de comida da família.

3) Marque um X na moradia que combina com a casa onde João e Maria moravam.

4) Retire as imagens do anexo 4 e cole só as imagens que poderiam enfeitar a casa da bruxa, de acordo com o que diz a história.

5) Circule no quadrinho a imagem do sinal que combina com as atitudes dos personagens.



6) Pinte as cenas que correspondem ao que aconteceu na história.

7) Escolha alguém da sua casa e peça ajuda para pensar em uma alternativa para o pai de João e Maria resolver o problema da família, sem ter que deixá-los na floresta.

Desenhe aqui a sua solução e conte aos colegas:

8) Dê sua opinião sobre a história, desenhando.

A parte mais TRISTE da história.

A parte mais FELIZ da história.

ATIVIDADE 2
Conto Tradicional - Branca de Neve e os Sete Anões

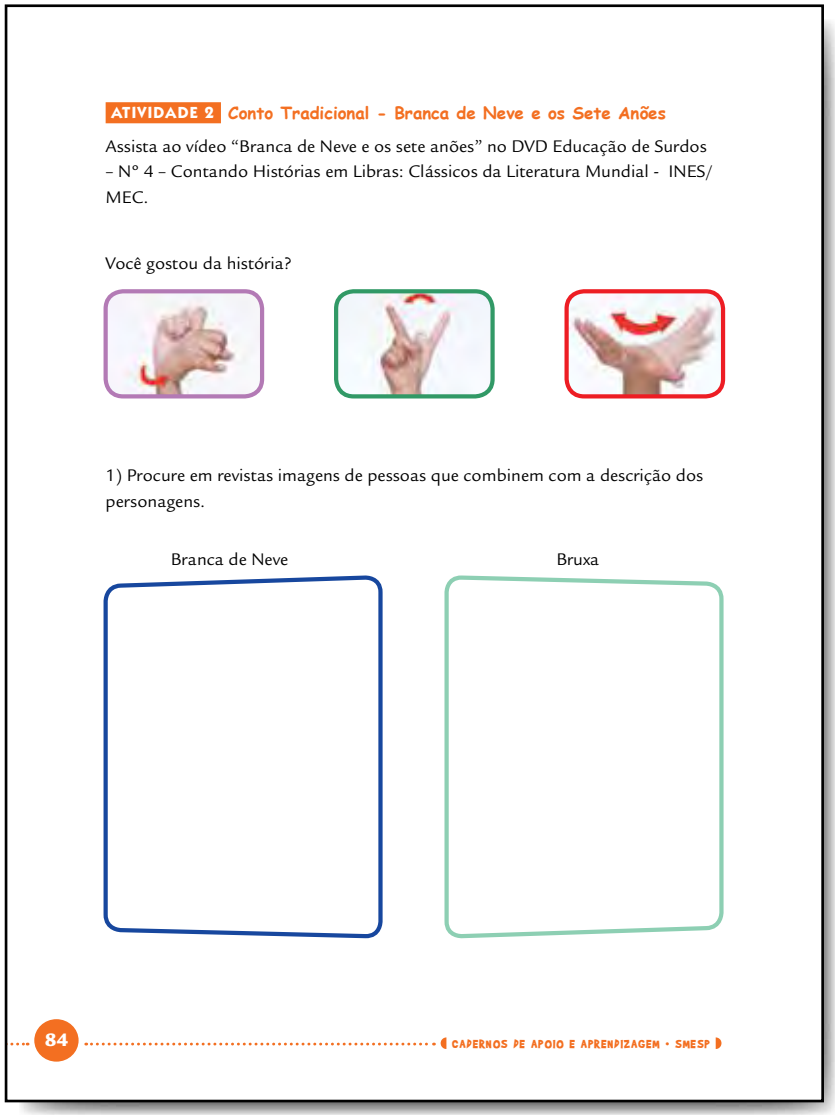
Encaminhamento

Antes de começar o trabalho com a turma é importante que escolha um livro com uma versão do conto que contenha ilustrações atrativas. Mostre a versão do livro para a turma antes de apresentar o vídeo com a versão em Libras. Deixe que a turma explore o livro e faça antecipações, verifique o que os alunos já conhecem da história e quais inferências fazem a partir do livro.

Apresente o Vídeo Educação de Surdos nº 3 – Histórias Infantis em Língua de Sinais, Branca de Neve e os Sete Anões, deixando a história passar do começo ao fim. Também será interessante apresentar a versão da Disney e falar um pouco sobre o fato de o filme ser muito antigo, de ser o primeiro filme de animação da história do cinema.

Volte a apresentar a versão em Libras e chame a atenção para o uso de Classificadores. Pare a história quando houver evidência do uso de classificadores e discuta com a turma o que ela compreendeu. Há vários momentos em que eles são evidenciados durante esta versão, que podem ser usados para garantir a compreensão – mas também os alunos podem ser estimulados a utilizá-los.

Desenvolva uma atividade de diálogo utilizando os personagens da história. Dois alunos escolhem dois personagens para dramatizar um diálogo da história. Depois de explorado o diálogo, um aluno reproduz o mesmo diálogo – dessa vez, sozinho. Ele fará o papel dos dois personagens. Oriente-o a usar a posição do corpo para indicar quem está falando.



ATIVIDADE 2 Conto Tradicional - Branca de Neve e os Sete Anões

Assista ao vídeo "Branca de Neve e os sete anões" no DVD Educação de Surdos – Nº 4 – Contando Histórias em Libras: Clássicos da Literatura Mundial - INES/MEC.

Você gostou da história?

1) Procure em revistas imagens de pessoas que combinem com a descrição dos personagens.

Branca de Neve

Bruxa

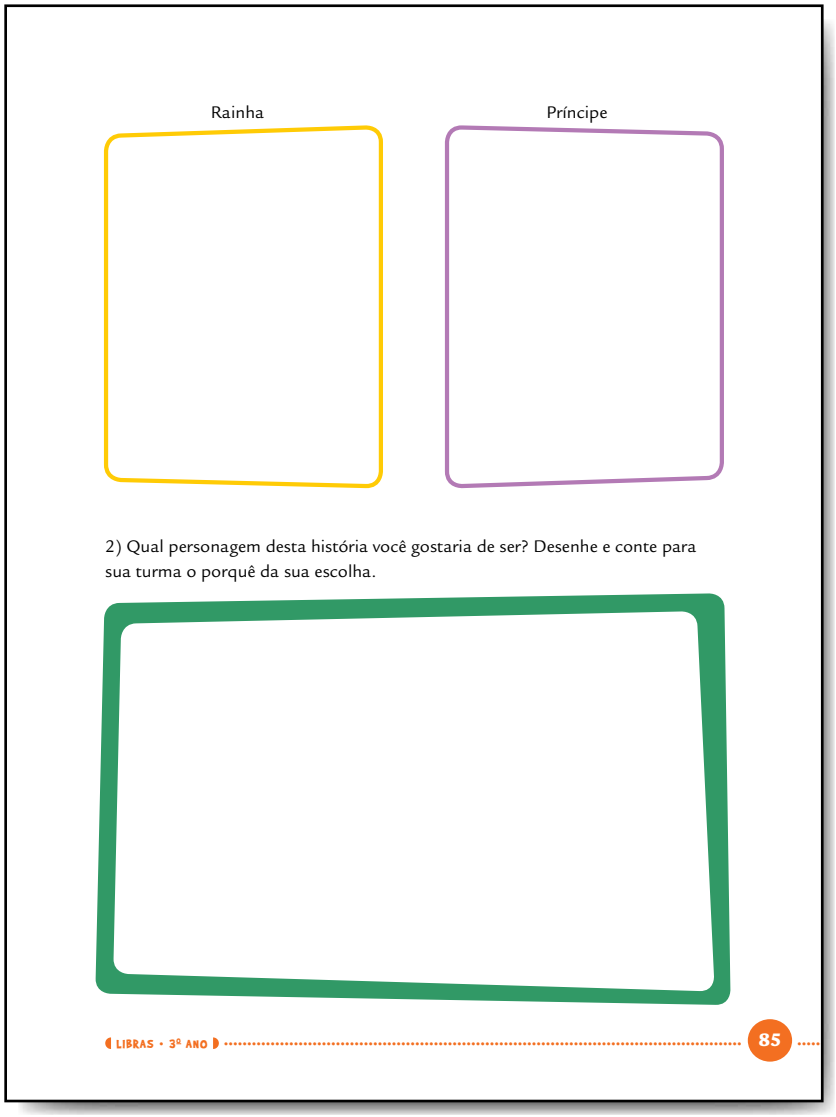
84 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Vídeo

Caso a escola não tenha o dvd em sua biblioteca, procurar o vídeo na internet.

Encaminhamento

Oriente os alunos a fazerem esta atividade em duplas. Cada aluno deve escolher um personagem da história e não contar quem ele escolheu. Depois, o descreve para um colega a fim de que ele o desenhe sem que aquele que faz a descrição veja o desenho que ele está fazendo. Em seguida, invertem-se os papéis. Quando terminarem, os alunos mostram seus desenhos para verificar se correspondem à personagem descrita.



Rainha

Príncipe

2) Qual personagem desta história você gostaria de ser? Desenhe e conte para sua turma o porquê da sua escolha.

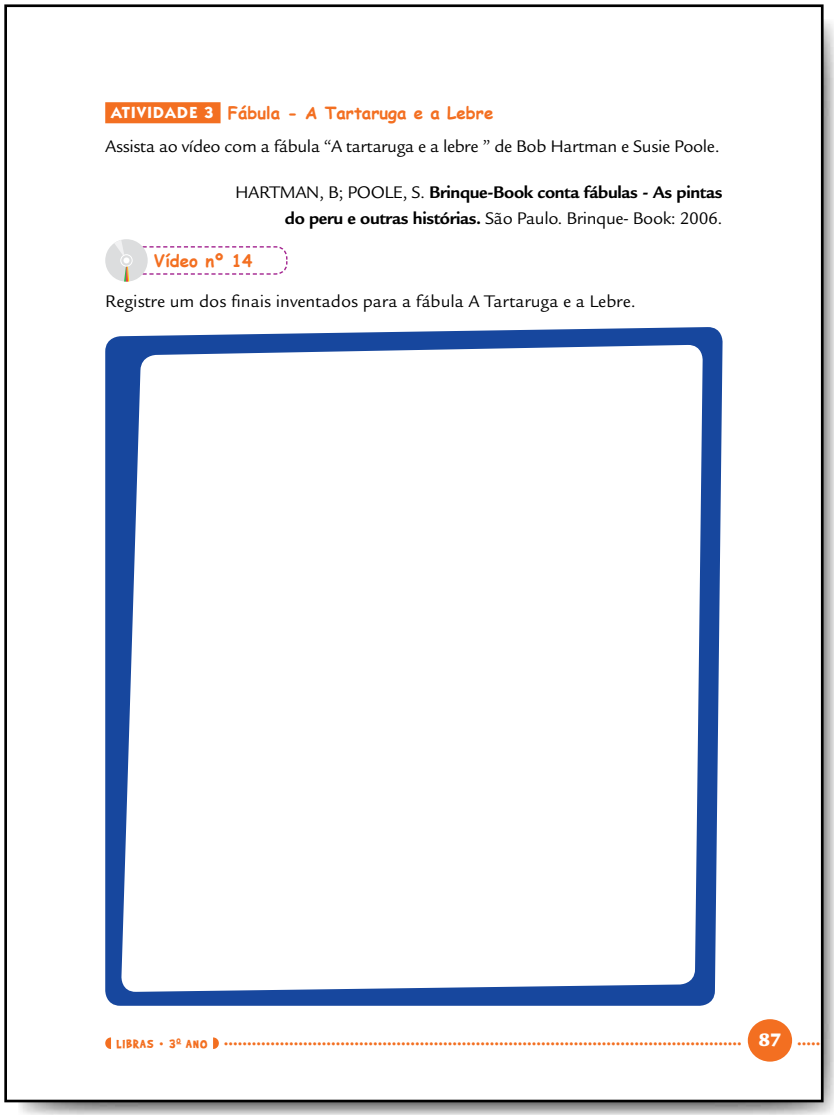
LIBRAS • 3º ANO 85

3) Desenhe a personagem descrita pelo seu colega.

FÁBULAS

Objetivos

- Conhecer o gênero fábula.
- Utilizar expressão facial e corporal caracterizando os personagens.
- Movimentação de corpo marcando o discurso dos personagens.
- Conhecer e utilizar os advérbios de frequência (nunca, sempre, algumas vezes,) que aparecem nas fábulas.
- Descrever características físicas e psicológicas dos personagens.
- Utilizar os marcadores de tempo: passado, presente e futuro.
- Conhecer e utilizar os advérbios de frequência no dia a dia (nunca, sempre, algumas vezes), advérbios que aparecem nas fábulas.
- Perceber as características físicas e psicológica dos personagens.
- Utilizar marcadores para os personagens.



ATIVIDADE 3 Fábula - A Tartaruga e a Lebre

Assista ao vídeo com a fábula "A tartaruga e a lebre " de Bob Hartman e Susie Poole.

HARTMAN, B; POOLE, S. **Brinque-Book conta fábulas - As pintas do peru e outras histórias.** São Paulo. Brinque- Book: 2006.

Vídeo nº 14

Registre um dos finais inventados para a fábula A Tartaruga e a Lebre.

LIBRAS • 3º ANO 87

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo. Informe que se trata de outro tipo de texto. A fábula é uma das mais antigas maneiras de se contar uma história.

Será necessário contextualizar e definir as características do gênero fábula, mas reforce que, na maioria das vezes, os bichos são os personagens das histórias. Eles criticam alguns valores da sociedade da época, evidenciando a postura correta e a incorreta dos homens.

Peça aos alunos que contem situações que já aconteceram com eles e sejam parecidas com a fábula apresentada.

Filme os alunos contando fábulas. Faça um vídeo só com esse gênero narrado pelos alunos.

Peça para os alunos criarem outras fábulas evidenciando os valores da nossa sociedade.

Faça um concurso com uma versão renovada: Como seriam as fábulas do século XXI? Faça uma coletânea de versões e divulgue na escola.

Enriqueça o trabalho mostrando outros vídeos de fábulas INES volume 10 e Fábulas de Esopo – LSB Vídeo

ATIVIDADE 3
Fábula - A Tartaruga e a Lebre

Encaminhamento

Divida os alunos em dois grupos, para que inventem um final diferente, porém mantendo a moral da história. Solicite a cada grupo que apresente a sua versão da fábula.

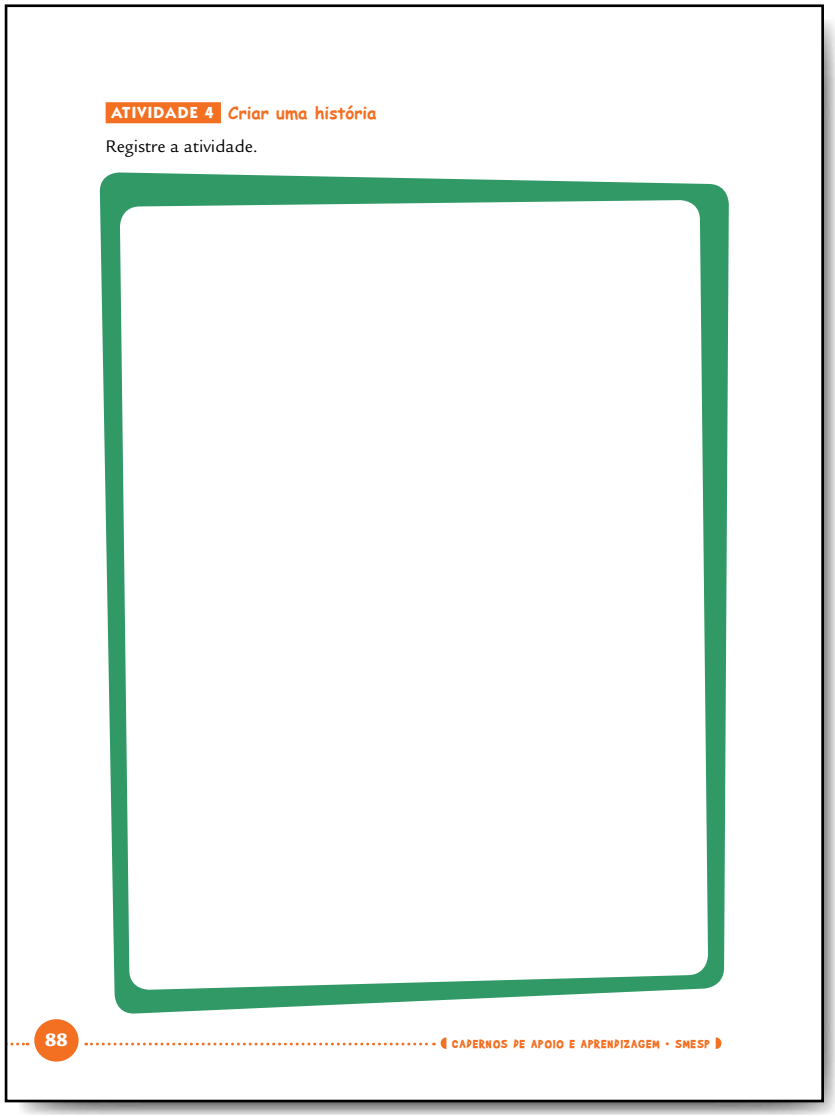
Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

ATIVIDADE 4
Criar uma história

Objetivos
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Cativar a atenção dos espectadores.
- Desenvolver a expressão facial e corporal.
- Organizar a narrativa.
- Desenvolver clareza ao se expressar.

Encaminhamento
Organize os alunos em duplas. Solicite que recortem de revistas figuras de pessoas, de um lugar, de objetos para criar uma história com elas. Quando terminarem, convide cada dupla a contar a história que criou.
Filme as histórias e reveja com os alunos a fim de avaliar e melhorar as performances.


ATIVIDADE 4 Criar uma história

Registre a atividade.

88 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 5
A Tartaruga e a Lebre
Teatro Improvisado

Encaminhamento

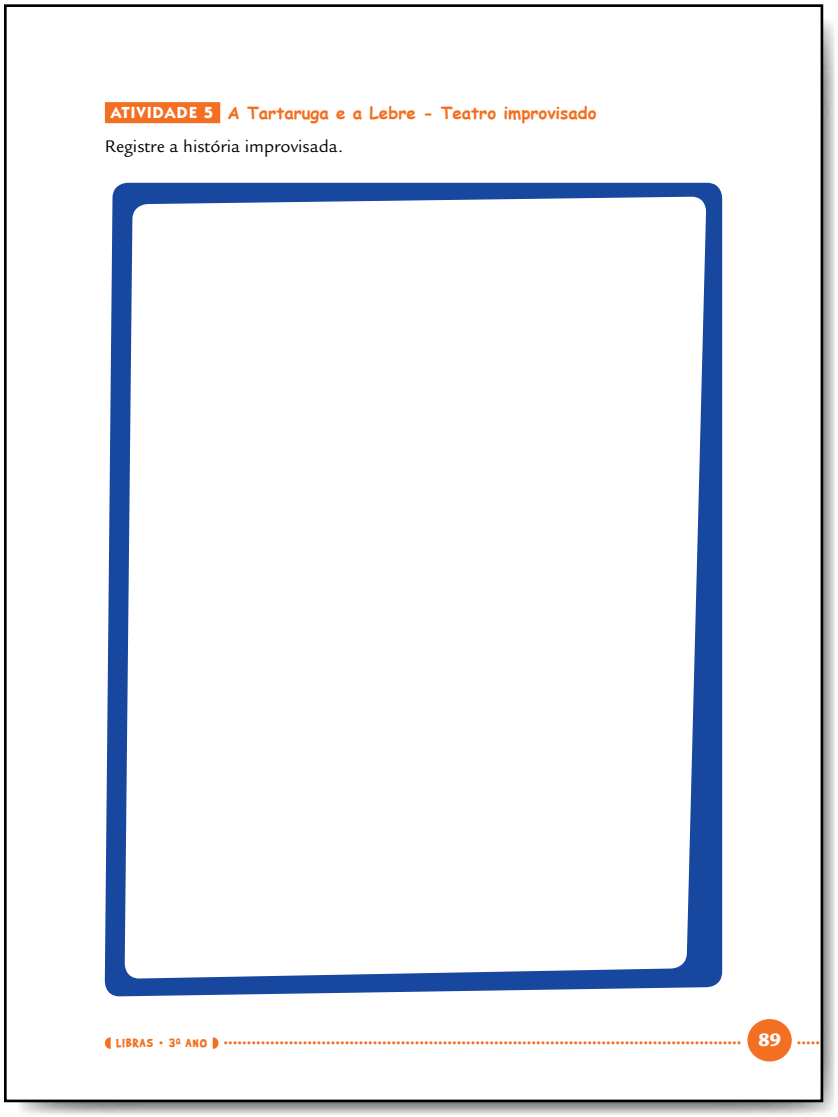
Escolha dois alunos para iniciarem a dramatização da fábula A Tartaruga e a Lebre.

Em seguida, introduza novas comandas improvisando situações problemas (ex: o coelho torceu o pé e rolou pela montanha abaixo). Peça a colaboração do grupo para solucionar a questão. O aluno que trouxer uma ideia para a solução do problema troca de lugar com o aluno que desenvolvia o papel de coelho na dramatização.

A história continua com os alunos improvisando novas ações. Improvise um novo problema (ex: um cão farejador está perseguindo a tartaruga. O que fazer?) Os alunos propõem soluções para o problema. O aluno que trouxe uma boa proposta troca de lugar com o colega que representava a tartaruga.

A história continua.Introduza outra situação problema (ex: no meio da prova, os bichos escutam um tiro).

E assim por diante.



ATIVIDADE 5 A Tartaruga e a Lebre - Teatro improvisado

Registre a história improvisada.

LIBRAS • 3º ANO 89

CONTO ACUMULATIVO

Contos acumulativos são histórias divertidas em que uma frase ou situação se repete pelo livro todo, favorecendo que a criança participe da história pela suposição do que vem a seguir. Dessa forma as crianças podem acompanhar com mais facilidade, além de estimular a memória ao repetir várias vezes a mesma estrutura. Trata-se de um tipo de história que se transforma em brincadeira à medida que os alunos participam do processo de contação.

Objetivos

- Observar as características próprias deste tipo de conto, oferecendo possibilidades de comparação de estruturas com outros tipos de contos.
- Exercitar a memória.
- Desenvolver vocabulário.

ATIVIDADE 6 Conto acumulativo - A Bola

Assista ao vídeo com história "A bola" interpretada por Sandro Santos Pereira.

Vídeo nº 15

Registre o conto acumulativo A Bola.

OUTROS TEXTOS

UNIDADE

7

VERBETE DE CURIOSIDADE

Objetivos

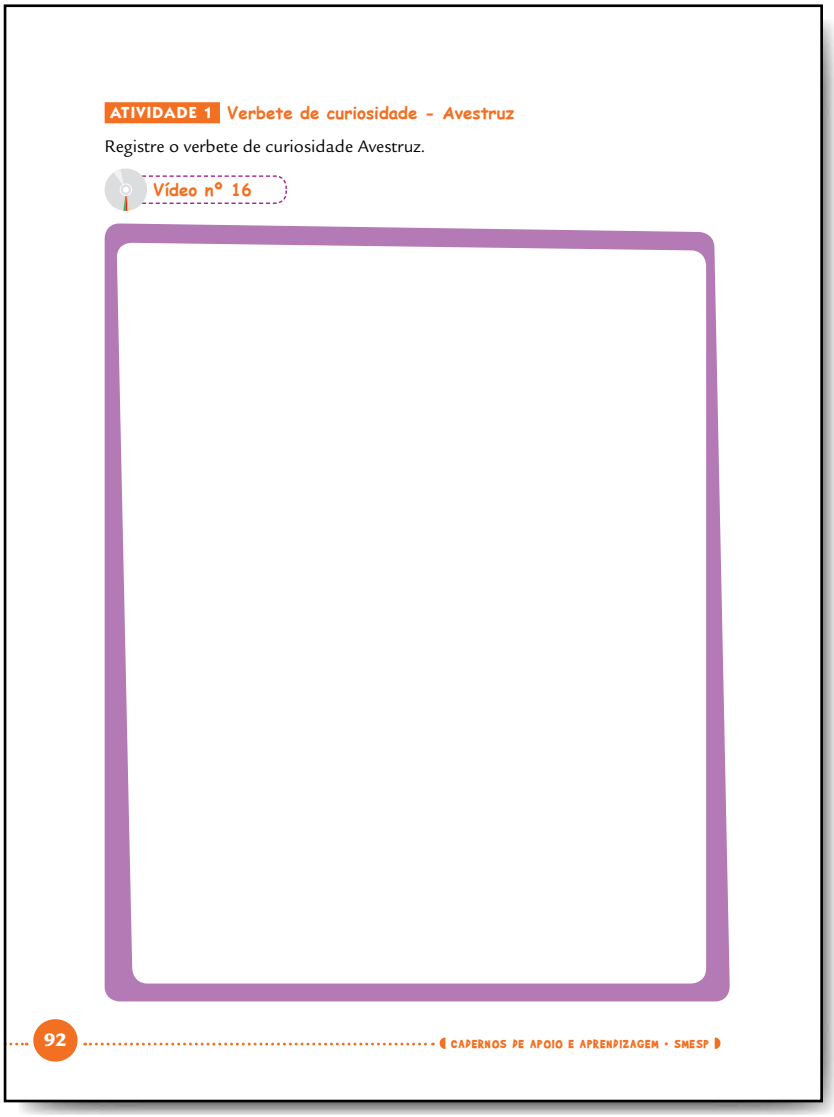
- Usar dicionários de Libras.
- Conhecer mais sobre diferentes animais.
- Conhecer novas possibilidades de expressão pela Libras.
- Conhecer o gênero verbete de curiosidade.

ATIVIDADE 1
Verbete de curiosidade Avestruz

Encaminhamento

Apresente aos alunos o vídeo, pergunte sobre o que trata, de que animal ele fala e qual sua especificidade. Repasse o vídeo, se necessário.

"O avestruz é a maior ave que existe. Mas ele não voa. Suas asas servem de proteção e ajudam o bicho a se equilibrar quando corre. Esse animal ama o calor. Ele consegue suportar temperaturas muito altas, de cerca de 55 graus centígrados. O alimento preferido do avestruz é um besouro que tem cor de metal. Por isso, tudo o que brilha chama a atenção dele e pode acabar comendo pregos, relógios e outros objetos por engano. O avestruz também engole areia e pedregulhos. Ele tem dois estômagos. Um deles digere os alimentos pela ação de enzimas. No outro, os pedregulhos ajudam a triturar o que não foi dissolvido pelas enzimas. Essa ave é tão gulosa que costuma colocar a cabeça em buracos para procurar mais comida. Ela não faz isso porque é tímida, não."


ATIVIDADE 1 Verbete de curiosidade - Avestruz

Registre o verbete de curiosidade Avestruz.

Vídeo nº 16

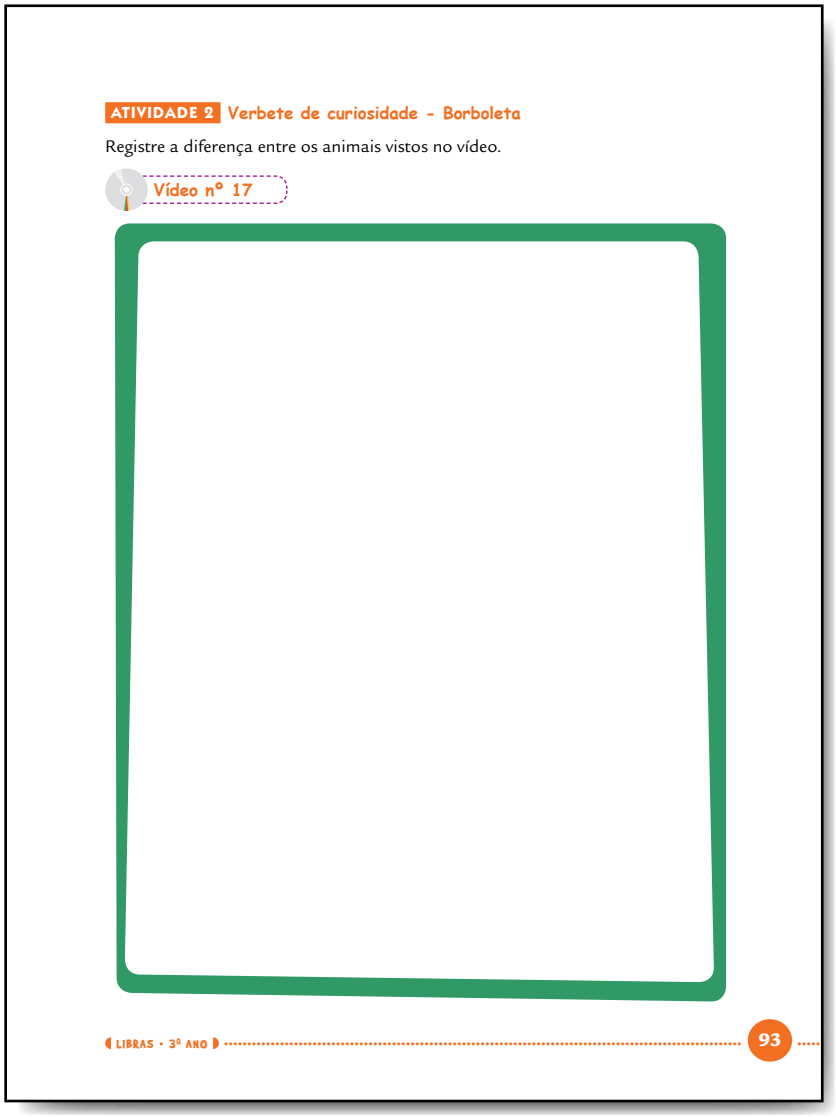
92 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 2
Verbete de curiosidade Borboleta

Encaminhamento

Escreva a palavra borboleta na lousa e conte para os alunos que esse será o tema da aula. Não faça o sinal da palavra, mas oriente os alunos para procurarem essa palavra no dicionário para descobrir o que é. Quando eles descobrirem, pergunte aos alunos o que sabem sobre as borboletas. Em seguida, apresente o vídeo. Pergunte sobre o que ele trata, de que animais especificamente fala e qual é a relação entre eles. Repasse o vídeo, se necessário.
Solicite aos alunos que representem no livro a situação apresentada pelo vídeo. Socialize no grupo os registros, para que haja discussão e oportunidade de todos revisarem o que fizeram.

"Você sabia que as cores metálicas das borboletas confundem os pássaros? O movimento rápido das asas desses insetos produz lampejos cintilantes que ofuscam os olhos das aves, deixando-as desorientadas e fazendo-as perder sua presa."


ATIVIDADE 2 Verbete de curiosidade - Borboleta

Registre a diferença entre os animais vistos no vídeo.

Vídeo nº 17

LIBRAS • 3º ANO 93

ATIVIDADE 3
Verbete de dicionário de Libras

Encaminhamento

Consulte a coleção Valores para a vida - Edição Especial para a Enciclopédia Britânica do Brasil, e escolha um dos livros, ou outra coleção semelhante que trabalhe com a explicação de um ou mais conceitos. Trabalhe com os alunos o conceito selecionado através da leitura do livro e discussão no grupo.

Utilize o site www.acessobrasil.org.br/libras, ou o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais, para consultar o sinal do conceito escolhido por você e seus alunos.

Leia para eles a explicação e proponha para o grupo refazer a explicação do significado do sinal, enfatizando os diferentes contextos em que ele pode aparecer e usando a criatividade para criar novas explicações.

Filme os alunos nesta atividade e socialize com outros grupos da escola.

ATIVIDADE 3 Verbete de dicionário de LIBRAS

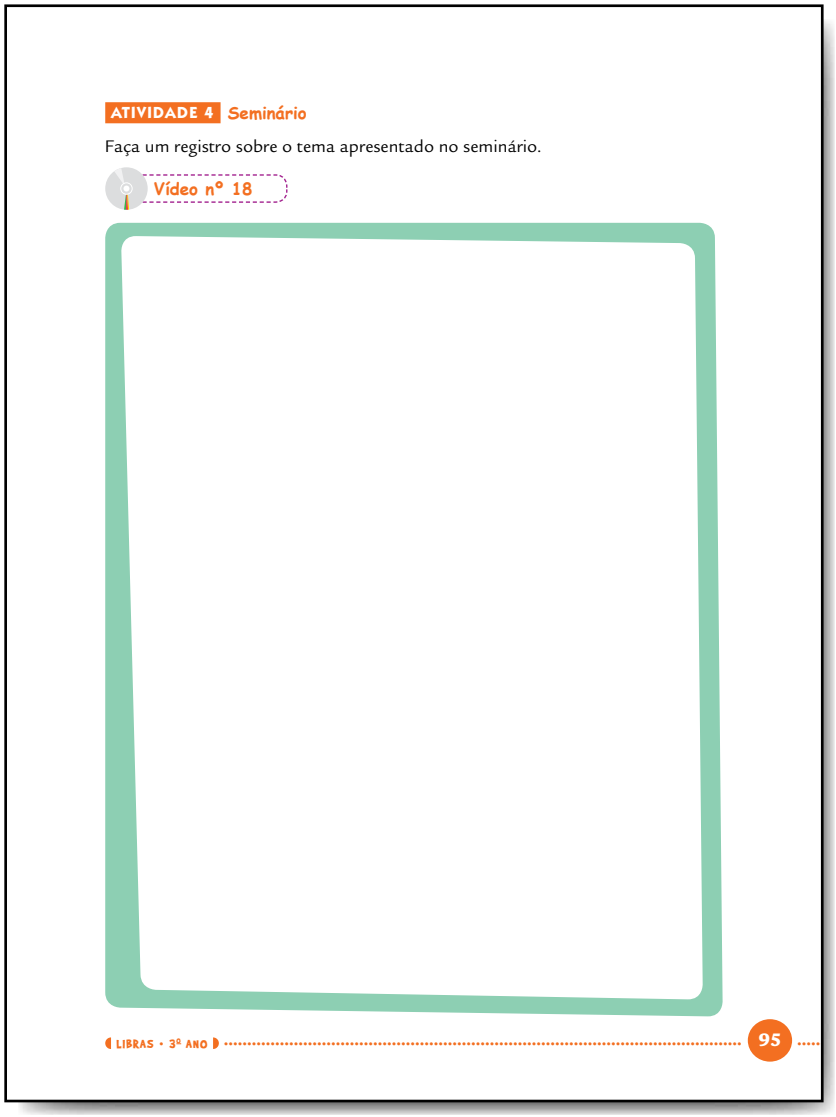
Faça um desenho que combine com o verbete do dicionário em Libras que você usou para fazer a atividade.

SEMINÁRIO

Objetivos

- Conhecer o gênero seminário e diferenciá-lo de outros gêneros.
- Aprender a pesquisar.
- Aprender a selecionar informações.
- Desenvolver reflexão e refacção de apresentação.
- Desenvolver atenção à apresentação.

ATIVIDADE 4
Seminário


ATIVIDADE 4 Seminário

Faça um registro sobre o tema apresentado no seminário.

Vídeo nº 18

LIBRAS • 3º ANO 95

Encaminhamento

Apresente o vídeo aos alunos. Converse sobre o conteúdo apresentado.

Proponha aos alunos a preparação de um seminário sobre um tema de interesse da turma. Defina para quem será apresentado o seminário (para a própria turma ou para outra).

Com os alunos, defina o que eles desejam aprender sobre o tema escolhido. Em seguida, oriente-os sobre como buscar as informações. Pode ser em enciclopédias, vídeos documentários ou na internet. Durante a pesquisa, é importante que os alunos registrem as informações que encontram.

Quando a pesquisa estiver terminada, ajude os alunos a selecionarem o conteúdo que desejarão apresentar considerando o público para quem será apresentado. Também se deve decidir como será feita a apresentação e o uso de recursos que apóiem quem está apresentando: pode ser um cartaz com ilustrações, um power point, ou outros recursos gráficos e visuais. Nesse caso, deve-se discutir e refletir sobre as imagens mais adequadas para a apresentação.

Após a produção do texto (oral), ofereça a possibilidade dos alunos treinarem. Os alunos apresentam sua parte enquanto os outros observam. Após cada apresentação, incentive uma reflexão sobre a apresentação (foi clara, tinha todas as informações importantes, faltaram detalhes ou foi longa demais), de modo que os alunos possam se aprimorar.

Após a apresentação oficial, faça uma avaliação da apresentação pelo grupo que se apresentou e por quem assistiu à apresentação.

ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Objetivos

- Conhecer textos com informação científica.
- Entender textos de divulgação científica.

ATIVIDADE 5
Artigos de divulgação científica - Borboleta

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta sobre o conteúdo apresentado. Verifique se entenderam e se conseguem explicar o que aprenderam. Discuta a veracidade da informação passada no vídeo e como diferenciá-la de narrativas fictícias.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

ATIVIDADE 5 Artigo de divulgação científica - Borboletas

Assista ao vídeo com a interpretação do texto "Por que é perigoso passar a mão nos olhos depois de tocar uma borboleta" de Mirna Martins Casagrande

Vídeo nº 19

Registre o que você aprendeu assistindo ao vídeo sobre as borboletas.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

ATIVIDADE 6 Artigo de divulgação científica - Nuvens Escuras

Assista ao vídeo com a interpretação do texto" Porque as nuvens de chuva são escuras" de Maria Assunção da S. Dias

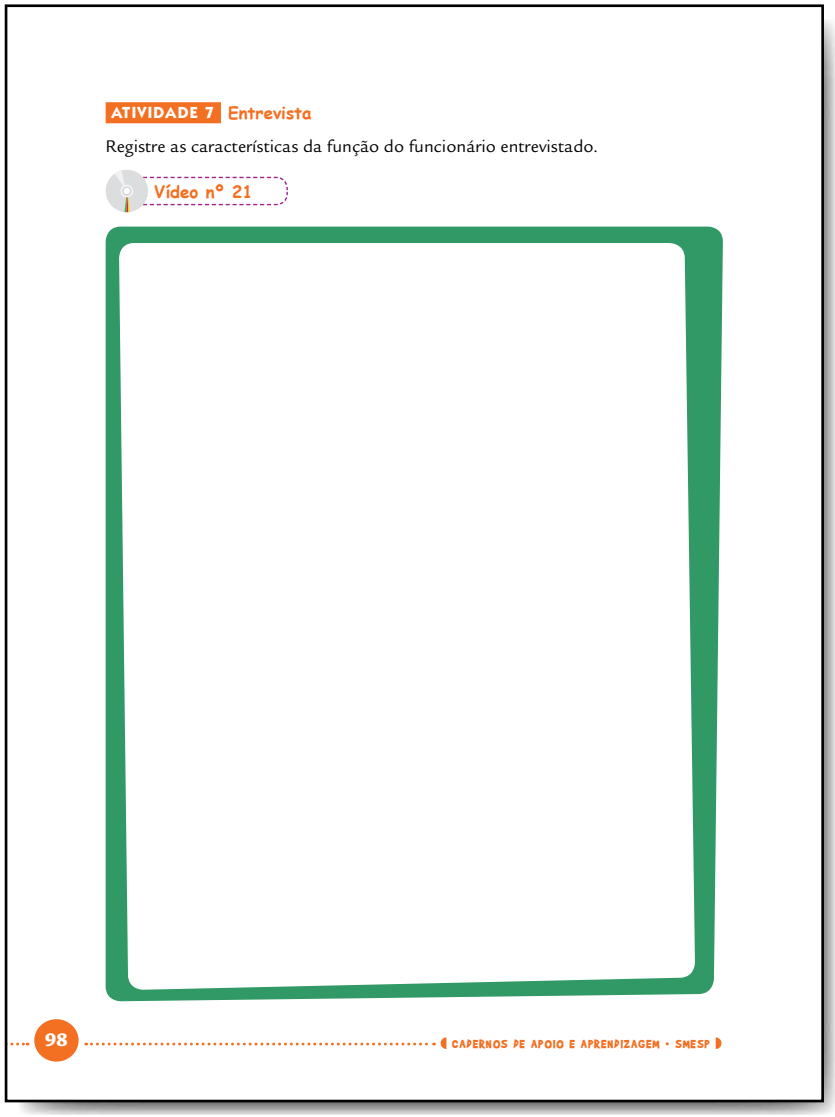
Vídeo nº 20

Registre o que você aprendeu assistindo ao vídeo sobre as nuvens.

ENTREVISTA

Objetivos

- Conhecer o gênero entrevista.
- Desenvolver a organização em interação com o outro.
- Usar sinais de cordialidade em situações formais (pedir licença, agradecer, etc).
- Refletir sobre adequação e pertinência de assuntos a serem tratados em função da situação.
- Entender a diferença e a relação entre a pergunta e a resposta.
- Fazer uso da expressão facial correspondente a verbalizações/colocações interrogativas, negativas e afirmativas.



ATIVIDADE 7 Entrevista

Registre as características da função do funcionário entrevistado.

Vídeo nº 21

98 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 7
Entrevista

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e converse sobre o que viram. Discuta as perguntas e respostas feitas, como se estruturou a entrevista, quanto tempo durou, etc.

Proponha aos alunos entrevistarem um funcionário da escola. Converse sobre os diferentes funcionários da escola e pergunte aos alunos quais são as funções de cada um. É interessante registrar as hipóteses dos alunos para revê-las ao final das atividades. Explique aos alunos que eles farão uma entrevista para saber mais sobre o papel dos funcionários da escola.

No caso de ser a primeira experiência dos alunos com entrevista, organize uma entrevista coletivamente. Oriente os alunos a escolherem um funcionário, pensarem nas perguntas adequadas a fazer (quais são suas responsabilidades, qual a formação necessária/até que grau a pessoa estudou). Ofereça um espaço para os alunos treinarem na sala de aula a entrevista e refletirem sobre pontos a serem modificados e melhorados, inclusive postura que se deve ter e clareza ao fazer uma pergunta. Retome os hábitos de cordialidade, que serão necessários ao conversar com o funcionário entrevistado.

Marque a entrevista. Ela pode acontecer no espaço de trabalho do funcionário ou pode acontecer na sala de aula. Filme a entrevista.

Assista a entrevista gravada e pergunte aos alunos o que acharam da experiência, se existiram falhas. Atenção para que nesse momento as criticas não sejam pessoais contra aquele que cometeu as falhas, mas que a discussão seja uma oportunidade de reflexão sobre o que é necessário para

fazer uma boa entrevista.
Depois, solicite aos alunos que façam um registro das características da função do funcionário entrevistado. Os alunos podem tirar fotos do local de trabalho deste funcionário, desenhar o sinal da sua função e elencar as suas responsabilidades.
Após a primeira experiência, proponha outra entrevista (de outro funcionário) que toda a turma organizará novamente ou divida a turma em dois ou três grupos, cada um responsável por entrevistar um funcionário diferente. Repita as etapas propostas para a primeira entrevista.
Se o funcionário escolhido para ser entrevistado não souber Libras, não cancele a entrevista e sim solicite que alguém faça o papel de intérprete para possibilitá-la.

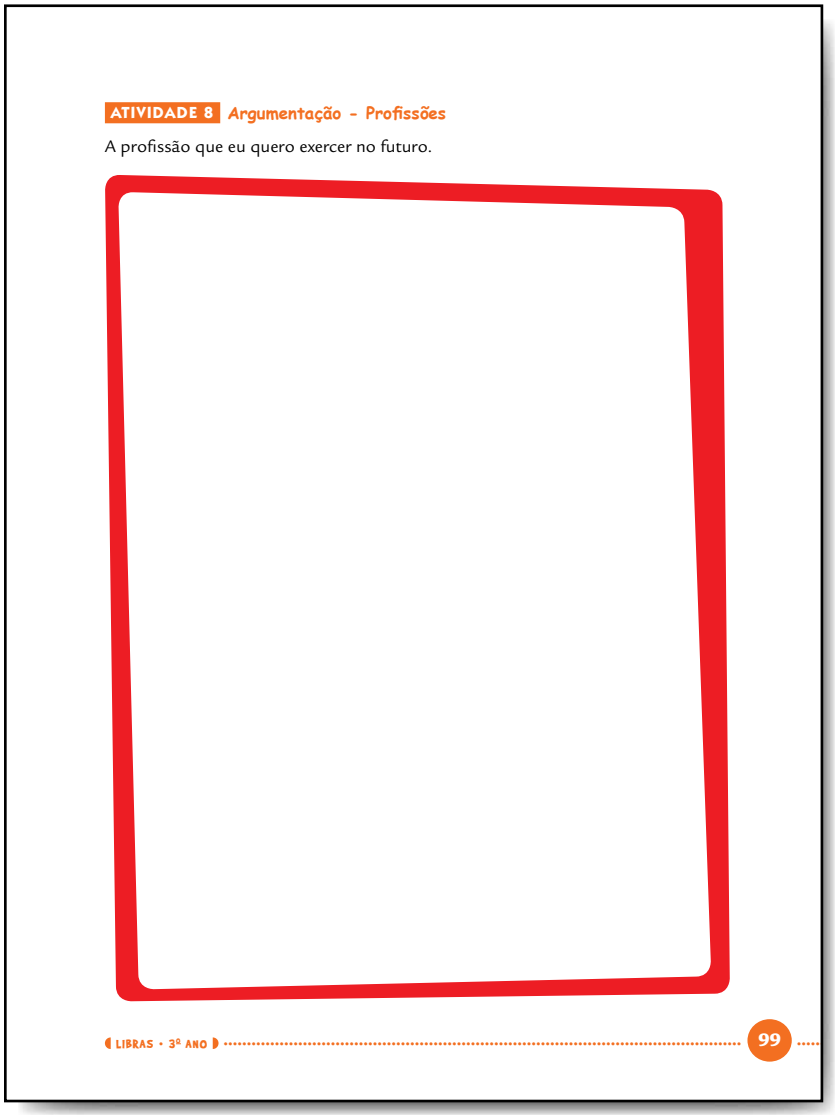
Dicas

- Oriente os alunos a organizarem um cartaz e prepare-os para apresentar um seminário sobre aquela função a colegas de outra turma
- Discuta com os alunos quais das funções estudadas um surdo pode ou não cumprir.

ATIVIDADE 8
Argumentação – Profissões

Objetivos

- Desenvolver a habilidade de Argumentação.
- Desenvolver noção de presente e futuro.


ATIVIDADE 8 Argumentação - Profissões

A profissão que eu quero exercer no futuro.

LIBRAS • 3º ANO 99

Encaminhamento

Oriente os alunos a pensarem sobre a profissão que gostariam de exercer no futuro, o motivo da escolha e quais as habilidades serão necessárias para isso. Peça que registrem a profissão escolhida no livro.

Dica

- Convide um surdo que trabalhe na escola, ou outro que tenha uma profissão desconhecida dos alunos, para falar sobre o seu trabalho aos estudantes.

CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS

UNIDADE

8

PIADA

Objetivos

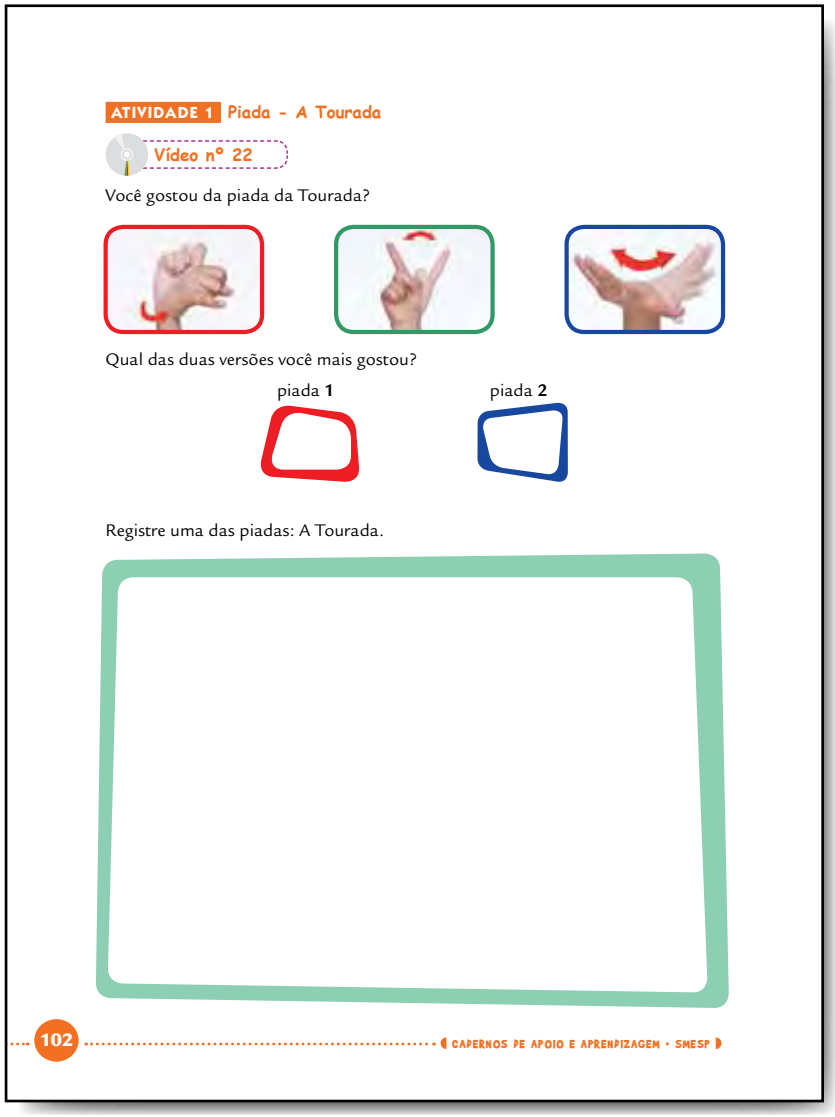
- Compreender piadas contadas entre pessoas surdas.
- Comparar a mesma piada contada por dois surdos diferentes.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo, informe que se trata de um tipo de texto com a função de divertir. Enfatize para o grupo que o riso é o termômetro que indica se as pessoas entenderam a piada e se esta foi engraçada.

Informe para os alunos o sinal de piada e explique que há piadas de surdos e de ouvintes. A elaboração das piadas tem diferenças, sobretudo nos aspectos visuais, que são marcantes nas piadas de surdos.

Peça que os alunos contem situações engraçadas que já aconteceram com eles.



ATIVIDADE 1 Piada - A Tourada

Vídeo nº 22

Você gostou da piada da Tourada?

Qual das duas versões você mais gostou?

piada **1**

piada **2**

Registre uma das piadas: A Tourada.

102 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 1
Piadas - A Tourada 1 e 2

Compare as duas versões da piada da Tourada. Discuta também o fato de a piada conter um personagem surdo (o touro), e como os alunos compreendem esse fato e que sentimentos isso provoca no grupo.

Dica

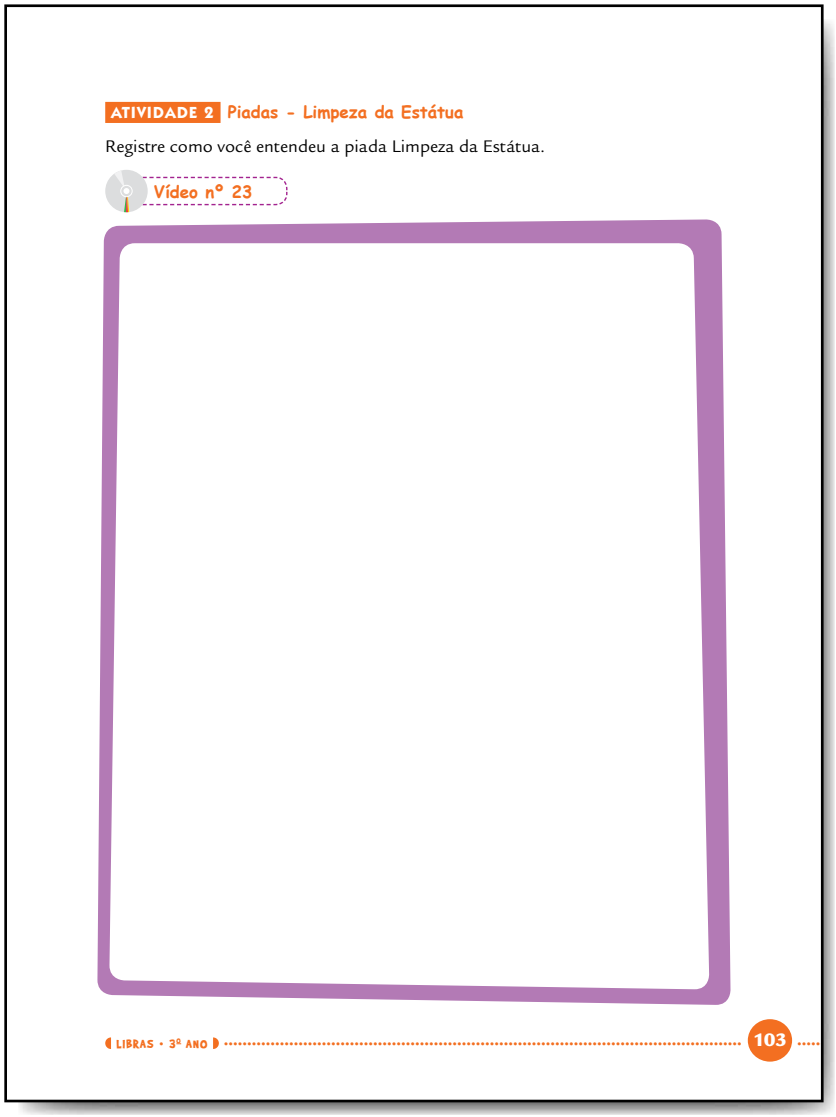
- Pesquise outras piadas contadas em Libras. Mas vale lembrar que antes de assistir qualquer vídeo com os alunos o professor deve tê-lo visto previamente, pois há muitos vídeos na internet cujo conteúdo não se adequa aos alunos nem ao ambiente escolar.

ATIVIDADE 2
Piada - Limpeza da Estátua

Assista ao vídeo da piada Limpeza da estátua, discuta com os alunos o que compreenderam e se acharam a piada engraçada.

Dica

- Filme os alunos contando piadas e faça um concurso. Mostre na escola e eleja a melhor piada.



ATIVIDADE 2 Piadas - Limpeza da Estátua

Registre como você entendeu a piada Limpeza da Estátua.

Vídeo nº 23

LIBRAS • 3º ANO 103

POESIA

Objetivos

- Conhecer a poesia como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto poético.
- Apreciar poesia.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e das expressões faciais na realização dos sinais.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Sobre a subjetividade que envolve o trabalho com poesias, o importante a ser enfatizado no grupo é que não existe certo e errado: precisamos respeitar as diferentes formas de expressão de cada um.

ATIVIDADE 3
Poesia - Amor à primeira vista

ATIVIDADE 3 Poesia - Amor à primeira vista

Assista ao vídeo com a poesia "Amor à primeira vista" de Márcio Pereira.

Vídeo nº 24

104 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Encaminhamento

Apresente o vídeo da poesia de modo que todos possam ver a projeção com qualidade e discutir em grupo. Apresente a poesia para o grupo quantas vezes houver solicitação dos alunos, para que possam apreciar o texto. Discuta as características do texto poético distintas da narrativa, do texto instrucional, etc, levantando comparações entre os tipos de texto.

Incentive os alunos a recitar a poesia, para memorizá-la.

Dica

- Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos comentem que se trata de um encontro de duas pessoas que se veem e se gostam, separam-se e reatam. Se isso não ocorrer, o professor pode formular perguntas a esse respeito.

ATIVIDADE 4
Poesia - Natureza

Objetivos

- Conhecer a história Natureza, como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto.
- Apreciar poesia.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e das expressões faciais na realização dos sinais.

Encaminhamento

Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos comentem que se trata de comparação entre o que os seres humanos fazem contra a natureza, explorando-a e destruindo-a, e as violências cometidas contra os surdos – que precisam lutar muito para conseguir que a sua língua seja respeitada e preservada. Se isso não ocorrer, o professor pode formular perguntas a esse respeito.

ATIVIDADE 4 Poesia - Natureza

Assista ao vídeo com a poesia "Natureza" de Nelson Pimenta da coleção Literatura em Libras da LSB Vídeo .

Vídeo nº 25

Desenhe o que você entendeu da poesia.

LIBRAS • 3º ANO 105

HISTÓRIA ABC

Objetivos

- Conhecer a história ABC como forma de manifestação artística da língua de sinais
- Compreender a temática trazida pelo texto.
- Apreciar poesia.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e das expressões faciais na realização dos sinais.

ATIVIDADE 5
História ABC - Futebol

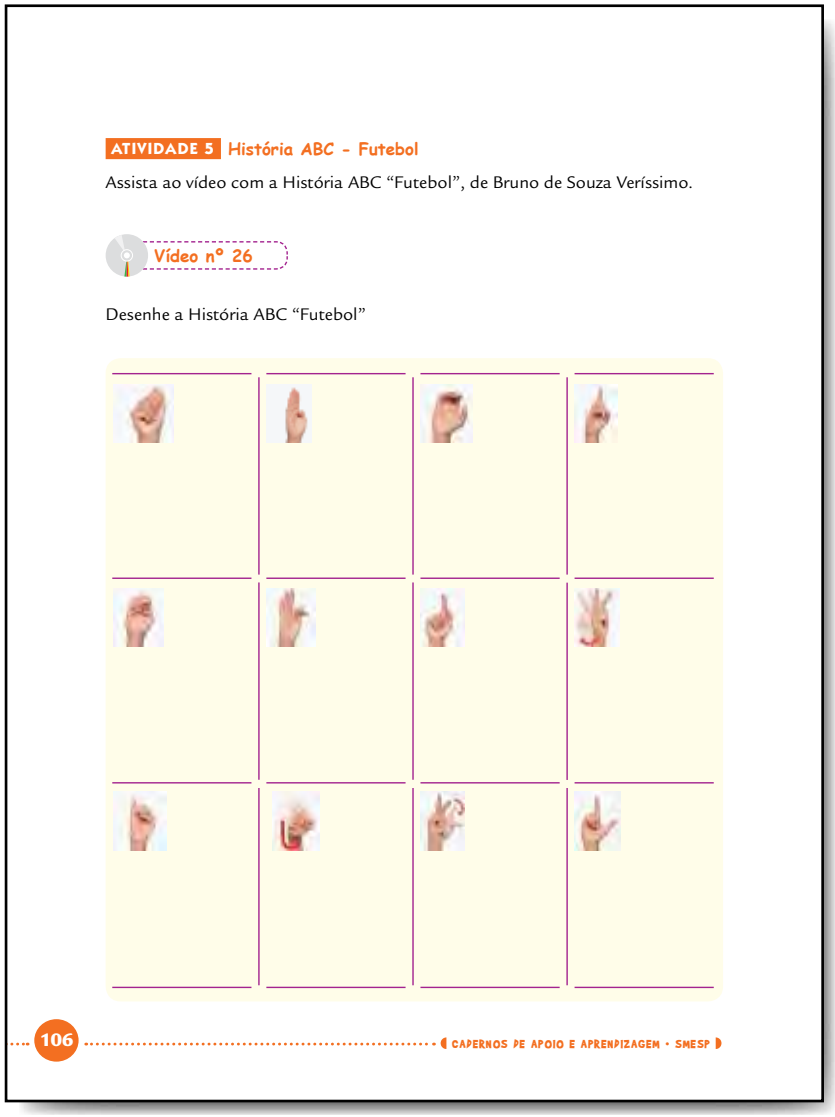
Encaminhamento

Apresente a história para o grupo quantas vezes houver solicitação dos alunos para que possam apreciar o texto. Converse com ele sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos comentem que se trata de uma história na sequência do alfabeto sobre a narração de uma partida de futebol. Se isso não ocorrer, o professor pode formular perguntas a esse respeito e tentar ajudar os alunos a estabelecer relações com esta temática. Explore as apresentações do alfabeto presentes na escola: mural, cartazes.

Discuta a forma de produção do texto, sua característica de narrativa obedecendo à ordem alfabética, levante comparações entre os tipos de texto.

Incentive o aluno a recitar a poesia, para memorizá-la. Às vezes, os sinais não são fiéis aos que se usam no dia a dia, mas isso ocorre porque o autor usa a língua com licença poética para produzir o texto de forma a respeitar a regra imposta pela ordem alfabética. Por isso é importante observar que essas histórias não devem ser julgadas sob o aspecto do certo e do errado, mas sim apreciadas como produto da inteligência e fluência dos surdos em construir alegorias artísticas com sua própria língua.

Proponha discussões para o aluno perceber se há diferença entre a forma poética que o autor usou para realizar o sinal na história e os sinais usados cotidianamente.



ATIVIDADE 5 História ABC - Futebol

Assista ao vídeo com a História ABC "Futebol", de Bruno de Souza Veríssimo.

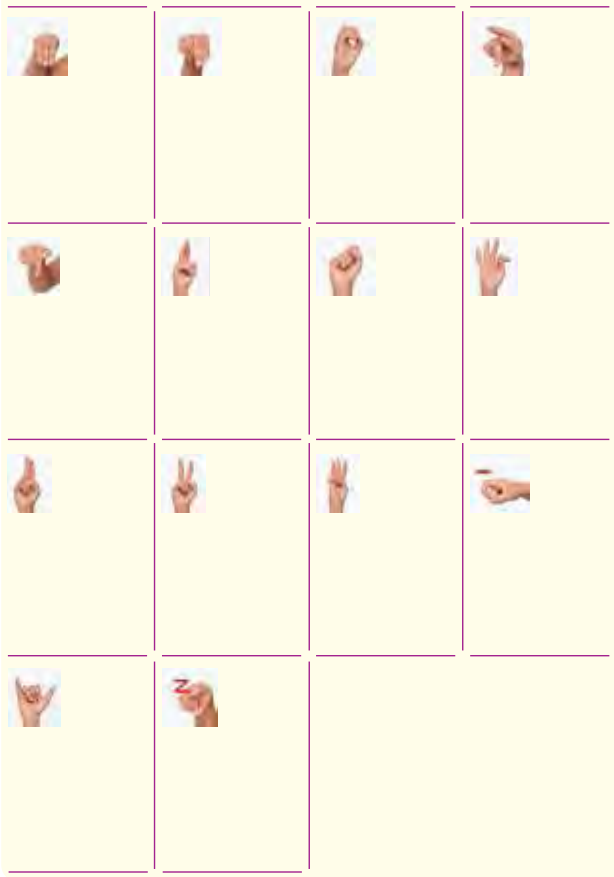
Vídeo nº 26

Desenhe a História ABC "Futebol"

106 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Dica

- Apresente os vídeos mesmo se o aluno estiver entrando na escola sem ter contato anterior com a língua de sinais, pois é muito importante que eles, desde muito cedo, acessem bons modelos linguísticos para que possam, aos poucos, construir seus próprios discursos.



ANEXOS

Unidade 5 – Atividade 6

Notícias

Turismetro

O Metrô de São Paulo é uma ótima opção de transporte na cidade. O passageiro encontra acessibilidade nas estações, banheiros adaptados e um serviço diferenciado ao público com deficiência, incluindo funcionários que se comunicam em Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Além disso, o Metrô oferece uma opção muito interessante e barata para quem quer conhecer a cidade e as atrações culturais. O TURISMETRÔ oferece 5 diferentes roteiros conduzidos por guias que contam a história da cidade e de alguns de seus principais pontos turísticos. A Estação Sé do Metrô é o ponto de partida de todos os roteiros. Para cada roteiro, é necessário apenas um bilhete de metrô.

Os 5 roteiros e as alguns pontos visitados são:

- **Liberdade** – Bairro com forte influência japonesa: Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, Rua Galvão Bueno e Praça da Liberdade.
- **Luz** – Região com importante complexo cultural da cidade: Estação da Luz, Museu da Língua Portuguesa e Pinacoteca do Estado.
- **Paulista** – Um dos principais cartões postais da cidade: Conjunto Nacional, Parque Trianon, MASP - Museu de Arte Moderna Assis Chateaubriand e Casa das Rosas.
- **Sé** – Centro da cidade de São Paulo e região com vários marcos históricos: Mosteiro de São Bento, Largo do Café, Páteo do Colégio e Catedral da Sé.
- **Teatro Municipal** – um dos principais teatros de São Paulo: Ladeira da Memória, Viaduto do Chá, Praça do Patriarca e Largo do São Francisco.

Redes Sociais

O crescimento das redes sociais na internet tem mudado o comportamento das pessoas e a forma que estão se comunicando umas com as outras. Hoje em dia é muito comum conversar com vários amigos ao mesmo tempo, compartilhar fotos e opinião sobre os mais variados assuntos, e ficar sabendo o que as pessoas estão fazendo por meio do seu perfil numa dessas redes. Estudo recente da audiência da internet aponta que a maioria das pessoas acessa uma rede sempre que está online. Conheça quais são as mais populares e o que oferecem ao usuário.

- **Facebook** – A maior rede social do mundo, tem quase 1 bilhão de usuários. No Facebook, as pessoas colocam suas preferências, compartilham fotos, comentam as postagens de seus amigos, organizam eventos e trocam muitas mensagens.
- **Orkut** – Criada em 2004, o Orkut foi a principal rede social do Brasil até bem pouco tempo. Sua funcionalidade é muito semelhante ao Facebook: permite compartilhar fotos, textos e opiniões.
- **Twitter** – Essa rede social é muito utilizada por celebridades e formadores de opinião. No Twitter, você escolhe quem tem interesse em seguir e passa a receber os twetts dessa pessoa, mas não permite o compartilhamento de imagens e as mensagens podem ter somente até 140 caracteres.
- **Windows Live** – Da marca Microsoft, oferece soluções interativas de mensagens instantâneas (antigo MSN), email (Hotmail), armazenamento de dados (SkyDrive).

Unidade 6 – Atividade 3

A Tartaruga e a Lebre

HARTMAN, B; POOLE, S. **Brinque-Book conta fábulas - As pintas do peru e outras histórias.** São Paulo. Brinque- Book: 2006.

A Tartaruga era lenta. Muito lenta.

Ela andava devagar. Falava devagar. Quando jantava, mastigava devagar todos os bocados, cem vezes ou mais.

A Lebre, ao contrário, era rápida. Muito rápida. Não andava, corria.

Falava tão depressa que os amigos mal entendiam o que ela dizia.

Quanto ao janta, bem, ela o engolia antes que os

demais pudessem sequer começar a comer.
A Lebre gostava de rir da Tartaruga.
- Molóide! – era assim que a chamava. E também Lesma e sra. Vagareza.
A Tartaruga aguentou esse tratamento por muito tempo (também demorava a ficar com raiva). Porém, um dia se cansou. Então virou-se para a Lebre e lançou-lhe um desafia (muito devagar, é claro):
- Então por que não aposta uma corrida comigo?
A Lebre se contorceu de tanto rir. Riu, riu, riu e gargalhou. Tudo num fôlego só.
- Ora, é claro que aposto uma corrida com você! – respondeu. – Vou correr tão depressa que você não vai nem me ver!
O dia da corrida chegou, e os amigos da Lebre se reuniram para saudá-la.
- Vou derrotá-la! Vou esmagá-la! Vou nocauteá-la! – a Lebre matraqueou. E falou tão rápido que os amigos só conseguiram dizer:
- Hã?
- Como?
- O que ela disse?
Ainda assim, deram-lhe um tapinha nas costas e a incentivaram.
Não havia ninguém para incentivar a Tartaruga, pois ninguém queria ser visto ao lado de uma perdedora.
Por isso a Tartaruga esperou pacientemente na linha de partida, alongando bem devagar uma perna e depois a outra, na esperança de evitar as dolorosas cãibras.
Por fim, alguém gritou:
- Um, dois, três e já!
A Lebre deu um salto e correu tão depressa que logo desapareceu atrás da primeira colina. A Tartaruga largou com dificuldade, uma perna depois da outra, mas determinada a fazer o melhor possível.
A Lebre percorreu quilômetros e mais quilômetros, deixando para trás carros, motocicletas e trens.
A Tartaruga se arrastava, passo a passo, parando de vez em quando para dar passagem aos caracóis.
Logo a Lebre avistou a linha de chegada. Uma multidão de animais estava do outro lado, esperando para cumprimentá-la. Em vez de cruzar a linha, porém, a Lebre decidiu dar uma última risada às custas da Tartaruga.
Ela acenou para a multidão, apontou a sombra de uma árvore e acomodou-se ali para um cochilo.
- Eles vão ver – ela riu. – Posso dormir meio dia e ainda assim vencer a Molóide!
Assim, a Lebre caiu no sono, enquanto a Tartaruga se arrastava.
A Lebre sonhou com a Tartaruga e suas quatro patas rastejantes. Sonhou com as próprias pernas, longas fortes e rápidas. Então sonhou com a corrida, a linha de chegada e a multidão barulhenta. De repente, não estava mais sonhando. Estava acordada! Mas a multidão continuava a fazer barulho.
A Lebre abriu os olhos e fitou os animais. Eles gritavam e agitavam as mãos acima da cabeça. Por que isso? Ela ainda estava debaixo da árvore! Foi então que a Lebre viu a Tartaruga – a apenas um passo da linha de chegada. A Lebre olhou para o sol. Ele estava quase inteiramente mergulhado atrás das colinas, pois ela tinha dormido e sonhado o dia inteiro!
A Lebre deu um salto e pôs-se em pé. E correu. Depressa. Quase voou. Mas a Tartaruga continuou se arrastando. E apesar de a Lebre ter acionado todos os músculos das pernas poderosas e compridas, a Tartaruga conseguiu cruzar a linha de chegada um passo à frente.
- Não é justo! – a Lebre reclamou. – Eu estava lá. Debaixo da árvore. Vocês me viram!
- Hã?
- Como?
- O que ela disse?
Todos correram até a Tartaruga e a ergueram no ar, dando vivas e gritando seu nome. A Lebre ficou sozinha, bufando, reclamando e cuidando de uma cãibra dolorosa.

Unidade 7 – Atividade 5

Artigo Científico
Por que é perigoso passar a mão nos olhos depois de tocar uma borboleta

Mirna Martins Casagrande

Borboletas são animais muito bonitos e coloridos. E todo mundo gosta de observá-las.
Algumas pessoas gostam de pegá-las para admi-

rá-las mais de perto. Mas aí, sempre surge alguém que diz: não toque na borboleta e passe a mão nos olhos, pois é muito perigoso. Vocês já ouviram isso? Será que isso é verdade? Tocar na borboleta e nos olhos é realmente perigoso?

É verdade, mas não é nada para criar pânico. Se você tocar numa borboleta e, em seguida, em seu olho, pode sim ocorrer uma irritação, mas nada que cause uma grande dor ou dano à sua visão. É só lavar com água limpa que tudo se resolve. Mas agora vem a questão: por que essa pequena irritação acontece?

As borboletas têm suas lindas asas revestidas por uma membrana, onde estão inseridas numerosas microescamas. Essas escamas se desprendem facilmente, por causa do vento ou o toque de alguém. Então, se tocamos uma borboleta e não lavamos a mão, essas escamas ficam em nossos dedos e, quando levados ao olho, causam a irritação. Interessante, não é?

Então, o melhor é observar as borboletas sem tocá-las. Melhor pra elas, que podem voar livremente e melhor pra gente, que mantemos nossos olhos em prefeita condição para admirar esse lindo inseto.

Unidade 7 – Atividade 6

Artigo Científico
Porque as nuvens de chuva são escuras

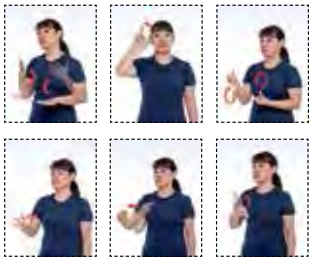
Maria Assunção da S. Dias

De fato, as nuvens mais escuras são nuvens de chuva. E elas são assim porque a luz não consegue atravessá-las. Essas nuvens atingem até 15 quilômetros de altura e têm, formando sua parte inferior, um círculo com dez a vinte quilômetros de diâmetro. E elas ficam a, mais ou menos, mil metros do chão. A luz solar, bate nessas nuvens e é quase toda refletida de volta para o espaço. Quem faz essa reflexão da luz são as pedrinhas de gelos e as gotas d'água que formam as nuvens. Uma parte da luz até passa para as camadas internas da nuvem, mas como essas de chuva são muito espessas, a luz não consegue atravessar tudo. Assim, a base da nuvem, que é o que vemos, fica escura. Então, estamos certos. Nuvem escura é sinal de chuva. E as nuvens brancas?

As nuvens que não são de chuva, são mais finas e a luz consegue entrar dentro delas e atravessá-las. Assim, vemos tudo clarinho aqui de baixo.

ANEXO 1 – Áreas do conhecimento.

ANEXO 2 – Advérbios de frequência.



ANEXO 3 – Configurações de mão.

ANEXO 4.

ANEXO 5 – Material para consulta: Alfabeto digital.

ANEXO 5 – Material para consulta: Números.